

***ACADEMIA PERNAMBUCANA
DE MEDICINA***

ANAIS

SAPIENTIA IN PROFUNDIS

Recife, 2010

ACADEMIA PERNAMBUCANA DE MEDICINA
Fundada em 17 de dezembro de 1970

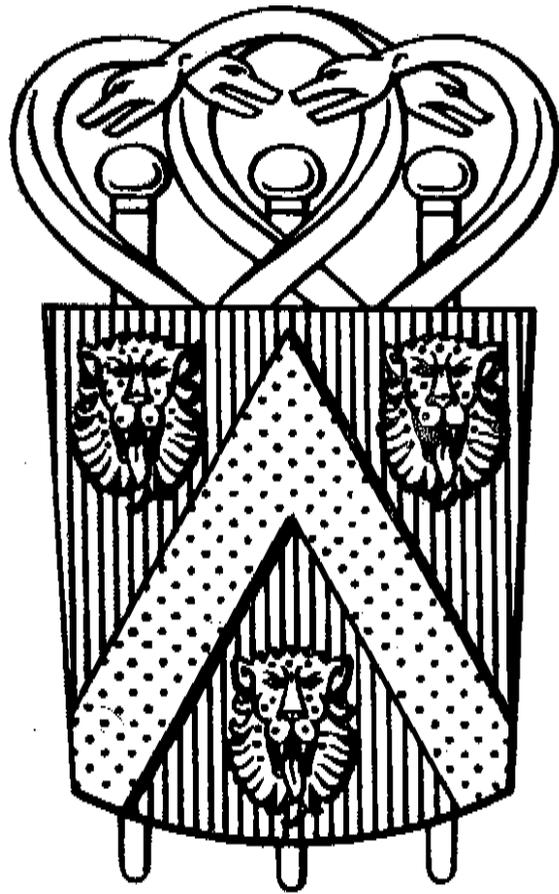
DIRETORIA E CONSELHO FISCAL
BIÊNIO 2010/2012

Diretoria

Presidente	Geraldo José Marques Pereira
Vice-Presidente	Edmundo Machado Ferraz
Secretário Geral	José Falcão
1º Secretário	Gentil Alfredo Magalhães Duque Porto
Tesoureiro	Gustavo Antônio da Trindade Meira Henriques

Conselho Fiscal

Efetivos	Rostand Carneiro Leão Paraíso - Presidente Antônio Simão dos Santos Figueira Filho Bertoldo Kruse Grande de Arruda
Suplentes	João Sabino de Lima Pinho Neto Hildo Rocha Cirne de Azevedo Filho Ester Azoubel Sales



Sapientia in profundis

Copyright© by Academia Pernambucana de Medicina

Revisão
Dos Autores

Produção Gráfica
Edições Bagaço
Rua dos Arcos, 150 • Poço da Panela
Recife/PE • CEP 52061-180
Telefax: (81) 3441.0132/3441.0133
Email: bagaco@bagaco.com.br
www.bagaco.com.br

Academia Pernambucana de Medicina, Anais v. VII 2000. -
Recife: A Academia, 2010.

Anual.
Os trabalhos abrangem a década de 2000.

1. Medicina - Periódicos.

61(05) CDU (2. ed.)
610.5 CDU (21. ed.)

IMPRESSO NO BRASIL - 2010

Sumário

Apresentação	7
Geraldo José Marques Pereira	
Prefácio	11
Fernando Pinto Pessoa	
Súmula da ata da primeira reunião da academia pernambucana de medicina realizada em 17 de dezembro de 1970.....	15
Cadeiras patronos titulares fundadores	17
Discurso de posse na Academia	19
Antonio Carlos dos Santos Figueira	
Saudação a Antônio Carlos dos Santos Figueira.....	27
João Guilherme Bezerra Alves	
Discurso de posse na Academia	37
Alcides Codeceira Júnior	
Saudação a Alcides Codeceira Júnior.....	45
Hildo Rocha Cirne de Azevedo Filho	
Discurso de posse na Academia	57
Reinaldo da Rosa Borges de Oliveira	
Saudação a Reinaldo da Rosa Borges de Oliveira.....	93
Edmundo Machado Ferraz	
Discurso de posse na Academia	103
Gilda Kelner	
Saudação a Gilda Kelner	123
Gentil Duque Porto	
Discurso de posse na Academia	129
Luiz de Gonzaga Braga Barreto	
Saudação a Luiz de Gonzaga Braga Barreto	139
Gentil Duque Porto	
Discurso de posse na Academia	145
Carlos Vital Tavares Correa Lima	
Saudação a Carlos Vital Tavares Corrêa Lima.....	155
Edmundo Machado Ferraz	

Saudação aos Homenageados, Eridan Coutinho, Oscar Coutinho Neto, Rostand Carneiro Leão Paraíso, José Paulo Cavalcanti Filho	167
Gentil Duque Porto	
O Bisturi e a Pena	175
Geraldo José Marques Pereira	
O Sábio Salomão.....	187
Gentil Duque Porto	
A Sociedade e a Construção do Sistema de Saúde	195
Nilzardo Carneiro Leão	
Professor Aluízio Bezerra Coutinho, Pensador e Homem de Ciência	215
José Eulálio Cabral Filho	
Charles Darwin: 200 anos	227
Acadêmico Edmundo Ferraz (Conferencista)	
Professor Ladislao Gati (Comentador)	
Professor Luiz Mauricio (Comentador)	
Centenário de Francisco Montenegro	279
Geraldo José Marques Pereira (Conferencista)	
Ana Carla Montenegro (Palavras de agradecimento)	
História da Cardiologia Pernambucana	289
Cláudio Renato Pina	
A História de um Obstinado Pesquisador: Andreas Vesalius.....	311
José Weydson Carvalho de B. Leal	
Uma Biblioteca pouco conhecida.....	323
Luiz de Gonzaga Braga Barreto	
Os Primórdios da Cirurgia Cardíaca em Pernambuco	331
Carlos Roberto Ribeiro Moraes	

Apresentação

Acadêmico

Geraldo José Marques Pereira



O número de agora dos anais corresponde ao ano de 2010 e é um volume especialmente esperado, pois que se vive o quadragésimo aniversário da instituição fundada por Fernando Figueira; nome que hoje nomeia a Casa, patrono como é. Foram 40 anos de muito trabalho, de uma luta diuturna em torno da ciência, sobretudo no enfoque da memória médica de Pernambuco.

Nos últimos 10 anos foi possível reunir os acadêmicos a cada mês, discutindo temas mais gerais e menos específicos – temas da atualidade –, promovendo debates e discussões os mais proveitosos. Prova disso foi o encontro sobre Aquecimento Global, assunto atualíssimo, cuja argumentação parece ter sido decisiva para a crença, cada vez mais firmada, do risco que vai se aproximando. Além disso, um evento a propósito da evolução das espécies, assinalando o bicentenário de Charles Darwin, publicado nesse número, deu margens à revisão dessa temática tão inquietante, permitindo uma saudável contenda entre as vertentes que defendem a origem da vida na perspectiva do criacionismo e a evolução dos seres vivos numa linha mais próxima do natural. Outras abordagens foram, igualmente, instigantes e puderam, como a anterior, resgatar grandes cientistas e atualizar as posturas.

De outra parte, tem sido comum assinalar as chamadas datas fechadas dos acadêmicos que se foram. Em 2010, Francisco Montenegro, médico fisiologista, humanista reconhecido e escritor teve o seu centenário lembrado, em sessão que reuniu muitos dos familiares e alguns amigos. Neste volume estão as exposições. O mesmo se diga de Antônio Figueira, cuja sessão deve sair

no próximo número. Essa é uma forma de se manter a imortalidade acadêmica. Nisso, destaque-se, de logo, as manifestações da eloquência acadêmica nas posses que estão nessas páginas, nos discursos dos neófitos e nos pronunciamentos dos paraninfos.

Espero que o leitor faça bom proveito.

Recife, novembro de 2010

Prefácio

Acadêmico

Fernando Pinto Pessoa



A Academia Pernambucana de Medicina, a Casa de Fernando Figueira, tem por objetivos principalmente contribuir para o progresso da medicina, colaborar com as instituições médicas e governamentais, promover os debates científicos e preservar a memória da medicina.

Trata-se de um organismo ímpar entre instituições médicas, que pela palavra do seu principal fundador Fernando Figueira: “procura promover pesquisas, cursos e trabalhos”.

Na minha mente tenho-a como uma casa nobre, que veio para dignificar e realçar o valor e o saber do médico, cientista comprovadamente produtivo e sobretudo ético nas suas ações.

A Academia Pernambucana de Medicina é também um órgão em estado de latência para consultas. Uma casa consultiva de clínicos, cirurgiões, cardiologistas, cárdiocirurgiões, neurocirurgiões, neurologistas, pediatras, psiquiatras, ginecologistas, biólogos, urologistas, administradores médicos, especialistas de laboratório e de patologia e outros, todos professores universitários de primeira classe.

The Academy of Medical Sciences do Reino Unido é uma casa de exemplo, onde os Fellows (ou acadêmicos) são selecionados de laboratórios médicos, da medicina clínica e cirúrgica, da ciência veterinária, odontológica e da enfermagem de alto nível, com base na força do trabalho da ciência médica de primeira grandeza. É um órgão de consulta, cujo Conselho de 23 Fellows recebe consultas do governo, do parlamento, de instituições de pesquisas, de caridade e da indústria, através de debates (simpósios, conferências etc).

A colaboração de que falam os estatutos da APM evidentemente subte o caráter consultivo da Casa de Fernando Figueira, que gloriosamente comemora no presente ano o seu jubileu de 40 anos de trabalhos fecundos. Não é um jubileu de ouro, de 50 anos, como na antiguidade hebraica, nem de prata, de 25 anos. Mas é um jubileu de aniversário de longo período, uma comemoração de 40 anos de existência.

Os anais aqui publicados têm o seu destaque em inúmeros trabalhos bem elaborados e discursos de posse e de saudação.

Afora os prolegômenos podemos resumir o volume deste livro em 6 discursos de posse e 6 de saudação, correspondentes aos acadêmicos Antônio Carlos dos Santos Figueira, Alcides Codeceira Junior, Reinaldo da Rosa Borges Oliveira, Gilda Kelner, Luiz de Gonzaga Braga Barreto e Carlos Vital Tavares Correia Lima; mais 6 conferências, de Nilzardo Carneiro Leão, Edmundo Ferraz, Geraldo Pereira e Ana Carla Montenegro, Cláudio Renato Pina Moreira e Weydson Leal; 4 artigos de Luiz de Gonzaga Braga Barreto, Carlos Roberto Ribeiro Morais, Gentil Porto e Geraldo Marques Pereira (discurso na SOBRAMES); e na saudação de Gentil Porto aos homenageados Eridan Coutinho, Oscar Coutinho Neto, Rostand Carneiro Leão Paraíso e José Paulo Cavalcanti Filho.

À APM pelo seu jubileu no próximo dia 17 de dezembro e a todos acadêmicos, autores e homenageados nestes Anais os nossos parabéns.

Recife, novembro de 2010

**SÚMULA DA ATA DA PRIMEIRA REUNIÃO
DA ACADEMIA PERNAMBUCANA DE MEDICINA
REALIZADA EM 17 DE DEZEMBRO DE 1970**

Em 17 de dezembro de 1970, às 20 horas, na sede da Sociedade de Medicina de Pernambuco, com a presença da Prof. Fernando Figueira, Prof. Bruno Maia, Dr. Pedro Veloso da Costa, Dr. Leduar de Assis Rocha e outros médicos, realizou-se a primeira reunião da Academia Pernambucana de Medicina. Com a palavra o Prof. Fernando Figueira discorreu sobre os motivos da reunião dizendo que estava sendo criada naquele instante, a Academia Pernambucana de Medicina, instituição pela qual ele lutava há muito tempo. Falou ainda o Prof. Fernando Figueira que a nova entidade haveria de ter compromissos somente com a cultura médica e o seu significado para a comunidade. Ficou constituída na oportunidade, por aclamação, a primeira Diretoria-Provisória: Presidente: Prof. Fernando Figueira. – Vice-Presidente: Prof. Bruno Maia – Secretário: Dr. Leduar de Assis Rocha – Tesoureiro: Dr. Pedro Veloso Costa. Foi lavrada a ata e assinada por todos os presentes.



ACADEMIA PERNAMBUCANA DE MEDICINA

CADEIRAS PATRONOS TITULARES FUNDADORES

1 Armando de Meira Lins	Fernando Jorge Simão dos Santos Figueira
2 Joaquim de Souza Cavalcanti	Antonio Bruno da Silva Maia
3 Amaury de Medeiros	Gilberto da Costa Carvalho
4 João Alfredo da Costa Lima	Pedro Veloso da Costa
5 Antonio Peregrino Maciel Monteiro	Leduar de Assis Rocha
6 Ulysses Pernambucano	João Marques de Sá
7 Pirajá da Silva	Orlando Parahym
8 Octávio de Freitas Herodoto	Novelino Pinheiro Ramos
9 Bandeira Filho	Albérico Dornelas Câmara
10 Gouveia de Barros	Waldemir Soares de Miranda
11 José Correia Picanço	Antonio Simão dos Santos Figueira
12 Adolpho Simões Barbosa	Jamesson Ferreira Lima
13 João Marques	Nelson Ferreira de Castro Chaves
14 Francisco Clementino	José Rodrigues
15 Eduardo Jorge Wanderley Filho	Cesar Montezuma
16 Arnóbio Marques	Perseu de Castro Lemos
17 Malaquias Gonçalves	Romero da Gama Marques
18 Ermínio César Coutinho	Amaury Domingues Coutinho
19 João Amorim	Ovídio Montenegro
20 Guilherme Piso	Aluizio Bezerra Coutinho
21 Martagão Gesteira	Maria Helena de Moura Leite
22 Selva Junior	Martiniano Fernandes
23 Luiz Resende Puech	Berilo Pernambucano da Costa
24 Antonio Austregésilo	Euclides Leite
25 Oswaldo Cruz	Waldemar de Oliveira
26 Cosme de Sá Pereira	Arnaldo Marques
27 Juliano Moreira	José Lucena da Mota Silveira
28 Mário Ramos	Hélio Mendonça
29 Aggeu Magalhães	Raimundo de Barros Coelho
30 Eustachio de Carvalho	Manoel Caetano Escobar de Barros
31 Geraldo de Andrade	Hildenburg Lemos
32 Ernesto Silva	Marcionildo de Barros Lins
33 Heitor Carrilho	Arnaldo Di Lascio
34 Emílio Ribas	Rinaldo Azevedo
35 Annes Dias	Djalma Vasconcellos
36 Monteiro de Moraes	Djair Brindeiro
37 Carlos Chagas	Ruy João Marques
38 João Rodrigues	Arthur Barreto Coutinho
39 João Alves de Lima	Salomão Kelner
40 Barros Barreto	Bertoldo Kruse

41 Edgar Altino
42 Jorge Medeiros
43 Gervásio Melquíades da Silva
44 Jarbas Pernambucano
45 Coelho de Almeida
46 Josué de Castro
47 José Amaro
48 Victor Rodrigues
49 Isaac Salazar
50 Manoel Arruda da Câmara

José Nivaldo
Nicolino Limongi
Manoel Ricardo da Costa Carvalho
Luiz Tavares
Ferreira dos Santos
Orlando Onofre
Lessa de Andrade Milton Sobral
Miriam Kelner
Sílvio Paes Barreto
Adonis Carvalho

Discurso de posse na Academia

Acadêmico

Antonio Carlos dos Santos

Figueira

Recife, 12 de fevereiro de 2009



Assumir a presidência do IMIP é um momento pleno de memórias, alegria, emoção, orgulho e fundamentalmente de extrema responsabilidade. Conheço o IMIP desde a mais remota idade, quando acompanhava aqui dentro, ainda criança, os passos do seu fundador, o meu pai Fernando Figueira.

Honra maior não receberei em toda minha existência do que ser presidente desta Casa, que é orgulho de todos os pernambucanos. Esse orgulho advém não só pela sua trajetória vitoriosa, mas pela nobre missão que abraçou no seu nascedouro e que persiste até hoje: assistir os desvalidos com qualidade e humanismo, necessitando para tanto de praticar o ensino pelo exemplo e a pesquisa aplicada.

Esta honra é maior ao lembrar as palavras do fundador do IMIP, o Prof. Fernando Figueira quando dizia: “O IMIP é uma criação de Deus, sendo eu apenas um instrumento de Sua vontade”. Esta honra se traduz também quando vem à minha mente os dizeres de um grande incentivador do IMIP, o sempre reverenciado Dom Hélder Câmara: “Nesse nosso Nordeste, o IMIP é uma benção divina”, ou ainda as palavras de Nelson Chaves: “No IMIP não há lugar para a medicina comercializada, tão predominante atualmente. Aqui se faz a medicina Hipocrática, na qual existem coração e mente”.

Somos sabedores da imensa responsabilidade que ora assumimos, e dela não nos afastaremos jamais. Somos conscientes do desafio permanente que é manter, em uma região periférica como o Nordeste brasileiro, uma instituição voltada exclusivamente para servir à

vasta parcela dos menos favorecidos. O saudoso Prof. Salomão Kelner, em reunião da Academia Pernambucana de Medicina, já alertava para esse desafio, ao referir-se assim a seu colega de turma, Fernando Figueira: “nesse século, Fernando é um dos três expoentes da nossa classe, antes dele os mestres Otávio de Freitas e Amaury de Medeiros. Mas, o grande mérito de Fernando não foi criar o IMIP, mas sim, mantê-lo”.

É preciso muita determinação para isto, e esta o IMIP possui: a possui pela missão que o norteia; pelos exemplos dos que aqui trabalharam e não mais se encontram entre nós; pelos testemunhos de milhares de nordestinos sobre o seu trabalho; é fruto também da colaboração e boa vontade dos mais de três mil funcionários e quatrocentos voluntários que, tocados pela mística do IMIP, abraçaram esta Casa, e dela cuidam como se sua fosse. E finalmente quero dizer que o IMIP possui determinação por não ter patronos nem donos.

No IMIP, aprendi como estudante e depois como residente da Pediatria. Foi no IMIP onde iniciei minha vida profissional, como médico plantonista da emergência e da neonatologia e posteriormente preceptor nas enfermarias, passando em seguida a assessorar o então superintendente Orlando Onofre, de saudosa memória e com o seu falecimento, assumi o cargo que até hoje ocupo.

Portanto, tive a oportunidade de trabalhar com todos os ex-presidentes do IMIP: começando com o fundador desta instituição Prof. Fernando Figueira, passando por Dr. Carlos Santos da Figueira, Prof. Bertoldo Kruse e

finalmente o Dr. Raul Cunha o qual, neste instante passo a suceder. Com todos eles tive uma relação de respeito, admiração e comunhão no tocante às orientações dos destinos do IMIP.

Conheci de perto a grande contribuição que todos eles deram e esta é a razão do peso da responsabilidade. E é por estarmos alicerçados nos pilares da trajetória dos 48 anos do IMIP, que posso vislumbrar um horizonte promissor para a nossa instituição.

O IMIP idealizado e fundado por Fernando Figueira e amigos, vicejou durante todos estes anos, com o esforço de todos os que por aqui passaram ou que de alguma forma colaboraram. O IMIP cresceu, expandiu-se física e funcionalmente, sem nunca se afastar da sua essência filosófica e do seu conteúdo humanístico.

No IMIP se cultiva um espaço de equilíbrio entre a Liberdade e a Criatividade com a Organização e o Respeito. Multiplicam-se aqueles de ambições generosas, que crêem na utopia de que a verdadeira tarefa é mudar o mundo. Que desejam para a vida um sentido diferente da dominação e da injustiça. Embora muitos não saibam, concordam plenamente com o filósofo Bertrand Russel no seu livro “Caminhos propostos para a Liberdade”, quando afirma: “Um mundo em que o espírito criativo está vivo, no qual a vida é uma aventura cheia de esperança e de alegria, baseada no impulso de construir e não no desejo de reter o que se possui ou de tomar ou desejar o que os outros possuem”.

É no trabalho de cada um dos imipianos que sentimos o alento do mundo que devemos permanentemente

buscar. Mundo no qual o amor está livre da dominação e da crueldade, que a inveja seja dissipada pelo desenvolvimento das virtudes que erguem a vida e conferem a ela o seu verdadeiro esplendor. Este caminho não deixaremos de trilhar. Não nos afastaremos da nossa missão institucional, jamais.

Mas, ao mesmo tempo em que nos apoiamos na nossa bela história, temos a difícil tarefa de pensar no nosso futuro, como o IMIP continuará utilizando a sua energia original, para persistir no seu objetivo primordial de assistir às famílias carentes da nossa região. Parece-nos claro que na era do conhecimento, nossa diretoria de pesquisas está desafiada a produzir conhecimentos e desenvolver inovações autóctones e se relacionar em rede com outros centros de pesquisas, aqui e no exterior, para se apropriar dos saberes necessários e traduzi-los em qualidade de vida para o nosso povo.

A assistência deve, cada vez mais, ser humanizada, atualizada, sabendo aplicar de maneira equilibrada, adequada e racional os recursos tecnológicos disponíveis.

No Ensino, devemos nos manter atualizados com as inovações pedagógicas e nos qualificar cada vez mais para formarmos em todas as áreas da saúde cidadãos competentes, éticos, críticos e participativos para ocuparem os seus lugares de futuros profissionais e dirigentes desta exitosa instituição.

Portanto é com uma assistência cada vez mais imipiana, com um ensino inovador e comprometido socialmente, e com uma pesquisa produtora de conhecimentos e bens que deveremos enfrentar os desafios vindouros.

Recorro às palavras do médico Valdir Pedrosa, ex-diretor desta Casa, proferidas por ocasião da solenidade de 25 anos do IMIP: “O IMIP é uma força. Viva e vivificante. Inteira afirmação. Que transcendeu o regional e o nacional. Venceu limites. Plantou fronteiras além. Como? Pelo ideal de todos os momentos transmutado no real de todas as horas por seu criador. Pela fé e operosidade deste, que aglutinador de vontades, impulsionador de vocações, sabendo amar, admirar, querer – ajuntou, adicionou, somou. E falo aqui, do IMIP. E faço aqui, a louvação do pai e a louvação do filho. Faço aqui a louvação do Professor Fernando Figueira e a louvação do IMIP”.

E, ao assumir a presidência do IMIP, acrescento eu, louvo a Deus por ter me permitido conviver com o pai generoso, o médico humanista, o educador exemplar, o homem público singular, o realizador ousado e o sonhador de um mundo mais justo e fraterno.



**Saudação a Antônio Carlos
dos Santos Figueira**

Acadêmico

João Guilherme Bezerra Alves

Recife, 12 de fevereiro 2009



Diz a mitologia grega que Midas, filho de Gordio, eleito rei pelos camponeses, por ter dado acolhimento e tratado bem a Sileno, mestre e pai de criação do deus Baco, escolheu por recompensa o dom de tudo em que tocar virar ouro. Seu pedido foi atendido, muito embora Sileno, pai do deus Baco, tenha ficado contrariado pois achou uma péssima escolha. Midas foi feliz até o momento em que percebeu que não podia mais comer, pois toda comida que tocava se transformava em ouro.

Midas passou a odiar seu poder e pediu ao deus Baco para livrá-lo daquela situação. Baco atendeu ao pedido e disse para Midas se lavar em um riacho e assim, acabar com o seu poder de tudo em que tocar virar ouro. Midas então se livrou daquilo e passou a ser um camponês, a odiar as riquezas. Com essa história da mitologia grega, gostaria de fazer uma analogia com o nosso homenageado de hoje, o novo acadêmico Dr. Antonio Carlos dos Santos Figueira.

Tal qual o rei Midas, em tudo que toca se transforma. Não em ouro ou riquezas materiais para si ou os seus, mas em ação social, verdadeiramente o bem comum, saúde, saúde para os mais desfavorecidos de nossa região, assim contribuindo para diminuir os seus sofrimentos. O que Dom Hélder Câmara escreveu, quase que profetizando sobre o IMIP, continua a ocorrer, antes sob a liderança de seu pai, Prof. Fernando Figueira, agora sob a liderança do seu filho, Dr. Antonio Carlos Figueira:

“Neste nosso Nordeste, o IMIP é uma bênção divina. Competência e devotamento se somam, oferecendo

aos pequenos enfermos, atendimento de hospital de primeira classe, com clima de lar. O IMIP valoriza as doações recebidas. Qualquer contribuição recebida é aplicada com inteligência, rendendo o máximo em favor dos mais necessitados. E tudo é coberto por uma ampla e quase tangível bênção de Deus”.

Em menos de uma década já podemos registrar: a maternidade e

Fundação Oscar Coutinho, a Escola Pernambucana de Saúde e a Escola Pernambucana de Medicina, o Hospital Pedro II, em fase adiantada do seu restauro, e iniciado há poucos meses, o hospital Dom Malan em Petrolina. Antonio Carlos dos Santos Figueira, nasceu no Recife em 1960, filho de Nancy Jordão dos Santos Figueira e Fernando Jorge Simão dos Santos Figueira. Seu pai foi um dos nomes mais importante da medicina brasileira no século XX, tendo dedicado toda sua vida à assistência aos excluídos, ao ensino, sempre com a preocupação de formar médicos (verdadeiros médicos de homens e de almas, solidários e éticos, a serviço dos mais necessitados e nos quais o social vinha antes do individual), além da pesquisa social, sempre revertida para as camadas mais necessitadas da sociedade.

Do seu pai herdou o amor ao ensino e a pesquisa de primeira qualidade, a defesa da parcela mais excluída da sociedade, afora o profissionalismo, a solidariedade, a coragem, o zelo com as coisas públicas, entre tantas outras qualidades do Professor Fernando Figueira. Entretanto, a sua principal herança, e grande responsabilidade, a que poucos homens poderiam abraçar, foi dar

continuidade e continuar a expandir a obra de seu pai. Para tanto se preparou cedo. Graduado em medicina no ano de 1985 pela Universidade Federal de Pernambuco, fez curso de especialização em saúde materno-infantil no Clap (Centro Latino Americano de Perinatologia) no Uruguai, residência em pediatria no IMIP, especialização em administração hospitalar pela Escola Nacional de Saúde Pública e mestrado em saúde materno-infantil pela Universidade de Londres no Reino Unido.

Esse jovem, ainda no final da década de 90, assumiu uma das maiores responsabilidades para um ser mortal: manter, consolidar e expandir um patrimônio social, o IMIP, que chega a atender, dentro dos verdadeiros princípios éticos da medicina, quase 10% da população de Pernambuco. Afora isso, Antonio Carlos Figueira tomou para si a responsabilidade de realizar outros sonhos do visionário Fernando Figueira, como a criação da escola médica do IMIP, o restauro com o retorno do funcionamento do centenário Hospital Pedro II como um hospital de ensino, ajudando o IMIP à melhor assistir não só a população materno-infantil, mas toda a família de forma integral, além da interiorização do IMIP, ou seja, a repetição de modelos do IMIP no interior do estado, em outros rincões.

Imagino Fernando Figueira, hoje já ao lado do criador, a quem sempre creditava o surgimento do IMIP e a sua manutenção, que o seu reino do céu começou a ser construído ainda aqui na terra, com a concretização de seus sonhos sob o comando de seu filho. Nosso homenageado é sim, senhores e senhoras, um realizador de sonhos do criador dessa casa, Fernando Figueira.

O IMIP hoje, sob a sua liderança e um grupo de abnegados, uns do tempo de seu pai e outros mais novos que aderiram a sua convocação, representa o maior complexo hospitalar filantrópico de ensino do Norte e Nordeste do Brasil. Para a manutenção e consolidação desse patrimônio, não poderia deixar de citar a ajuda de seus irmãos, verdadeiros guardiões do IMIP, Maria Silveira, Cristina, Paulinho e Manoel.

O IMIP é centro de referência nacional em diversas áreas da saúde, pelos Ministérios da Saúde e da Educação, Unicef e OPAS. Mantido exclusivamente com recursos do SUS e contribuições de colaboradores da sociedade, é exemplo único no Brasil. O IMIP tem hoje 820 leitos e 160 consultórios, atende a 500 mil pessoas carentes por ano. Quem vê o IMIP hoje, se espanta com o seu crescimento.

Em 13 de junho de 1960, existiam os sonhos do Prof. Fernando Figueira e a sua disposição para a luta, de criar um grande complexo hospitalar com apoio de unidades nas comunidades, da equidade na assistência, da garantia de uma assistência médica da melhor qualidade possível, de uma escola médica. Quis Deus que esse sonho fosse todo concretizado através de seu filho, Antonio Carlos Figueira.

Antonio Carlos Figueira liderou a criação da escola de graduação do IMIP, Escola Pernambucana de Saúde, hoje com cursos de medicina,

enfermagem, fisioterapia e psicologia. Tudo isso dentro de uma nova pedagogia, diga-se por passagem, já descrita pelo visionário Fernando Figueira nos anos

70, de um aprendizado centrado na comunidade ao qual o futuro médico se destina, no aluno e no doente, um ser concreto, com nome, história, amores e dissabores, e não na doença, ser abstrato, não audível, não palpável, não auscultado, não percutível, ou seja, a quem não se pode estabelecer uma relação de empatia, fundamental na relação médico-paciente. Enfim, a formação de um profissional plenamente humanizado, ético, capacitado de aprender a aprender, para assim melhor ajudar ao próximo, e habilitado para pensar criticamente a sociedade em que está inserido.

Presencia-se hoje, um episódio semelhante ao que ocorreu com esta casa, a Academia Pernambucana de Medicina, quando seu pai, bravamente, evitando que o prédio da antiga Faculdade de Medicina do Recife, a casa de Octávio de Freitas, passasse a ser um quartel da Polícia Militar, destinou esse prédio ao abrigo permanente da Academia Pernambucana de Medicina. Dr. Antonio Carlos Figueira usou da mesma obstinação de seu pai quando pleiteou veementemente junto à Santa Casa, a guarda do antigo Hospital das Clínicas Pedro II, patrimônio e história da medicina de Pernambuco, abandonado, quase em completa ruínas há mais de duas décadas. Peregrinou intensamente até conseguir todos os recursos que garantissem a viabilização completa do projeto de restauro desse hospital secular, a ser concluído no próximo ano, coincidentemente, o ano do cinquentenário do IMIP. Para São Tiago, a fé, se não for acompanhada de obras é morta, pois o homem é justificado pelas obras e não somente pela fé. Conclamo a todos uma visita ao Pe-

dro II para observarem “in loco” o que já foi feito e o que está sendo realizado naquele patrimônio da medicina de Pernambuco.

O novo modelo de gerenciamento que o IMIP exigia com o seu rápido e sólido crescimento, foi adotado pelo Dr. Antonio Carlos Figueira, após anos de amadurecimento e aconselhamentos com seu pai. Para tanto, seus conhecimentos de administração do bem público, foram ainda ampliados com a sua passagem na Secretaria de Saúde do Estado, quando então Secretário Adjunto, conheceu toda a rede de saúde do estado e as suas articulações, tanto com o Ministério da Saúde, como os gestores municipais e instituições internacionais. Tudo isso lhe permitiu implantar um modelo de gerenciamento dinâmico e participativo no IMIP, possibilitando um crescimento sustentável da instituição. Esse modelo, hoje, conforme um sonho antigo de seu pai, começa a ser implantado em outros rincões do Brasil. Afora as comunidades carentes da região metropolitana do Recife, onde o modelo do Programa do Agente Comunitário, pioneiramente implantado por seu pai no Brasil, assiste a quase 100.000 pessoas carentes, o modelo hospitalar do IMIP, de assistência, ensino e pesquisa começa a ser implantado, com sucesso, em Petrolina no Hospital Dom Malan.

Dr. Antonio Carlos Figueira, antes de finalizar, não poderia deixar de registrar o seu exemplo e testemunho de esposo e pai, pois apesar do

exíguo tempo que lhe sobra pelos afazeres públicos, demonstra toda dedicação e afetuosidade para com

a sua esposa, Adriana, e suas filhas, Maria Alice e Cecília, das quais acompanha de perto, com certo ciúme é verdade, toda a sua formação humanística e profissional.

Acadêmicos, senhores e senhoras, a cadeira número 1 da Academia Pernambucana de Medicina, criada por Fernando Figueira em 1970, continuará a ser ocupada por uma personalidade marcante, uma verdadeira Figueira. FIGUEIRA semelhante aquela citada por 43 vezes na bíblia. Figueira que serviu de vestimenta desde Adão e Eva após o pecado original quando estavam nus, Figueira que os hebreus sentiram falta de seus frutos no seu êxodo no Egito, Figueira que serviu de sombra no reino de Salomão, Figueira que foi alimento do povo hebreu quando do domínio pelos assírios, Figueira que no reino de Jônatas serviu de proteção contra os inimigos.

É essa figura de Figueira profícua, que não seca, Figueira que procura ajudar e dar abrigo a todos, que tenho a honra de saudar nesta

noite. Antonio Carlos dos Santos Figueira, seja muito bem vindo a essa casa, a casa de seu pai. Esta casa também lhe pertence.



Discurso de posse na Academia

Acadêmico

Alcides Codeceira Júnior

Recife, 16 de abril de 2009



Hoje é um dia marcante em minha vida. Aqui estou, ingressando na Academia Pernambucana de Medicina, por indicação de alguns de seus membros para ser um de seus integrantes. A admiração que tenho por esta Academia, onde encontro o que há de melhor na Medicina de Pernambuco, muito me orgulha e gratifica neste momento. Com muita honra, agradeço a distinção que me é conferida.

Desejo inicialmente prestar uma homenagem à memória do Dr. Eustachio Daniel de Carvalho e ao Prof. Manoel Caetano Escobar de Barros. O primeiro na qualidade de Patrono desta cadeira n.º. 30 da Academia Pernambucana de Medicina, que tão honrosamente exerceu a medicina por mais de 40 anos, marcando durante este período seu trabalho profissional, pela generosidade com que atendia os pacientes carentes que lhe procuravam. Além disso, era um amante da natureza. Residindo em Recife, fez de Olinda o centro de seu atendimento à população de baixa renda. Em 01/07/1905 tomou posse no cargo de Inspetor Sanitário, sendo promovido em 1908 para o cargo de Inspetor de Higiene, de onde saiu em 1917 para assumir a chefia do Laboratório do Instituto Vacinogênico, tendo em seguida ocupado a Diretoria do mesmo Instituto. Respeitado por seus colegas, pelas suas qualidades profissionais, retidão de caráter e nobreza de sentimentos, foi sempre admirado por seus clientes pela sua generosidade. Teve uma vida útil e cheia de realizações, dedicada ao bem estar da coletividade.

O Prof. Manoel Caetano Escobar de Barros, de quem fui aluno e grande amigo, e a quem me orgulho

em substituir na mencionada cadeira, nasceu em Recife e formou-se pela Faculdade de Medicina da antiga Universidade do Recife. Pelas mãos do Prof. Romero Marques foi levado à prática da cirurgia, permanecendo durante dez anos integrando a equipe médica daquele Professor. Por intermédio do Prof. Romero foi a Paris, onde passou 2 anos em treinamento no serviço do Prof. Clovis Vincent no Hospital de La Salpêtrière. Os dois anos que passou em Paris lhe foram proveitosos na medida em que desenvolveu um projeto de instalar no Hospital D. Pedro II um serviço de neurocirurgia. Tornou-se pioneiro nas regiões Norte e Nordeste, conhecido em todo o país e no exterior pelo acervo cultural que acumulou. Posteriormente voltou a Paris para reciclar-se e fez também estágio de um ano no “Queen’s Square Hospital” em Londres. Nos Hospitais de La Sapetrière e Queen’s Square se praticavam as melhores Neurologia e Neurocirurgia do mundo. Voltando ao Brasil, fez concurso para livre docente em cirurgia geral e a seguir em neurologia. Sua formação acadêmica foi concluída ao ser aprovado no concurso para prof. Titular em Neurologia pela Universidade Federal de Pernambuco. Sempre dinâmico, reuniu os colegas do Hospital D. Pedro II (então Hospital das Clínicas) e deu partida a um grande projeto que inclui o serviço de Neurologia do próprio Pedro II e uma emergência em Hospital privado (o Real Hospital Português). É uma honra sucedê-lo.

Minhas Senhoras e meus senhores: esta é uma Academia de Médicos. Ela dignifica os que exercem a Medicina. Por quê?

Na sua tarefa sem limites nítidos, a cuidar de seus pacientes, o médico por mais capacitado e experiente que seja, nunca passará de ser um instrumento. Um mero instrumento de Deus a serviço da humanidade. Para tal, ele precisa, sobretudo, de estar em conexão com algumas qualidades, próprias do ser humano que acredita em valores. Com elas, o médico vai estabelecendo elos com os seus pacientes e com a própria sociedade. É desejável que o médico pratique as suas atividades em clima de amizade, superando o formalismo profissional e ganhando a confiança. A amizade propicia as vantagens afetivas sem a inconveniência da frieza, da distância. É o estabelecimento da partilha, com o objetivo da cura e da vida mais feliz para ambas as partes. A superação do ocasional estado de doença não fica sendo o único interesse. O laço de amizade criado leva a um estado de paz que a medicina é capaz de gerar. Passada a doença, um eventual reencontro dos dois personagens (o médico e o paciente), será extremamente agradável. Já disse um poeta que “O que vai e volta é doce de rever”. Em sua condição de instrumento divino, o médico estará pondo em prática, ao se dedicar ao paciente, a frase “Ama ao próximo como a ti mesmo”.

O médico tem por obrigação ser dedicado, aplicar a sua energia ao seu objetivo, ser perseverante. Todo trabalho exige concentração para ser bem feito. O médico dedicado se concentra no que faz.

Outra qualidade indispensável aos seguidores de Hipócrates é a coragem. Ela pode determinar a cura. É filha legítima da energia moral. Ao médico não é dado

o direito da insegurança. As vezes, não é simples ser corajoso, mas o médico tem que superar o que for preciso e exercer a força da coragem, notadamente nas situações limite da profissão. A maior coragem é suportar a dor física ou moral. Para que isso ocorra com os pacientes, o médico tem de transmitir essa coragem, e isso ele só fará se for corajoso.

No exercício da medicina há que existir despreendimento, renunciando-se a uma imagem vaidosa, de aparência, e que é falsa. O médico deve ser simples.

Outras características importantes do esculápio são: ter e transmitir esperança. A esperança recusa a morte. Embora sejamos todos mortais, o cultivo da esperança é a nossa grande lição de vida.

O médico precisa ter fé. Acreditar no que faz e também crer que, sobre ele, existe a força divina. O profissional da Medicina que crê é mais forte.

Humildade. Esta é outra condição essencial ao médico. Com ela, ele vai errar menos, e vai saber quando mudar de orientação. Vai saber que tem que ouvir com a máxima atenção o que dizem os seus pacientes. A humildade permite entender melhor àqueles a quem o médico tem que oferecer o seu trabalho.

Por outro lado, o otimismo é fundamental na prática da Medicina. Ele reforça o ímpeto do médico, faz com que ele encare o seu trabalho com alegria.

A paciência e a perseverança são também indispensáveis ao médico. Através delas pode ser possível achar um diagnóstico ou um tratamento de melhor resultado. Enquanto isso, o profissional médico deve ser prudente.

A precipitação em geral, leva ao erro.

Outro valor fundamental é o respeito. Respeito ao paciente, às suas queixas, que nunca devem ser consideradas irrelevantes. Respeito aos colegas, respeito às pessoas da comunidade, respeito ao conjunto social de instituições. É respeitando que o médico pode ser respeitado.

E, como não podia deixar de ser, o médico precisa estar sempre estudando, se atualizando, aperfeiçoando os seus conhecimentos, para dar aos pacientes o seu melhor.

Se os componentes desta Academia enxergarem em mim algumas dessas qualidades, declaro com alegria que meus esforços profissionais estão amplamente recompensados e que esta é uma noite de felicidade para minha pessoa, bem como para a minha família, em especial Christina, minha excepcional companheira de todas as horas, e meus filhos, genros, noras e netos, para os meus outros parentes, meus amigos, meus ex-alunos e para aqueles a quem de algum modo eu beneficiei.

Muito obrigado!



Saudação a Alcides Codeceira Júnior

Acadêmico

Hildo Rocha Cirne de

Azevedo Filho

Recife, 16 de abril de 2009



Vi, pela vez primeira, o Professor Alcides Codeceira Junior em uma manhã ensolarada de um sábado de março de 1968. Naquele dia, o homenageado desta noite ministrava a segunda aula prática do dia para os alunos da disciplina de neurologia e neurocirurgia da nossa antiga e querida Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco.

Não se assustem, é verdade, naquela época tínhamos aulas nas manhãs de sábado. O ano letivo estava se iniciando e com ele o nosso curso na famosa e temida “cadeira de neurologia”. Como de rotina, no dia anterior, a primeira prática houvera sido proferida pelo Professor Manoel Caetano de Barros, insigne membro fundador da cadeira número 30 desta Academia que a partir de hoje de forma mais que merecida possui novo ocupante. A segunda aula era sempre de responsabilidade do Professor Luiz Ataíde, a terceira cabia a Wilson Farias, chegando então por antiguidade a vez de Alcides.

A acanhada sala de reuniões da Clínica Neurológica, localizada no corredor e imediatamente antes da entrada da Enfermaria São Miguel, abrigava cerca de 40 jovens que se espremiavam para ouvir e ver as demonstrações práticas dos mestres daquela disciplina, considerada umas das mais fechadas e rigorosas do curso médico. Certamente, o formato das aulas práticas dos nossos dias mudou, a distância se tornou menor e o relacionamento humano mais próximo, contudo, estou certo ser pouco provável que atualmente consigamos transmitir as bases propedêuticas e clínicas da nossa especialidade como meus antigos mestres indubitavelmente me transmitiram.

De pronto fui conquistado pela figura de Alcides Codeceira e esse respeito e admiração, em mais de 40 anos de convivência, foi se tornando cada vez mais evidente e amalgamando com uma amizade que ultrapassou várias décadas e se estendeu às nossas famílias. Ser humano sério, respeitoso, cioso das suas responsabilidades, nunca permitindo sair de sua boca palavras desprovidas de um julgamento vulgar ou pueril, exemplo de homem de família, médico no sentido mais verdadeiro da palavra, paradigma de professor interessado na formação de recursos humanos, são adjetivos que brotam da imagem do nosso querido Cidinho e muito mais seriam enumerados se quiséssemos passar o resto desta noite memorável a descrever sua personalidade.

No dia de hoje, portanto, senhoras e senhores acadêmicos, a nossa casa repara o fato de ter olvidado a presença de Alcides Codeceira por tanto tempo entre nós. Confesso que me sentia algo acabrunhado em pertencer a esta academia já há alguns anos e nela conviver sem a presença do ilustre homenageado que passará a ocupar a cadeira cujo patrono é o Dr. Eustachio Daniel de Carvalho. Em uma realidade em que muitos médicos recebem homenagens, diplomas e medalhas em decorrência de uma maior presença em colunas sociais, programas de rádio e televisão ou participação político-partidaria, a honra de tê-lo como membro da nossa casa denota que os valores mais elevados da nossa profissão e o comportamento ético ainda têm na Academia Pernambucana de Medicina talvez um dos últimos guardiões.

Em 1969, já pensando em fazer neurocirurgia, solicitei parte do meu internato na Clínica Neurológica e Neurocirúrgica. À época, aquele santuário da neurologia, era dirigido pelo Professor Manoel Caetano de Barros, que houvera sido aprovado no concurso para a cátedra em 1960. Todavia, a respeitada escola neurológica do Recife foi fundada por Ulysses Pernambucano e posteriormente continuada e definitivamente estabelecida por seu filho Jarbas e José Alberto Maia. Na Enfermaria São Miguel, por conseguinte, aprendi os fundamentos mais importantes que foram essenciais, e que ainda são, para que pudesse desenvolver a minha especialidade.

Nos ambulatórios das sextas-feiras, leia-se Alcides Codeceira, fui apresentado à semiologia neurológica em todos os seus detalhes pelas mãos dedicadas do grande mestre. Cada paciente novo que se admitia era um turbilhão de sinais clínicos e informações que se extraía do exame neurológico. Alcides nunca parecia fatigado, nem demonstrava o menor desejo de simplificar o processo. Gostaria, sobremodo, que os residentes de hoje tivessem a ventura de analisar um desses prontuários que tiveram a sua feitura e sem dúvida se quedariam envergonhados quando os comparasse com as peças que hoje produzem. Lamentavelmente, a nossa imperdoável falta de respeito para com a memória e a historia ocasionou que todo aquele acervo fosse destruído com o fechamento do Hospital Pedro II.

Recordo-me bem do desvelo com que ele cuidava dos pacientes internados no Box C da Enfermaria

São Miguel. Estão vivas na minha mente as sensações de ansiedade e alegria com que eu esperava pela visita às enfermarias, iniciadas impreterivelmente às 8h30 dos sábados e que mais das vezes se estendia até depois do meio-dia. Igualmente excelentes eram as reuniões clínicas das terças-feiras, sobremaneira quando Alcides Codeceira apresentava um caso para ser discutido. Naqueles tempos heróicos da neurologia, quando tínhamos apenas o exame básico do LCR com poucas reações específicas, o EEG realizado de forma rudimentar, a pneumoencéfalo-ventriculografia quase que artesanal e a angiografia cerebral por punção direta da carótida com apenas uma ou duas chapas em AP e perfil era óbvio então que a excelência da semiologia de Alcides Codeceira se agigantava. Um nistagmo posicional que se detectava, um sinal de Argil-Robertson que se observava ou um déficit da convergência ou da acomodação confirmados davam origem a momentos inebriantes de intermináveis discussões fisio-patológicas quanto à localização da lesão. Tempos bons e inesquecíveis aqueles! Com Alcides, Luis Ataíde, Salustiano Gomes Lins, Guilherme Abath, Wilson Farias, Jorge Chiapetta, Gildo Benício, Marco Valença, Gilson Edmar, Manoel Gomes, Fernando Travassos, Glerystane Holanda, Sylvio de Andrade Lima, Ana Maria e tantos outros éramos quase como uma família, cuja união tornava o trabalho uma renovação constante de prazer.

Foi também através de Alcides Codeceira que adentrei na atividade associativa. Em 1970, quando da sua eleição para Presidente do Departamento de Neu-

rologia e Neurocirurgia da Sociedade de Medicina, tive a honra de ser convidado pelo mesmo para ser seu 2º secretário.

Anos se passaram e ao voltar do meu treinamento na Inglaterra em 1976, verifiquei com alegria a presença do mestre chefiando a Clínica Neurológica do meu querido Hospital da Restauração, dentro das suas atribuições como Professor Assistente da Faculdade de Ciências Médicas da hoje Universidade de Pernambuco. Para que se recorde os fatos históricos, em 1972, o patrono desta academia, Professor Fernando Figueira, sempre pensando adiante do seu tempo, teve a feliz iniciativa de mudar o nome do Hospital de Pronto Socorro do Recife para Hospital da Restauração e de torná-lo mediante doação um bem próprio da Faculdade de Ciências Médicas, episódio que acredito pouca gente saiba, a fim de que se tornasse de fato e de direito um hospital-escola. Foram anos extremamente importantes para ambas as instituições, pois enquanto a relação docente-assistencial se firmava, o ensino se desenvolvia de forma bastante mais efetiva e obviamente o padrão do atendimento médico se elevava. Desgraçadamente, anos após, a falta de sensibilidade de alguns gestores médicos retirou da nossa faculdade o direito de geri-lo.

Foram anos extremamente proveitosos, a neurologia e a neurocirurgia trabalhavam de forma harmônica e produtiva, dividíamos as mesmas enfermarias, tínhamos visitas e reuniões clínicas conjuntas, enfim transportamos do Hospital Pedro II para o HR uma muda da árvore que já apresentava sinais de envelhecimento. Tra-

balhamos dessa forma até princípios de 1987, quando a nova ordem política modificou a estrutura e os acontecimentos tiveram um rumo diferente.

Ao longo de todos esses anos e nos que se seguiram continuei aprendendo com Alcides, bebendo do seu saber neurológico, intensificando os laços de amizade, usufruindo diariamente das suas lições de vida e comportamento e admirando a pureza e a dignidade dessa alma humana, com quem preciosamente temos o privilégio de conviver.

Quando fui informado que teria a honra de saudá-lo na presente cerimônia, é claro que fiquei comovido e agradecido por tamanha deferência, sobretudo aqui se encontrando pares da sua geração, alguns ligados por profundos laços de amizade e parentesco. De imediato, solicitei que me fossem enviados alguns detalhes da sua vida. Confirmando que os li, todavia não me informaram mais que eu já tinha conhecimento e que não modificaram a elaboração desta peça, porque não planejava que fosse um texto burocrático para cumprimento de ritual. Porém, deveria ser um escrito que pudesse expressar sentimentos que às vezes se tornam difíceis de materializar com palavras.

Alcides Codeceira Junior se graduou em Medicina em 1958 pela então Faculdade de Medicina da Universidade do Recife, ano em que se transferiu dessas dependências para se instalar na Cidade Universitária. É dito que pensava ser engenheiro, impossível acreditar e talvez essa seja uma das poucas vezes que discordarei do nosso mais novo acadêmico. É inadmissível dissociar a

figura de Alcides da missão de ser médico, pois é nela que o seu gene de servir, ajudar, promover e proteger se faz presentes da forma mais insofismável.

Nos primeiros anos após sua formatura, enquanto fazia seu treinamento na Clínica Neurológica do Hospital Pedro II, teve o privilégio de ser o último e talvez o mais dileto discípulo de José Alberto Maia, cujo desaparecimento tão precoce tamanha falta nos fez. Por certo, os ensinamentos de Maia em muito contribuíram para a formação da sua linha de pensamento e conduta na abordagem das patologias do sistema nervoso.

Em meados da década de 60, desloca-se para Antuérpia na Bélgica, onde no Instituto Bunge e sob a direção do famoso Professor Van Bogaert teve a oportunidade de burilar e aumentar a sua bagagem intelectual. É mister ressaltar que, ao longo dos anos, frequentemente eu o ouvi mencionar com deferência, respeito e gratidão a figura do mestre e da instituição que o acolheram. Em Alcides tal comportamento era mais que esperado, mas em muitos o inverso geralmente se comprova. Louvo e rendo minhas homenagens às pessoas que permanecem sempre gratas e leais aos seus mestres que lhes ensinaram e aos departamentos que os albergaram e propiciaram de forma efetiva e afetiva o treinamento na especialidade que escolheram.

O destino fez com que tivesse de renunciar à carreira docente na Universidade Federal de Pernambuco, como se esse ato de incompetência das nossas instituições pudesse arrancar do seu coração generoso a vocação de ensinar. Mesmo sem ser docente foi um dos

meus maiores mestres, como o foi de várias gerações de jovens.

Felizmente, a Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Pernambuco reverteu esse infeliz desvio histórico. Naquela escola médica galgou todos os degraus acadêmicos, chegando a Professor Regente da Disciplina de Neurologia e ao cargo de Vice-Reitor da mesma Universidade.

A produção científica de Alcides Codeceira é invejável e foi ao longo de muitos anos editor e única razão para a sobrevivência da, para nós emblemática, revista Neurobiologia. A nível nacional foi secretário da Academia Brasileira de Neurologia, na gestão do Professor Luiz Ataíde, como também Presidente de Honra do Congresso Brasileiro de Neurologia que teve a presidência do Professor Gilson Edmar.

Minhas senhoras e meus senhores, é portanto uma alegria enorme receber meu amigo e mestre nesta casa. Por fim, se tivesse de adjetivá-lo em duas palavras eu diria apenas que Alcides é um homem digno e puro.

Todos esses adjetivos se confundem com Christina, amiga e companheira, que escolheu como esposa há quase 50 anos. A presença constante de Christina, sempre ao seu lado, foi o fator decisivo de tantas vitórias no campo profissional e única razão da sua linda vida familiar. Todo esse amor deu origem a Ciduca, Guilherme, Catarina e Carla que orgulhosamente são testemunhas dessa invejável união.

Querido Cidinho, sinta-se abraçado por todos nós seus colegas da Academia Pernambucana de Medicina e

por toda a comunidade médica do nosso estado, porque analisando a sua vida nós ficamos certos que, neste mundo, ainda há lugar para a verdade e a honestidade.

Muito obrigado.



Discurso de posse na Academia

Acadêmico

Reinaldo da Rosa Borges

de Oliveira

Recife, 22 de setembro de 2009



Maravilhosa esta noite em que me aproximo mais da Academia Pernambucana de Medicina. Em que a generosidade de meus colegas de profissão me atrai para este convívio que chamo de prateado como se, para tanto, fosse imprescindível o tempo que nos priva deles ou faz chover prata sobre nossos cabelos.

Agradecimentos se impõem como forma de arrumar, logo, palavras iniciais. Aos meus colegas, confrades, pelos seus votos amigos, ao meu querido Rostand Paraiso que me ajudou nas pesquisas, ao Paraninfo Edmundo Ferraz cujas palavras me confortam e me engrandecem além do que penso que sou. A Geraldo Pereira, meu presidente, condutor do processo e meu estimulador, a quem o pai, Mestre Nilo Pereira, ao visitar, no leito de morte o meu pai, Valdemar de Oliveira, deixou-me nos ouvidos a frase 'Como gosto deste homem', atestado de um carinho amigo, que ultrapassaria as gerações e desaguaria na minha amizade pelo Presidente desta Casa.

A Miriam Kelner, minha mestra de Ginecologia, com quem aprendia arte da cirurgia feminina, não bastassem as lições que o marido Salomão Kelner me passou, de como proceder, em qualquer ato cirúrgico, com determinação e objetivos alcançáveis, sem recuos ou indecisões. A ela, meus filhos Sérgio e Patrícia devem a ajuda de terem vindo ao mundo, trazendo-me a felicidade de suas existências e de seus queridos filhos, meus netos, Rodrigo, Eduardo e Giulia.

Concede-me um raro privilégio. O de ocupar a cadeira de uma Acadêmica que permanece viva, pulsando e vibrando, sem que nuvens de saudade pudessem en-

tristecer este momento. Os méritos, procedentes, que a levaram a ser Acadêmica Emérita desta entidade, abrindo a vaga, expressão vaga, me fazem, virtualmente, conceber a Cadeira como ainda ocupada, embora as circunstâncias me façam usufruir dela.

Convivemos combisturis e pinças à mão, mormente com palavras, no Hospital Agamemnon Magalhães, no qual elas eram ditas e ouvidas sobre todos os assuntos, principalmente sobre os que refulgiam desua cultura profissional e humanística, quase sempre ligadas ao Teatro, à Música e à Dança, emolduradas pelo saber científico. A sua filha Gilda, de quem me lembro quando ainda não era Gilda, a quem me dirijo, neste momento, como se a ela fosse, apelo para que lhe transmita o prazer e a honra de estar vivendo este momento feliz. De sua nuvem, Salomão haverá de estar ouvindo, também, as minhas palavras de agradecimento.

Tenho o dever de aludir ao patrono da cadeira que me é oferecida. Também o fez a querida Miriam Kelner ao se referir ao Professor Francisco Victor Rodrigues. E, cedo-lhe, com muita honra, a oportunidade de repetir as suas mesmas palavras:

‘A escolha do Professor Francisco Victor Rodrigues, decorreu do fato de ter sido ele portador das qualidades de Homem, de Médico e de Professor, no mais puro sentido. Espírito profundamente humano, clínico consumado, trabalhador incansável. Professor excepcional, elevou a Cátedra como poucos. Pela ação que seu ensino exerceu, representa Victor Rodrigues uma época na Ginecologia Nacional, um sábio da Ginecologia Brasileira.

Foi fundador e redator dos 'Anais Brasileiros de Ginecologia' onde assinou e editou numerosos capítulos da especialidade.

Inteligência de alto nível, poliglota, incorporou excelente cultura geral e profissional. Produziu mais de 200 trabalhos, proferiu palestras e conferências no Brasil e no Exterior, escreveu vários livros e recebeu honrarias nacionais e internacionais.

Ingressou na Academia Brasileira de Medicina em 1961. Nascido em Catalão, Goiás, em 1906, veio a falecer em fevereiro de 1972, no auge de sua carreira. Profissional consciente e escrupuloso, mergulhava em profundidade, em todos os problemas que analisava. Dizia ter a fronte erguida, para respirar ar puro e carregar a carga das convicções, a franqueza das atitudes, o desassombro na luta e a pertinácia para arrematar as tarefas assumidas por dever.

Bom exemplo. Bela figura de Patrono.'

E eu nisso tudo? Que opaca e obscura figura represento? Procuo seguir as pegadas de meu pai. Procurando ganhar menos pelo que faço do que pelo significado de minhas ações. Como ele dirijo o Teatro de Amadores de Pernambuco e ao Teatro com seu nome, sou do Rotary International, no qual cheguei, como minha querida Dulcinéa, ao cargo de Governador. Á Academia Pernambucana de Letras e outras congêneres e, finalmente a esta Academia Pernambucana de Medicina, honra maior. Passei e participo de vários palcos da vida, nome que dei ao trabalho com o qual me habilitei à ocupação desta Cadeira.

Em todo o mundo os médicos procuram criar e participar de movimentos que, de seus pontos de origem, se irradiam para outros centros em novos países e regiões. A UMEAL é uma prova disso. Reúne médicos e artistas lusófonos, cultivando, paralelamente à Medicina, Literatura, Música, Teatro e Artes afins. A SOBRAMES, originariamente sediada na Bélgica, Sociedade Brasileira de Médicos Escritores, de cuja Regional faço parte a convite do falecido e querido Médico, Jamesson Ferreira Lima, e que constitui meu grande estímulo à produção literária, levou-me à Academia Pernambucana de Letras, à de Letras e Artes do Nordeste, à de Artes e Letras de Pernambuco, à de Música e à de Ciências, gerando a passarela de veludo vermelho pela qual transitaria em suas direções.

Evaldo Altino, médico, filho do Professor Edgar Altino, docente de Medicina Legal de ambas as Faculdades, de Medicina e de Direito, criou, em sua época, conjunto de apreciadores de música erudita e, enquanto viveu sua curta vida, manteve o firme propósito de se exhibir, ao lado de outros médicos, instrumentistas, que congregava em torno de si. Mais recentemente, de 13 anos para cá, Paulo Fernando Barreto Campelo de Melo, criou um programa na Faculdade de Ciências Médicas intitulado 'A Arte na Medicina, às vezes cura, de vez em quando alivia, mas, sempre, consola' e vem mantendo, através dos Encontros Médicos Culturais de Pernambuco, a chama desse idealismo com o qual me aqueço de quando em vez. A Sociedade de Cultura Musical criada por meu pai e os médicos Gouveia de Barros, Aguinaldo Lins, Edgar Altino, Edécio Cunha e muitos outros, foi mi-

nha Universidade Musical por conhecer, vendo e ouvindo, artistas de todo o mundo, no Teatro de Santa Isabel, como os pianistas Rubinstein, Firkusny, Guiomar Novaes e Magdalena Tagliaferro, os violinistas Jacha Heifetz e Isaac Stern, os cantores Lawrence Winters, Todd Duncan e Bidú Sayão, Marion Andersen e Carol Brice, além dos grandes Balés como o indiano de Mrinalina Sarabahay, o francês de Roger Fenonjois, o de São Francisco da Califórnia e o do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Tudo obra conjunta de médicos idealistas e cultores das diversas Artes.

O Teatro fazia parte de minha mesa de refeições, quando morava na Rua Miguel Couto, nome de grande médico, No. 68, no Derby. Meu pai vibrava, ainda, com os ecos dos sucessos de suas operetas, algumas de parceria com Samuel Campello, outras só dele, como 'Aves de Arribação', 'Madrinha dos Cadetes', 'A Rosa Vermelha', 'Lindamor', 'Ninho Azul' e 'Bob & Bobete', a maioria encenada nos teatros do Brasil pela Companhia Vicente Celestino. Até Berenice, sucesso de 1926, quando eu nem pensava em existir, permeava as conversas de minha mãe Diná, ou pelo telefone 28119, quando amigos telefonavam para ele.

Mas, as conversas sobre Teatro dos almoços e jantares, nos idos de 1939, acabaram produzindo em mim o interesse pelo palco. Não sei exatamente quando, como e quando, meu pai me aproximou de Coelho de Almeida e Augusto Almeida que dirigiam o Grupo Cênico Espinheirense, e, de repente, me vi no elenco da peça 'O Pequeno Polegar', sob a direção de Gerson Vieira, antigo

componente do famoso conjunto da época, Grupo Gente Nossa, de onde haveria de sair o Teatro de Amadores de Pernambuco, em 1941. Devo ter atuado bem, porque, logo em seguida, fui integrante do elenco da nova peça, 'Branca de Neve e os 7 Anões', também sob a direção de Gerson. Há fotografias do elenco nas quais não consigo distinguir quem sou. Talvez tenha sido o anão Mestre.

Curiosos dois fatos que a essa época me aproximavam da Medicina. Coelho de Almeida haveria de se tornar, em 1948, meu professor de Histologia e Embriologia Geral, no primeiro ano, enquanto Gerson Vieira, embora mais velho do que eu, viria a se tornar meu aluno de Técnica Operatória e Cirurgia Experimental, quando eu era assistente voluntário da Cadeira que era regida pelo Professor Eduardo Jorge Wanderley Filho. Gerson já tivera um AVC, formando-se, porém não resistiu ao segundo, anos após.

De 1939 e 40 em diante, já tinha intimidade com o palco e participei, dizem as línguas amigas, com grande sucesso, das operetas infantís de meu pai, levadas nas manhãs de domingos, às 10 horas, no Santa Izabel. Na 'A Princesa Rosalinda', fiz o papel de um Rei, com toda a pose exigida, ao lado de José de Aguiar, de Rodolfo Carvalho, e de Walter Dimenstein, o Príncipe, e sua irmã Anita, a Princesa, além de Juanita Machado, um diabo como o bobo da corte. É bom registrar que Walter, o tenor, juntamente comigo, se tornaria médico e escritor-poeta. Os fatos me vêm à memória e é difícil me desvencilhar deles. Havia uma número de dança clássica, interpretado por Maria Lia Farias, dançado em homena-

gem a mim, o Rei, nos cenários do palácio, pintados por Álvaro Amorim e Mário Nunes. Maria Lia era filha do Sr. Edgar e Dona Zulmira Guimarães Farias e tinha uma irmã Vera que era minha colega de turma do terceiro ano primário, do Ginásio Vera Cruz, do qual fui aluno fundador. Haveria de se casar com Dr. José Paulo Cavalcanti dono de uma das mais importantes bancas de advocacia de Pernambuco. O filho José Paulo Cavalcanti Filho, segue as pegadas do pai como advogado e meu amigo.

Depois do sucesso de 'Rosalinda' ainda tomei parte em 'Terra Adorada' e 'Em Marcha Brasil'. No dia do último espetáculo de 'Em Marcha Brasil', ao descer as escadas do velho Santa Izabel, escorreguei e fui bater com o braço no paredão. Fraturei a cabeça do rádio e o estilóide cubital. Meteram-me num gesso sem que antes eu não tivesse ficado embevecido pelo atendimento médico do Pronto Socorro, da Fernandes Vieira, regando, em mim, a semente do médico que já possuía.

A minha vocação era a de ser médico. Meu pai, com muito jeito, tentava que eu viesse a ser engenheiro, por achar que era a profissão do futuro. Por essa razão abandonei, no segundo ano científico, o Colégio Padre Felix, me transferindo para o Colégio Oswaldo Cruz, de Dr. Aloísio Araújo e Dona Genova. Iria ter como professores de Matemática e Física, pai e filho, Newton Maia e Euler Maia. Dessa maneira estaria mais habilitado a enfrentar um vestibular de Engenharia, com cujos números nunca mantive grande intimidade. Dois fatos robusteceram mais em mim, a vontade de ser médico. Primeiro o de ter, também, meu pai como professor de Biologia e Zoo-

logia. Se de um lado Newton e Euler Maia me ferravam com as progressões aritméticas e geométricas, os binômios de segundo grau, as combinações de elementos, e as noções de Cinemática, Estática e Dinâmica, do outro meu pai me dava banhos de anatomia e fisiologia humanas, ao lado de ensinamentos sobre artrópodes, insetos, crustáceos etc. que eu sorvia com todo o gosto. Até hoje sei de cor, as partes componentes das patas de um inseto: Anca, Trocanter, Fêmur, Patela, Tíbia, Protarso e Tarso. Do mesmo modo que nunca me esqueci de suas aulas de Botânica quando me fez gravar, até hoje, na memória, os cinco tipos de mangues que há, no Recife: *Ryzophora Mangle*, *Conocarpus Erectus*, *Laguncularia Racemosa*, *Avicenia Nítida* e *Avicenia Tomentosa*.

Estávamos no meio do ano quando um novo fato se deu, original, que haveria de impor a minha decisão definitiva. Uma ave, um galo muito bonito, habitava o quintal de nossa casa, no Derby. Era comum haver galinheiros que, aqui e ali, contemplavam os ladrões de galinhas, desaparecidos de nossa paisagem noturna. O galo, marron avermelhado, grande, entalou-se e não conseguia mais comer, havia três dias. A cozinheira Felizmina, chamou a atenção para as providências que precisavam ser tomadas. O papo do galo estava cheio, Resolvi eu, a questão. Chamei a filha da cozinheira, Alice, costureira, e me dispus a operar o galo. Coloquei-o, naquela tarde, sobre uma calçada alta e, de pé, tal qual um cirurgião defronte de uma mesa de operação, arranquei-lhe as penas do campo operatório e com uma gilete, abri-lhe o papo. Depois de remover todo o conteúdo, descobri que

havia uma folha de mangueira, inteira, entupindo a passagem para o resto do tubo digestivo. Retirei-a. A operação foi um sucesso. Com a agulha que a costureira me emprestou e uma linha 'Corrente' No. 20, fechei o papo do galo, com pontos separados e a operação funcionou. Tudo cicatrizado, nos dias seguintes, o galo voltou a se alimentar e não morreu, pelo menos em minha mão. Foi meu primeiro cliente e o primeiro xexo que levei. Naquela noite, mesma, eu comunicava, no jantar, duas coisas. A primeira o êxito da intervenção e a segunda a minha decisão de ser cirurgião. Meu pai concordou, vendo não adiantar lutar contra a minha vocação, além do mais, diante daquele primeiro êxito. Cancelei minhas aulas particulares de Física com o Prof. Antonio Almeida e passei a me dedicar ao estudo para o vestibular de Medicina. Pus-me a estudar em um grupo particular, Química, com o Professor Ernesto Silva, notável como mestre e como criatura humana. Tinha um respeito pela Química que não permitia certas coisas, por parte dos alunos. Uma vez escreveu no quadro negro - era negro, naquele tempo, como o era o próprio Ernesto - o símbolo H^+ e Mário Feller, companheiro de aula perguntou:

- Que negócio é esse, aí?

A Censura veio de imediato.

- Não toma liberdade com o hidrogênio, Coisinha. Não toma liberdade com o Hidrogênio!

Numa turma de 400 feras fui o sétimo lugar no vestibular e, a partir daí, enfrentei um Curso Médico responsável, jamais tendo ficado em qualquer segunda época ou em dependência, fato que, aliás, jamais se dera em

todos os outros cursos. Formei-me, orgulhoso de mim mesmo.

Já pisava o palco como integrante do Teatro de Amadores de Pernambuco fundado em 4 de abril de 1941 por Médicos e esposas de Médicos, da Sociedade de Medicina de Pernambuco, que haveria de permanecer até hoje, como o mais antigo conjunto teatral em atividade permanente, na América do Sul, quiçá no mundo. Foi criado por meu pai, Valdemar de Oliveira, ex-membro desta Casa, atendendo a um pedido feito pelo Médico, Professor Dr. Octávio de Freitas, então presidente da atual Associação de Médicos de Pernambuco, para sole-nizar o seu centenário, naquela data e naquele ano. Na ocasião foi escolhida a peça ‘Dr. Knock’ ou ‘O Triunfo da Medicina’ que reuniu o Dr. Waldemar de Oliveira e sua Diná, Dr. Walter de Oliveira e sua Ladyclaire, Dr. Agenor Bonfim e sua Jacy, Dr. José Carlos Cavalcanti Borges e sua Yvone, além de Dr. Coelho de Almeida, Dr. Filgueira Filho e Dr. Leduar de Assis Rocha. A estréia se deu no Santa Isabel com renda revertida para a construção da sede da Sociedade de Medicina que o destino faria ficar permanentemente olhando para a sede do TAP, o Teatro Valdemar de Oliveira, defronte. O sucesso foi tão grande que foi montada 3 vezes o quê, para a época, era um grande acontecimento. Mais de 115 originais, nacionais e estrangeiros, do melhor nível de Teatro, foram encenados pelo TAP que se exibiu de Manaus a Porto Alegre, sempre com grande sucesso. Shakespeare, Molière, Pirandello, Eduardo de Fillipo, Garcia Lorca, Graham Greene, Arthur Miller, Tennessee Williams, Thornton Wil-

der, Júlio Dantas, além dos brasileiros Dias Gomes, Nelson Rodrigues, Viriato Corrêa, Gastão Tojeiro, Martins Pena, Ariano Suassuna, Vanda Phaelante, Luiz Marinho e o próprio Valdemar de Oliveira, são alguns dos autores cujas peças constituem o repertório respeitável do TAP. O seu aspecto filantrópico persiste até hoje, jamais tendo qualquer componente percebido um centavo pelos trabalhos realizados como atores, sendo canalizados todos os apurados para instituições de caridade que ascendem a mais de uma centena, pelo Brasil inteiro.

O Teatro não se havia afastado de mim e, em 1948, Adacto Fiho era contratado pelo Teatro de Amadores para uma temporada como Diretor de 'Planície', de Guimerá, 'Escola de Maridos', de Molière, e três peças em um ato, de Pirandello. Estreava eu, no TAP, em 1947, no papel de Peluca, um lavrador que vinha cansado, dar uma notícia, importante, em cena. Para interpretar o cansaço do personagem da maneira mais autêntica, subia e descia, correndo, minutos antes de minha entrada, as escadas de três andares dos camarins do Santa Izabel. E entrava, de fato, muito cansado. Daí, em diante, não descansei mais.

Também participei da fundação do Teatro Universitário de Pernambuco que se organizava na Faculdade de Direito, sendo chamado por Felipe Tiago Gomes que articulava a formação do grupo. Adacto Filho foi, também contratado para montar 'As Férias de Apolo', de Jean Berthet. Aí conheci Marcelo Pessoa, Gilberto Freyre Costa, Milton Pinheiro Ramos, Oscar Cunha Barreto, Margarida Cardoso e Sebastião Vasconcelos, hoje sucesso na

Globo, Na mesma ocasião Hermilo Borba Filho reorganizava o Teatro do Estudante de Pernambuco, ao lado de Gastão de Holanda, Ariano Suassuna, Joel Pontes, José de Moraes Pinho, José Laurênio de Melo, Aluízio Magalhães, Genivaldo Wanderley, José Guimarães Sobrinho, Ana Cañen, Alaíde Portugal, Epitácio Gadelha, Médico, José Lins de Almeida, Médico, Salustiano Gomes Lins, Médico, que ressurgiriam o TEP com 'A Sapateira Prodígiosa', de Garcia Lorca, 'O Urso', de Tchekov e 'A Casa de Rosmer', de Ibsen.

Época de intensa efervescência teatral e acadêmica.

Mais uma vez eu e minha família, incluídos em atividades que me unem à Medicina, me fazendo chegar aqui.

Não consigo deixar fugir a oportunidade de cansá-los um pouco mais. Em compensação lhes darei um banho de saudades rememorando as cadeiras e seus mestres, verdadeiros responsáveis pela vida profissional de todos nós. Luis de Góes se esmerava nas minúcias anatômicas do Esfenóide, entre uma e outra cusparada que dava para o teto do Anfiteatro de Anatomia, deixando-a presa lá e, por isso, se considerando o 'Campeão de Cuspe à Distância'. Ruy Batista nos impunha os 80 músculos que se inserem no ilíaco que consegui decorar numa noite de vigília junto com meu colega Luiz Abreu de Albuquerque com quem reservava alguns quartos de hora para jogar gamão. João Rodrigues de Sampaio, Avelino Cardoso e Bianor da Horas substituíaam Luiz de Góes nos impedimentos a que o Conselho da Faculdade obrigava. Histologia e Embriologia Geral ficava nas mãos de An-

tonio José Coelho de Almeida, Hélio Coutinho e Paulo Gambetá, após chegando Hélio Mendonça que seria o titular. Quase assisti ao trágico desastre, em 1952, quando o seu velho Pontiac foi abalroado, ali na esquina da Jenner de Souza com a Praça do Derby. Ainda fui visitá-lo, com meu pai, no antigo Pronto Socorro, quando a situação era terminal por fratura de base do crânio.

‘No entretanto, porém’ era o jargão que Odilon Gaspar usava nas aulas de Anatomia Topográfica, auxiliado por Vanyldo Baptista. Os quatro volumes de Testut, em francês, originais de que ainda disponho, foram substituídos pela edição espanhola de Anatomia Topográfica de Testut-Latarget. Radiologia, cadeira de frequência, era regida por Aguinaldo Lins que tinha como assistentes o seu charuto e Paulo Campos. Arnaldo Carneiro Leão, em Física, com o filho Moacyr, Edilton Sampaio e Poggi de Figueiredo, Nelson Chaves em Fisiologia, ao lado de Waldir Pessoa e Naíde Teodósio, e José Gonçalves, em Química, com Bento Magalhães e Raul Toscano, completavam o 2º. Ano. Peguei um desafio com José Gonçalves, duro e baixinho, sobre Bases Púricas e Pirimídicas quando me pediu, numa prova oral, para dar as fórmulas de Xantina, Hipoxantina e muitas outras.

Perguntei-lhe se estava preparado? Ele riu. Estou, disse. E comecei fazendo-o imaginar o núcleo benzênico e em cada vértice os COOH e CH₂ que havia. Acertei todos e tirei boa nota. O Terceiro ano era a grande armadilha comandada por Mário Ramos em Microbiologia, junto com Ivo Rabelo, Alcides Benício e Luiz Siqueira, e Bezerra Coutinho, em Patologia, com José Fernandes,

Clóvis Marques, Zilvani de Oliveira Melo e Porto Carreiro. Fiquei para o exame completo com Bezerra, de quem nunca esqueci a definição de entropia: 'Entropia é o logaritmo da desorganização de um sistema'. Passei com 7, e muito feliz. Havia, ainda, Farmacologia com Arthur Coutinho e as três, aliás os três, Cesário de Melo, José Laurênio de Lima e João Ribeiro, e Parasitologia com Álvaro de Figueiredo, Ivan Alecrim, Francis Dobbins e Durval Lucena. As cadeiras de frequência, Oftalmologia, Otorrinolaringologia, Psiquiatria, Puericultura, Ginecologia, tinham como mentores Francisco Figueiredo, Clóvis Paiva, Roberto Salazar, Sylvio Paes Barreto, Alcides Fernandes, Arthur de Sá e seu filho Geraldo, José Lucena com José Carlos Cavalcanti Borges e Galdino Lorêto e Meira Lins e Monteiro de Moraes, com Mattos de Oliveira, Ângelo de Abreu e Lima e Rosalvo Cavalcanti, assim como Ortopedia de Barros Lima, com Bruno Maia, Mozart Bezerra, Rubem Carneiro Leão e, depois, de Ruy Baptista, em quem eu via, pelo uso de um bigode semelhante, Adolph Hitler, da guerra de 39, muito longe do que ele era, na realidade. A cardiologia de Fernando Simões Barbosa que abrigava Ovídio Montenegro e Newton de Souza, a Clínica Neurológica de Jarbas Pernambucano de Mello com a assistência de Zacharias Maciel, Luiz Athayde, José Alberto Maia e Salustiano Gomes Lins, a Tisiologia de Francisco Montenegro, Moacyr dos Anjos, Bianor Teodósio e Heródoto Pinheiro Ramos e a Puericultura com Antonio Figueira ao lado de Edécio Cunha, Fernando Meira Lins, Murilo Arraes, Milton Medeiros, Jaldemar Serpa, João Rocha e, depois, Me-

raldo Zizman, que anotavam, também nossas presenças como cadeiras de frequência, enquanto havia, ainda, as Clínicas Cirúrgicas de Arsênio Tavares, a Técnica Operatória de Eduardo Wanderley, a Clínica Dermatológica com Jorge Lobo, Arnaldo Nolasco e Sylvio Campos, Clínica Propedêutica Cirúrgica de Romero Marques, a Clínica Médica, de Arnaldo Marques com Amaury Coutinho, a Clínica Obstétrica de Selva Junior com Alfredo Alves Junior, José Constantino da Silva Junior, Iremar Falconi, Luiz de Barros, posteriormente de Martiniano Fernandes, a Anatomia e Fisiologia Patológica, de Barros Coelho, Ageu Magalhães Filho e Humberto Menezes, à qual se ajuntariam, depois, Adonis Carvalho e Guilherme Abath, a Urologia de Lalor Mota com a assistência de Walter Costa e Saulo Suassuna, Higiene com Joaquim Costa Carvalho, meu pai Valdemar de Oliveira, Álvaro Vieira de Melo, Leduar de Assis Rocha e Orlando Parahym, a Clínica Médica de Gonçalo de Melo com Ernani Granvile Costa e Djalma Vasconcelos, a Doenças Tropicais de Ruy João Marques e Rinaldo de Azevedo, que se ajuntavam, ao final do curso, com a Pediatria que fora de Meira Lins e, então, de Fernando Figueira, com o auxílio de Fernando Wanderley, Helena Moura e Flávio Campos, precursores do IMIP. A Terapêutica Clínica era de Oscar Coutinho, Paulo Borba, Hoel Settee Emanuel Teixeira e a Medicina Legal com Raimundo Theodorico de Freitas, Edgar Altino, Antonio Persivo Cunha e Nivaldo Ribeiro.

De uma maneira ou de outra, todos esses nomes plasmaram a minha personalidade de médico. A sauda-

de me leva a assinalar o pessoal administrativo de nossa Faculdade passando por Oscar Coutinho, como diretor, que me puxou para o mundo, a quem se seguiu Selva Junior e, posteriormente, Antonio Figueira tendo Jorge Lobo como vice-diretor e João Marques de Sá como Secretário com a parceria de Teófilo de Barros Coelho e mais Ruy Pinto Cunha que se tornaria médico, também, e que nos adiantava as notas das provas escritas, por amizade, a mim, a Rostand Paraíso e outros mais chegados a ele. Também Belarmino de Andrade Lima, Vicente, Tiné e a ala feminina composta de Adélia Hatem, Maria Adelaide Magalhães, Idalina Braga, Beatriz Medeiros e, não me lembro do nome daquela senhora gorda, de olhos claros, parece-me que Dona Célia.

No meu trabalho PELOS PALCOS DA VIDA, procurei comprovar a minha capacidade de aliar as Artes à Medicina, não podendo deixar de descrever o que se constituiu num movimento extraordinário de solidariedade humana, como se, desde então, me encaminhasse para os destinos do Rotary Club, assim como meu pai, minha mãe, meu irmão Fernando, minha mulher, até onde permaneço, hoje, com muita honra. O movimento foi criado pelo acadêmico Norman Alexander Browning Patterson, brasileiro de descendência inglesa. Chamava-se os 'Comandos da Alegria' e reunia vários alunos dos cursos Médico, de Odontologia e de Farmácia, que antigamente eram ministrados, conjuntamente, neste prédio, na antiga Faculdade de Medicina do Recife, todos eles com pendores artísticos, para se exibirem em shows, semanalmente, nos hospitais de indigentes do

Recife. Eu e outro acadêmico, o cearense Leão Santiago, baseados no programa da Rádio Nacional que ia ao ar toda sexta-feira, às 20h30, PRK-30, sob o comando de Lauro Borges (médico baiano) e Castro Barbosa, onde o humorismo sadio era delicioso, comandávamos a parte artística. Eu e Leão copiávamos, sem gravadores, as anedotas e o espírito da audição e virávamos as noites de sextas, elaborando os programas a serem levados no dia seguinte, sábado, nos hospitais do Recife. Professor Nelson Chaves, Secretário de Saúde, sensibilizado, cedia um ônibus para a condução de uns 25 componentes dos 'Comandos' que saíam da Praça Oswaldo Cruz, às 14 horas, para o hospital escolhido. Cada show era um sucesso para nós e para os pacientes. Agrupávamos ali eu (futuro cirurgião), Leão Santiago (psiquiatra) um clone de Francisco Alves, Mendel Azoubel (dentista) com seu acordeon, Epitácio Gadelha (anestesista) com sua gaita e sua mímica, José de Barros (Urologista) com seu violão, Edson Silva Neto (dentista) também com o violão, a dupla José Maria Nascimento e Ayrton Bayma (cantores, clínicos e violonistas), Fernanda Teixeira (pediatra) declamadora, Salomé Mendonça (pediatra) como atriz, Paulo Viana (cirurgião de cabeça e pescoço e ORL) com seu realejo de par com Mauricio Viana, Clênio Wanderley (dentista) ator, Paulo Mendonça (urologista) que se radicou nos Estados Unidos até falecer, como ator, o próprio Norman (futuro anestesista), ator, Ayrton Ponciano (obstetra) cantor e Valdério Alves, cantor da PRA-8 Rádio Clube de Pernambuco. Fomos, por mais de uma vez, aos Hospitais Pedro II, Oswaldo Cruz, Sancho (atual

Octávio de Freitas) da Aeronáutica, do Centenário e Santo Amaro. Havia números de canto, poesia, declamação, esquetes, cenas teatrais, entremeados dos trabalhos que eu e Leão apresentávamos com anúncios radiofônicos. Eu era o Megatério Nababo do Alicerce e ele era a Maria Joaquina Dobradiça da Porta Baixa, personagens de PRK-30. Lembro-me de um dos anúncios:

“Use as meias Eterna: já vêm com os buraquinhos feitos...”

A partir do quarto ano, Romero Marques, inicialmente, e Eduardo Wanderley após, amigos de meu pai, me receberam para que trabalhasse em suas cadeiras. Romero operava no Pedro II com os assistentes Manoel Caetano, Luiz Casado, Antonio Zirpoli, Bráulio Pimentel, Mussa Hazin, Edvaldo Teles, Emanuel Malheiros e Perseu Lemos, além de Luiz Ribemboim, como anestesista. Em Técnica Operatória Wanderley me aceitou no seu consultório até um ano depois de formado, quando a sala No. 908, do Edifício Tabira ficou pronta e me transferi para o presente que meu pai me dera. Na cadeira fiz grandes amigos e fui orientado para entrar no concurso para o IAPI, com dois anos de formado, apenas. Salomão Kelner, Hindenburg Lemos, César Montezuma, José Maria Schuler, Odacy Varejão, Paulo Marcelo da Costa Barros, Ivaldo Dourado Rodrigues, Aurino Dantas, Jorge Glasner, Domingos Sávio Dias Martins, Paulo Ferreira, Juvanildo Laffeleuz André Gomes, João Suassuna, Paulo Teixeira, Júlio Carlos Porto Carreiro, Frederico Carvalheira e os anestesistas José Adolfo Basto Lima, Wilmar Mayrinck e Maria Barros, compunham a Cadeira. No

Instituto Álvaro Osório de Almeida, na Rua Henrique Dias defronte da Casa do Estudante, onde passaram a funcionar as cadeiras de Técnica Operatória, Fisiologia e Histologia, dei minhas primeiras aulas na Faculdade, sobre Hérnias e dissequei cadáveres para aprender coluna vertebral e a raque, fato que me valeu, até hoje, os inúmeros quináus dados em anestesistas que não conseguiam fazer certas raquianestésias. Nenhum deles está presente, aqui.

Por extensão da Cadeira de Técnica Operatória trabalhei, também, na III Clínica Cirúrgica do Hospital do Centenário. A chefe do Bloco Cirúrgico era uma freira alemã, Irmã Winfrieda. Quando uma vez fui procurado para um atendimento ambulatorial ela informou ao interessado, com o seu sotaque germânico:

‘Procurem ele na Santa Izabel. Ele é o “cômico” de lá...’

Aprendi a equilibrar meu tempo entre a Medicina e as Artes. De 1941 a 1977, absorvi tudo o que pude com meu pai a respeito de Teatro. Com os ensaiadores do Teatro de Amadores de Pernambuco, colhi ensinamentos interpretativos e técnicos – iluminação e sonoplastia – Adacto Filho, Graça Mello, Ziembinski, Willy Keller, Jorge Kossowsky, Luis de Lima, Flaminio Bollini, Bibi Ferreira, Milton Baccarelli, Clênio Wanderley, Carlos Carvalho inclusive com os que pertenciam ao elenco como Hermilo Borba Filho, Alfredo de Oliveira, Alderico Costa, Walter de Oliveira, Geninha da Rosa Borges, Fernando de Oliveira, Vanda Phaelante e Rogério Costa, que forjaram a minha personalidade teatral.

Com José Pimentel, na Paixão de Cristo e na Batalha dos Guararapes, conheci o que sejam os mega-espetáculos. Quando me perguntam como eu consigo dividir o meu tempo entre a Medicina e o Teatro, respondo que quando estou operando penso no espetáculo que vou fazer, à noite, e quando estou representando penso na operação do dia seguinte. Sempre dá certo.

Acompanhei o meu pai em todas as excursões do Teatro de Amadores pelo Brasil. Manaus, Belém, São Luiz, Boa-Esperança, Petrolina, Vitória de Santo Antão, Paulista, Timbaúba, Cabo, Maceió, Laranjeiras, Aracaju, Salvador, Victoria, Rio de Janeiro, São Paulo, Santos, Porto Alegre, Belo Horizonte, Ouro-Preto e Brasília. Quando havia possibilidade a Medicina se valia delas e procurava hospitais e Serviços de Cirurgia para adquirir novos conhecimentos e técnicas que de muito me valeriam, depois. Assim foi no Rio, onde o Prof. Miguel Francis, meu examinador no concurso do IAPI, em 1956, me abriu as portas do Hospital da Santa Casa de Misericórdia, fazendo-me participar de uma hernioplastia inguinal que o japonês W. Watanabe realizou. Depois assistiria a gastrectomias que me possibilitaram, logo após, aplicar, no Agamemnon Magalhães, o que absorvera, fazendo uma e em seguida outras, em tempo de 35 minutos de duração. Os colegas ficaram abismados e eu, também. Em Porto Alegre o Dr. Marino Soares, que ficara extasiado por nos ter assistido representar no Teatro São Pedro, me acolheu no Hospital Moinho dos Ventos de onde trouxe carinhos e ensinamentos. Mais uma vez o Teatro dava as mãos à minha Medicina. Pelo que aprendi, talvez, des-

culpem-me a imodéstia, eu seja reconhecido como dos mais rápidos cirurgiões daqui. Não me esqueço nunca além desses ensinamentos, das lições de Eduardo Wanderley, da pureza cirúrgica de um Hindenburg Lemos, do destemor de Salomão Kelner ou de Arthur Tavares, da objetividade e velocidade de Frederico Carvalheira e da prudência e da paciência de um José Maria Schuler. Aprendi, com todos o como devia fazer. E com alguns, outros, aprendi o que não devia fazer.

Há uma conquista importante da minha vida de médico. Em 1955, Eduardo Wanderley, com seu prestígio junto ao IAPI conseguiu que abrissem concurso para Cirurgiões e Clínicos do Hospital Agamemnon Magalhães, ex Casa de Saúde São João de um de nossos mestres João Alfredo Gonçalves da Costa Lima. Este eu já conhecia, respeitosamente, pois era grande amigo de meus pais como médico e como rotariano. Minha mãe, à época da guerra, no sentido de colaborar com o Brasil, fez curso de enfermagem juntamente com senhoras da Sociedade no Hospital do Centenário, patrocinado pela Cruz Vermelha Brasileira, dirigido por João Alfredo. A família dele, constituída da esposa Alpha e das filhas Martha, Aládia e Vilma, era próxima de nós, morando defronte, na Rua São Salvador. Vilma se tornaria esposa do político e meu amigo Arthur Lima Cavalcanti, enquanto Martha, a mais velha, viria a ser esposa de Ivo Roesler, médico. O velho João Alfredo, cirurgião chefe do Pronto Socorro Fernandes Vieira, seria o primeiro médico a consertar alguma coisa em mim. Num acidente banal, de bicicleta, cuja sela estava desprotegida de couro, de calças curtas,

sofri uma ferida de bolsa escrotal que expôs o seu conteúdo. Ao chegar em casa minha mãe se escandalizou e papai me levou ao Pronto Socorro onde João Alfredo, sob anestesia geral com clorofórmio, me suturou a bolsa, sem maiores problemas, A Medicina forçava o seu prestígio em mim, fazendo-me permanecer apto para que, no futuro gerasse os meus três filhos que aqui estão. João Alfredo se tornaria o segundo Reitor da Universidade Federal de Pernambuco durante cujo mandato organizou, com meu pai como conselheiro, o Curso de Teatro da Escola de Belas Artes, mais uma vez a Medicina e o Teatro, de mãos dadas.

O concurso comandado por Wanderley continha 8 vagas para cirurgiões e 8 para clínicos gerais. Conquistar uma vaga significava emprego para o resto da vida. Eu tinha dois anos de formado e via, em minha frente, vários companheiros mais antigos, que aspiravam a minha possível vaga. Esmerei-me na técnica cirúrgica e fiz revisão de toda a matéria. O livro tomado como base para o estudo foi o *Cristopher's -Textbook of Surgery*, em sua sexta edição de 1956, impressa nos Estados Unidos. Ainda o possuo, todo assinalado pelo estudo intenso. Éramos vários inscritos. Não havia xérox e tudo era na datilografia. O trabalho foi dividido para que todos usufríssem dos resultados. Uns sabiam inglês, outros datilografia. Outros, as duas. Outros, ainda, nem uma coisa nem outra. Os capítulos foram divididos. Quando terminada uma rápida temporada com a peça 'Bodas de Sangue', de Garcia Lorca, dirigida por Bibi Ferreira, na qual tomava parte, mergulhei de corpo e alma, a partir de outubro de 1956,

associando-me ao grupo. Os melhores capítulos tinham sido escolhidos pelos que já se achavam há mais tempo. Para mim ficaram os de Hérnias – isso foi bom porque houvera escolhido uma operação de hernioplastia inguinal para a minha possível aula prática – o de Quimioterapia, o de Sequelas por Irradiações, o de Tireóide e Paratireóides e o de Cirurgia da Mão. Cabia a mim que sabia inglês e datilografia, fazer a tradução resumida de cada capítulo e bater à máquina, com cinco cópias de papel carbono, para distribuí-las com os colegas de estudo. Aos que não tinham conhecimentos de inglês competia providenciar, em mimeógrafos, mais cinco cópias para que dez fossem contemplados. Assim sendo todos teríamos resumos de todos os pontos traduzidos para o português. Faziam parte do grupo Aurino Dantas, Domingos Sávio Dias Martins, Júlio Carlos Porto Carreiro, Paulo Teixeira, Paulo Ferreira, Gilberto Hanois Falbo, Stephano Malinônico, Milton Lins, Mauro Arruda, José Falcão Correia Lima, José Gomes de Oliveira, Hindenburg Lemos, respeitado por todos como Assistente de Técnica Operatória e Cirurgia Experimental e tendo confirmado as previsões de que o primeiro lugar seria seu. Passei em quarto, muito feliz por ter, apenas, dois anos de formado.

As reuniões dos estudos eram feitas, a partir das 20 horas, na secretaria do Hospital Agamemnon Magalhães e se prolongavam às 2 da manhã. Usávamos, devidamente autorizados, as máquinas de datilografia e os materiais indispensáveis.

O concurso teve alguns episódios que merecem destaque. A Banca Examinadora foi composta pelo Pro-

fessor Romero Marques, de Clínica Propedêutica Cirúrgica, da UFPE, e mais o Professor Miguel Francis, cirurgião do IAPI do Rio de Janeiro e Dr. Darcy Monteiro, também de lá. Wanderley preferiu não fazer parte pois muitos dos concorrentes eram seus assistentes. No dia para ser anunciado o resultado da prova escrita que era eliminatória, sendo exigido um mínimo de 5 pontos, reunimo-nos, todos, às 13 horas, sob um calor causticante de um salão nos altos do edifício do IAPI, – não havia, ainda, ar condicionado – no Cais Mariz e Barros, ao lado do então Grande Hotel, e as notas foram sendo lidas em ordem alfabética. Havia sucessivos risos de alegria e choros de desgostos. Minha letra R me deixou a leitura para o fim, à minha frente já tendo sido eliminados colegas mais idosos e mais experimentados o quê me angustiava mais ainda. Comecei a passar mal. Minhas distonias neuro-vegetativas me foram pondo dormente e estava a ponto de desmaiar. Recorri ao colega que estava junto de mim, Milton Lins, aqui presente e que não me deixa mentir, cuja nota ainda não fora dada, pedindo, baixinho, que me ajudasse porque achava que ia cair. Ele olhou para mim, quis falar, mas não pôde. Desmaiou antes. Foi um rebuliço geral e, tanto ele como eu, fomos deitados no chão, com as pernas elevadas, apoiadas em cadeiras. Assim ouvimos nossas notas, acima de 7, o que nos assegurava o direito de realizar as provas seguintes oral e prática, a partir daquela mesma tarde. Somos hoje, eu e ele, aposentados da Previdência e Confrades da Academia Pernambucana de Letras. Novamente Letras e Medicina, juntas.

Meu pai, em 5 de agosto de 1972, tomava posse nesta Academia, no 'Nosso Teatro'. O Patrono de sua cadeira era Osvaldo Cruz, cujo centenário era, na ocasião, celebrado, em Pernambuco. Com o trabalho 'Osvaldo Cruz - Paixão, Glória e Morte', impresso pelo Governo do Estado na gestão do Ministro Eraldo Gueiros Leite - meu pai se habilitou à Cadeira. A Academia de Medicina de Pernambuco, era definida pelo seu Presidente Fernando Figueira como tendo sido '... criada em 1970, como consequência de profunda inquietação intelectual, da necessidade imperiosa da busca de novas perspectivas onde, ultrapassando os limites de suas especializações, o médico se coloque diante de uma realidade universal, realidade que inclua o homem em sua plenitude. A Academia Pernambucana de Medicina não representa, apenas, o deleite espiritual que poderia surgir do encontro de profissionais em tertúlias científicas. É mais que isso. É a procura do real dimensionamento do médico na Sociedade.'

O discurso de sua posse incluía efeitos de sonoplastia e meu pai chamou-me para executá-los. Fiz ouvirem a marcha de propaganda que Osvaldo Cruz escolhera para a sua Campanha: 'Rato, rato, rato, por que motivo tu roeste o meu baú, rato, rato, rato, audacioso e malfazejo guabirú...' Mais uma vez eu, como técnico teatral, aliando Teatro à Medicina.

Cinco anos depois, no dia 18 de abril, meu pai falecia após dois meses e seis dias de luta. Ali findava o meu pai, meu Mestre, minha vida, que me pediu, em seu último apelo, que eu 'fizesse a minha parte'.

Procurei, em minha Medicina' aplicar o que me passou de Deontologia Médica, no Teatro o que me ensinou a representar e nas outras manifestações de Arte, o exemplo que me dava de correção, responsabilidade e disciplina. E que me ensinou, como dizia, a não se envergonhar de dar uma aula na Faculdade, à tarde, e pintar o rosto, à noite, para interpretar papel, no palco.

A convite do falecido Jamesson Ferreira Lima, ingressei na SOBRAMES, ensaiando os meus primeiros passos de Literatuta. Não parei mais de produzir trabalhos e cheguei à Presidência da Sociedade, em 1982, quando realizei um belo Congresso do qual participaram médicos escritores paulistas, mineiros, cariocas, baianos, alagoanos, cearense, amazonenses, paraibanos, paraenses e paranaenses. A Literatura, ao lado do Teatro, me ajudava na sintonia entre a Medicina e as Artes.

Porém, já a partir de 1968, eu começava a dar os meus primeiros passos como compositor. Ganhava, com Cussy de Almeida, o primeiro lugar no Festival Nordeste de Música Popular, da TV Tupy - Canal 6 - Recife. Dentre 1500 músicas, inscritas de Belém a Salvador, ganhamos com 'Poema do Amor sem Luz', o primeiro lugar, através de um júri do qual faziam parte elementos do Programa de Flávio Cavalcanti 'Um Instante, Maestro', José Fernandes, Carlos Renato, Marisa Urban, e Mr. Eco, que, no Teatro do Parque, em final apoteótica, nos brindaram com um Sinca-Esplanada, zero quilômetro. Novamente, com parceria de Cussy de

Almeida, compusemos 'Escola de fazer Heróis', Hino do CPOR, aprovado pelo Ministério da Guerra e, hoje, cantado, por todo o corpo de tropa, logo pela manhã. Sua letra está afixada nos muros do CPOR, da Casa Forte, para nosso orgulho.

Eu e Benedicto Cohen, saudoso anestesista e poeta, compusemos a 'Canção do Anestesista', que, interpretada pelo Coral BANDEPE, na abertura do Congresso de Anestesiologia, de 29 de novembro a 4 de dezembro de 1981, presidido pelo parceiro Cohen, tendo como presidente da Comissão Científica, Ênio Laprovitera, se constituiu como grande sucesso, repetido em outros eventos nacionais. Atrevo-me a cantar a composição que descreve todo um ato anestésico sem se valer de nenhum termo técnico e cedendo o direito à poesia para transmitir a intenção.

CANÇÃO DO ANESTESISTA

'Com minhas mãos quero guiar seu sonho
Seu respirar quero bem junto a mim
Seguir os passos do seu coração
Com uma ternura que não tenha fim

Deste seu leito quero ser parceiro
No meu desejo de lhe dar razão
Após a volta serei seresteiro
De noites claras que não sejam em vão.
Confie em mim que não vou revelar
Se você sorrir ou se você chorar

Se seus pensamentos tornados em sonhos quise-
rem mostrar

As angústias da vida, a dor que maltrata, eu posso
apagar

Confie em mim que eu não vou lhe enganar

Sou seu amigo, pode sempre confiar

Pois eu só peço e me interesso, no sucesso/ (BIS)

Do regresso do seu sonho pra que eu possa lhe
acordar /

No baile de despedida no Clube da Aeronáutica,
a Orquestra de Guedes Peixoto comandava a dança e o
canto, no salão, em forma de frevo, que eu cantava esti-
mulando o sucesso.

De parceria com meu irmão Fernando vencemos o
concurso do Hino do Carnaval do Clube Internacional,
julgado por figuras do Sul e sob pseudônimo: Carnaval
Sensacional, só mesmo, só mesmo no Internacional... O
segundo lugar foi de nossa Mãe, Diná: Internacional,
Sala de Visitas do nosso Carnaval... e o terceiro foi de
nosso Pai 'No tempo da Vovó..' em quarto foi Capiba e
em quinto Nelson Ferreira.

Muitas de nossas composições permanecem como
sucessos nos carnavais: 'Você está sozinha', 'Onde anda-
rá Maria?', 'Baú Dourado', são cantadas pelos blocos nos
carnavais do Recife.

Ainda com meu irmão, teatralizamos um livro de
nosso pai 'Frevô, Capoeira e Passo' e fomos convidados
para abertura de vários congressos médicos. De Otorri-

nolaringolgia, de Patologia, da SOBRAMES, da Sociedade Brasileira de Urologia e da Sociedade Brasileira de Cardiologia. Música e Medicina, acopladas.

A mais recente de minhas composições, sucesso pela importância de que se revestiu, foi o Hino do Centenário do Rotary International, cantado nos eventos de todo o Brasil, gravado pelo 'Coral Amigos', do Rotary Club do Recife Casa Amarela. Pondo a modéstia de lado ainda compus trilhas sonoras de espetáculos teatrais como a de 'Sábado, Domingo e Segunda' e 'O Diário de Anne Frank', 'Solteira é que eu não fico', e 'Bob & Bobete'.

E eu como ator, cantor, compositor, escritor, lado a lado comigo mesmo, sem esquecer que no dia seguinte, poderia fazer uma esplenectomia com tratamento de varizes de esofago a Boherema-Crile ou a Welch, ou um simples atendimento em ambulatório ou enfermaria de onde colho as mais notáveis pérolas que levo ao palco, guardando o devido respeito da origem. Como, por exemplo, esta:

No momento da alta, a pergunta clássica:

- O Senhor e..vacuou?

- Não. Severino...

Ou esta outra, após comentar os resultados de exames que a paciente me entregava:

- Todos os seus exames estão ótimos. O que a senhora tem é saúde.

- E saúde dói, doutor?

É aí que nós temos de ser de Teatro...

Verdadeiras jóias como a de uma paciente, de mais de oitenta anos, que sentada na mesa de cirurgia, aguarda

dando a aplicação de uma raquianestesia, observava todo o movimento, em torno: anestesista, enfermeiras, cardiologista, transfusionista, cirurgiões, assistentes e dizia, baixinho:

- Tanta coisa pra tão pouca vida...

Fui professor, como assistente voluntário de Técnica Operatória e Cirurgia Experimental, com Wanderley e depois, com Salomão. Do mesmo modo professor adjunto de Botânica, na Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco e na de Filosofia do Colégio São José, de cujas cadeiras meu pai era titular. Também de Geologia e Mineralogia, do Curso Pernambucano. Ensinei em vários colégios do Recife - Escola Normal, Padre Felix, Osvaldo Cruz, Leão XIII. Em tudo tenho a convicção de que o Teatro me serviu de Escola. De dicção, de eloquência, de oratória, de comunicação quando o 'olho no olho' dá força e verdade ao que se diz. Terei herdado de meu pai as qualidades de falar explicado, de articular bem as palavras, da didática, do discursar, como ele dizia, sabendo o começo, o meio e o fim, habilitando-me, em toda a minha vida a enfrentar palestras, cursos, conferências, congressos, seminários, fóruns, Conselhos de Cultura e Seminários de Tropicologia, ao lado de figuras como Gilberto Freyre e Nilo Pereira, apresentação de trabalhos médicos, artísticos ou médico-artísticos. A fusão dos aprendizados veio do que captei nos livros e nas aulas mas, também, da riqueza que cada peça de teatro me proporcionou pondo-me integrado a seus personagens, intermediários entre a idéia

do autor e o público para o qual escreveu, além de nos ensinar suas verdades. Pirandello, Shakespeare, Molière, Garcia Lorca, Feydeau, Júlio Dantas, Arthur Miller, Tennessee Williams, Eugene O'Neill, Oscar Wilde, Agatha Christie, e brasileiros como Nelson Rodrigues, Dias Gomes, Gastão Tojeiro, Martins Penna, Ariano Suassuna, Viriato Corrêa, Vanda Phaelante e Luiz Marinho.

Por ter herdado qualidades jornalísticas de meu pai, sorvendo o modo como escrevia suas seções 'A propósito', 'Crônica da Cidade' e 'Vida Artística', passei pelas portas que me abriram Eduardo Monteiro e Joezil Barros, na Folha e no Diário onde abordo, semanalmente, assuntos do momento.

Da Associação Pernambucana de Medicina recebi a Medalha Maciel Monteiro num dia 4 de abril, aniversário da então Sociedade de Medicina de Pernambuco e do Teatro de Amadores de Pernambuco cujo primeiro espetáculo, em 1941 teve a renda revertida para a construção de sua sede, defronte do Teatro Valdemar de Oliveira. Medicina e Arte Teatral, mais uma vez de mãos dadas.

Das lições apreendidas em peças, jamais me esqueço das de Priestley, postas na boca do Inspetor Goole, de 'Está lá fora um Inspetor'. Depois de comprometer a todos os personagens com a acusação de serem responsáveis pela morte de uma jovem que se suicidara, detona a sua mensagem final:

'Uma jovem está morte. Mas há milhões delas e de outros que ficam entre nós com suas vidas, suas esperanças, seus temores, seus sofrimentos, seus anseios de felicidade, todos entrelaçados com as nossas vidas, com

o que pensamos, dizemos e fazemos. Nós não vivemos sós. Somos membros de um mesmo corpo. Somos responsáveis uns pelos outros. E lhes digo que em breve virá o tempo em que, se os homens não aprenderem esta verdade, serão forçados a isso, às custas de sangue, de suor e de angústias.'

Essa mensagem me atrela à vida de todos os meus paciente. A todas as minhas atitudes de vida profissional em que um mero desvio poderá provocar uma tragédia no destino de cada um. Eu, meu pai, minha mãe, minha mulher, todos os que participaram dessa peça, fixaram isso para uso em suas profissões. E, com que felicidade colhemos os frutos.

Em baixo do vidro de seu birô de trabalho, meu pai mantinha, impressa, uma frase de Oscar Wilde, teatrólogo e literato, que eu e meu irmão Fernando absorvemos para toda a vida: 'É fácil simpatizar com os sofrimentos de um amigo. Simpatizar com os seus triunfos exige um coração muito nobre'.

Para terminar: a ampliação dos saberes contempla todo o ser humano com uma convicção e uma compreensão dos fenômenos do mundo, que só um pleonasma registra e reforça o que quero dizer: que a cultura tem que ser cultivada. O grande His escrevia: 'Se a Medicina fosse, apenas, a arte de curar, a muito pouco estaria reduzida'. E o fenômeno dessa cultura se encontra em organismos como este, uma Academia de Medicina, reduto prateado de pessoas de bem.

Alberto Garcia Mata, escreveu certa feita: 'Aquele que só sabe Medicina, nem Medicina sabe.'

É por isso que procurarei ampliar meus conhecimentos nesta Casa.

A Medicina, a Cirurgia, o estudo do corpo e da alma humanos, o Teatro, a Literatura, a Música, costumam habitar meu corpo, do qual muito cuida o amigo de minha vida, Henrique Cruz, sob pena de eu não ter aonde viver.

Lamento que muitos pedaços meus, se tenham desgarrado no tempo. Meu Pai Valdemar, Minha Mãe Diná, Minha Mulher Dulcinéa. Teriam muito orgulho de me verem lado a lado de tantas pessoas ilustres na tentativa de ampliar os meus desejos de ser feliz.

Meus filhos e netos, halos dourados de minha velhice, estão aconchegados a mim e há, ainda, vocês, que aqui vieram, assim como amigos e amigas distantes.

Para todos haverá, sempre, vagas, na Academia do meu Coração.

Obrigado.



**Saudação a Reinaldo
da Rosa Borges de Oliveira**

Acadêmico

Edmundo Machado Ferraz

Recife, 22 de setembro de 2009



Academia Pernambucana de Medicina celebram neste ano 39 anos de sua fundação e recebe e empossa solenemente nesta noite de festas mais um Acadêmico ilustre o Dr. Reinaldo da Rosa Borges de Oliveira.

A Academia na gestão de Geraldo Pereira passou a buscar, em vez de receber passivamente, o perfil de Acadêmicos que necessita para uma nova concepção do papel de Academia.

O Acadêmico Bertoldo Kruse Grande de Arruda em sua saudação ao Acadêmico Edvaldo de Souza em março de 2007 já havia assinalado que “neste sodalício cultiva-se uma memória criadora com a harmonização de dois aspectos: um a trajetória e a memória de nossos antecessores, outro para analisar idéias e proposições de modo crítico e propositivo com palavras de nosso tempo e do tempo futuro”.

Mais ainda e acrescento, nos inserindo, como importante Sociedade que representamos, na discussão propositiva dos problemas que enfrentamos, sem omissão, mas com coragem, conhecimento e experiência que nos caracterizam para nos tornamos protagonistas indispensáveis desse diálogo do presente.

A Casa de Fernando Figueira deve ser a casa da Epistemologia, da discussão do conhecimento, de não deixá-lo etéreo e sim participante, como foi nosso Fundador, exercendo o seu papel de balizador ou de farol e não apenas uma mansão de velinhos eruditos e espectadores.

Nós Acadêmicos, por definição, não temos muito futuro, mas temos o presente para melhorar o futuro com nossa participação. Organizar o conhecimento é um

procedimento indispensável no século XXI para que o homem continue livre no pensamento de Edgar Morin.

Vivemos uma fase extremamente difícil de exercício profissional.

Apesar da evolução do país é indiscutível a redução da qualidade do atendimento médico em todo território nacional.

Idealizado em 1988 o Sistema Único de Saúde uma unanimidade nacional, magnificamente idealizado, planejado para atender 45 milhões de habitantes e atendendo presentemente 145 milhões de brasileiros tornou-se dotado de mecanismos de gestão e financiamento totalmente insuficientes apesar dos núcleos de excelência que conseguiram conservar essas características e sobreviverem a uma extrema dificuldade do sistema.

Os hospitais públicos da extinta rede do INAMPS e os Hospitais Universitários, principais pólos de conhecimento e de utilização de tecnologia nas décadas de 70 e 80, perderam a sua identidade e eficácia e as Emergências, tornaram-se a “Vitrine do SUS”, ofuscando as ilhas de excelência que conseguiram sobreviver.

Nós médicos, passamos na afirmativa de João Helio Rocha, a ser “médicos sem nome (e sem identidade) tratando pacientes que são números”.

E o que é que tem isso há ver com o Acadêmico Reinaldo da Rosa Borges de Oliveira que hoje toma posse?

Tudo a ver.

A presença dos novos Acadêmicos e a moderna concepção da Academia que imaginamos ser a característica de nossa Instituição: a discussão, o debate e a pro-

posição e, sobretudo, a nossa participação nos inserindo como Instituição na tentativa de adequação e mudança de nosso país.

No último dia 26/8/09 celebramos aqui na Academia os 200 anos de Charles Darwin, quando proferi uma palestra intitulada “Charles Darwin, a premonição da evolução”.

Revendo a biografia do homenageado descobri que na época da discussão da evolução com seleção natural formou-se um “clube” de discussão cujos membros eram chamados “lunáticos” exatamente como Adônis Carvalho formulou para um nosso clube de discussão uma vez, por mês, no final da tarde das 5^a feiras, o “Clube da Lua”. Esse novo tipo de “lunático” exige muito “juízo” e extraordinária capacidade.

Parece que a proposta foi feita pensando no nosso novo e extraordinário Acadêmico: Reinaldo da Rosa Borges de Oliveira com seu invulgar embasamento cultural que vou tentar sumarizar para algum desavisado aqui presente que talvez não o conheça.

Ator Teatral, participante de mais de 80 peças de: Sheaspeare, Moliere, Pirandello, Andreiff, Somersth Maughan, Musset, Alejandro Casona, Garcia Lorca, Eduardo de Fillipo, Graham Greene, Bernard Shaw, Kistemakers, Jules Romain, Agatha Christie, J.B. Priestley, Millor Fernandes, Graça Mello, Ariano Suassuna, José Carlos Cavalcanti Borges, Luiz Marinho, Dias Gomes, Valdemar de Oliveira e tantos outros.

Foi ainda Diretor Teatral de 11 peças (uma delas o inesquecível ‘Um sábado em 30’ todas encenadas pelo Teatro de Amadores de Pernambuco.

Foi ainda fundador e ator do Teatro Universitário de Pernambuco, Conselheiro da Fundação Gilberto Freire e membro do seminário de Tropicologia da Fundação Gilberto Freire.

Foi também compositor: do hino do CPOR (oficial R-2 da Infantaria em 1952), da canção do Anestesista e do Hino do Centenário do Rotary Internacional fora outras composições não incluídas em seu Curriculum, como um belíssimo poema sobre seu pai Valdemar de Oliveira que ouvi transmitido na Radio Jornal do Comércio na véspera do dia dos pais de 2009.

E ainda, escritor de peças teatrais, contos, crônicas e ensaios.

Por conta disso é Membro de quatro Academias antes de entrar para a nossa (a quinta):

Academia Pernambucana de Letras, de Música, de Artes e Letras de Pernambuco e do Nordeste, da Academia Pernambucana de Ciências além do Conselho Estadual de Cultura.

Sabemos que “a Arte é uma amante ciumenta e exigente” como definiu Emerson.

Diz a sabedoria popular que o ator é como um charuto.

Quanto mais você puxa mais ele encolhe.

Reinaldo parece fazer o contrário, espicha.

Conciliar a arte com a cirurgia outra amante exigente é certamente muito difícil.

Mas o prazer do trabalho é insubstituível e para se tornar um Mestre da arte de viver é necessário não fazer distinção entre o dever e o lazer simplesmente

buscando a excelência em tudo que faz deixando aos outros a difícil tarefa de identificar se estamos trabalhando ou nos divertindo e na realidade fazendo as duas coisas.

E ainda nos pagam para fazer o que gostamos, não é assim Reinaldo?

O exercício da cirurgia é um privilégio existencial.

Celebramos a vida diariamente em cada ato que praticamos.

É a maior premiação que um ser humano pode receber.

Tanto maior quanto mais desesperado e sem esperanças seja o caso que conseguimos reverter.

Este sentimento é acrescido quando ensinamos médicos residentes a lidar com destemor e segurança contra a adversidade, moldando as características fundamentais do cirurgião jovem que tem mais a ver com o desafio a ser ultrapassado do que qualquer tipo ou valor de remuneração.

E aqui Reinaldo, chegamos a um nosso denominador comum.

O privilégio de termos conhecido e termos sido ambos influenciados por Eduardo Wanderley Filho e Salomão Kelner.

Dizia Wanderley, definindo o perfil do cirurgião, que “dele se exige equilíbrio e maturidade, experiência e serenidade, capacidade de decisão rápida e improvisação, o espírito de comandar e de obedecer, de ser metódico e ousado, de ser, ao mesmo tempo, humilde, honesto e humano”.

Você conviveu com Wanderley no antigo IAPI e no Hospital Agamenon Magalhães, sendo aprovado no histórico concurso para cirurgião geral do Agamenon, até hoje lembrado e referido com orgulho por todos que dele participaram.

De minha parte foi um privilégio substituir Wanderley e Salomão Kelner nas cátedras de Técnica Operatória em 1987 e Cirurgia Abdominal em 1990, fornecendo as bases para criar o Serviço de Cirurgia Geral que congregou docentes das duas Disciplinas acrescido posteriormente da Cirurgia do Trauma por mim também criada.

E chegamos então a Monografia “Pelos Palcos da Vida” apresentada pelo Dr. Reinaldo da Rosa Borges de Oliveira como parte dos requisitos para admissão como Acadêmico da APM.

O candidato apresentou uma extraordinária contribuição da interface existente entre o exercício da cirurgia, ciência e arte ao mesmo tempo, com a prestação de serviços culturais, uma marca registrada da família Oliveira.

Sua Monografia é um relato pungente com o registro indelével da saudade de uma família agregadora, formadora, inspirada, solidária e, portanto imortal enquanto persistir a lembrança.

Demonstra como é possível compatibilizar o exercício da cirurgia, gratificante, extenuante e escravizante com a literatura, a poesia, dramaturgia, a música e outras expressões apaixonantes das letras e das artes.

O Palco da vida e da morte das salas cirúrgicas com o Palco da vida real das atividades cotidianas de cuidar

dos nossos seres amados, educar os nossos filhos, aprender com nossos amigos e pacientes e ao mesmo tempo trabalhar, ensinar e aprender em um moto-contínuo de vida e participação.

Ator e autor, espectador e parceiro de tantas atividades da vida.

A Monografia apresenta um desfile longo e precioso de figuras inesquecíveis de nossa Faculdade de Medicina relatada por uma memória privilegiada que nada omite por se lembrar de tudo.

Quantos Palcos, Teatros e Salas de Operações por esse Brasil Continental.

Evoca acontecimentos memoráveis do Recife como o Concurso Público inesquecível do IAPI comandado por Eduardo Wanderley Filho elaborado para selecionar cirurgiões para o Hospital Agamenon Magalhães.

O tumulto das noites insones e uma convivência digna de um Teatro dos Absurdos, associando Christopher Davis e Testut-Latarjet com Garcia Lorca, Oscar Wilde, Molière, Shakespeare, Ariano Suassuna e tantos outros.

Tudo isso vivido e comentado em prosa e verso.

Reinaldo é claramente uma produção dele próprio, Valdemar e Diná, da família Oliveira e de sua esposa e companheira Dulcineia que tanta falta lhe faz.

Não é coisa para qualquer um.

Demonstra que o que é realizado com amor e prazer pode ser conciliado com qualquer absurdo aparente.

Certamente que o nosso destino não está escrito nas estrelas como pensou Mario Quintana, mas em gran-

de parte em nosso genes como ficou evidente em 1953 quando James Watson e Francis Crick ganharam o prêmio Nobel de Medicina com a publicação da dupla hélice do DNA que permitiu o sequenciamento do genoma humano.

O irônico Irlandês, George Bernard Shaw (1856-1950) considerou que a reputação de um cirurgião é medida pelo número de homens eminentes que morreram sob nossos cuidados.

Considera José Mario de Andrade que “o epílogo é a apoteose do espetáculo. Quando é triste desarma a todos. Quando é alegre alimenta a vida, único bem capaz de preservar a felicidade”.

Por outro lado, um bom discurso deve ser composto de um bom começo e um bom final. De preferência juntos, o que não está ocorrendo nesse caso o que atribuo ao prazer de saudar o Dr. Reinaldo.

O cirurgião, Ator, Diretor de Teatro, Autor, Compositor e Contador de Histórias, Reinaldo da Rosa Borges de Oliveira é o mais novo Acadêmico de nossa Academia.

A Academia Pernambucana de Medicina situada nas margens do

Capibaribe, “o cão sem plumas” de João Cabral de Mello Neto, se sentirá honrada com a sua presença.

Muito obrigado pela atenção de todos

Discurso de posse na Academia

Acadêmica

Gilda Kelner

Recife, 22 de outubro de 2009



As primeiras palavras não poderiam ser outras que não de agradecimento por minha indicação para esta nobre Academia. A primeira, por Dr José Grinberg, que recusei, por não me achar à altura de ocupar o lugar do Professor Salomão Kelner. A segunda, por Dr. Gentil Porto, foi irrecusável, não se tratava mais de um convite, meu nome já havia sido aceito pela diretoria da Academia. Dr. Gentil foi muito generoso comigo, mesmo considerando sua grande admiração por meu pai, sobre o qual já falou e já escreveu. Generosidade ainda maior por insistir que eu aceitasse a cadeira antes ocupada por Salomão Kelner, posição por demais honrosa e, ao mesmo tempo, envolvendo imensa responsabilidade, a de suceder a alguém que, além de fundador desta Academia, a ela se dedicou de corpo e alma, junto com seu grande amigo Fernando Figueira e outros nobres acadêmicos.

É da tradição falar do primeiro patrono desta cadeira, Dr. João Alves de Lima e do seu sucessor, Salomão Kelner.

João Alves de Lima nasceu em Piracicaba a 30 de junho de 1871. Aos sete anos, já alfabetizado por sua mãe, foi para o internato do Colégio D. Pedro II, onde era docente o próprio Imperador D. Pedro II. As ideias liberais da época certamente influíram na formação política de João Alves de Lima. Ingressou na Faculdade de Medicina da Praia Vermelha em 1889, tendo cursado até o terceiro ano, transferindo-se para Paris, onde concluiu seu curso e se doutorou.

Regressou ao Brasil, tendo ido trabalhar nos dois maiores hospitais de referência de São Paulo, na época,

como cirurgião e, no desempenho da cirurgia, viveu sobretudo o desbravamento da era fisiológica e fisiopatológica da especialidade.

Em 1921 foi incluído como “fellow” do Colégio Americano de Cirurgiões, tendo sido logo designado para organizar um Capítulo Brasileiro do mesmo colégio, com sede em São Paulo. Criou condições para grande intercâmbio entre cirurgiões brasileiros com os Estados Unidos, o Canadá, além da França, onde fez sua formação, com evidentes progressos para a Medicina brasileira.

Durante trinta e seis anos foi chefe da Clínica Cirúrgica da Santa Casa de Misericórdia e, em 1917, aos 45 anos de idade, assumiu a segunda cátedra de Clínica Cirúrgica da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. A outra cátedra era ocupada por Antônio Cândido de Camargo.

Em sua aula inaugural, João Alves de Lima afirmou que ao cirurgião são indispensáveis conhecimentos gerais e sólidos das ciências médicas, necessitando conhecer anatomia descritiva, topográfica e patológica, além de fisiopatologia das ciências médicas, para que, com ciência e consciência, pudesse utilizar seu bisturi.

João Alves de Lima era um homem honesto, dedicado, competente, um excelente profissional e um grande mestre da Cirurgia.

Faleceu de insuficiência cardíaca, em 7 de novembro de 1934, tendo deixado, como legítimo sucessor, o professor Alípio Corrêa Netto, um dos maiores nomes da Cirurgia brasileira.

Salomão Kelner, meu amadíssimo pai, assumiu sua cadeira nesta Academia em 13/10/1971. Desde então, até seu adoecimento, a Academia era sua terceira casa, logo depois da segunda, a Universidade Federal de Pernambuco, onde foi professor durante mais de quarenta anos.

San Juan de la Cruz enfatizou que *“ao entardecer da vida, é no amor que seremos julgados”*. Com este critério, tão abrangente, tão completo e sábio, a nota dez é insuficiente para Salomão Kelner. Amou a esposa, com múltiplas formas de amor, amou a filha, os netos, os bisnetos, amou a família, os amigos, a Medicina, a docência universitária, amou a natureza e a vida, sempre, mesmo nas fases difíceis e diante do envelhecimento. Aceitar as perdas, para ele, era é mais uma conquista.

Aliás, como bem disse Sartre, *“não importa o que fizeram com você. O que importa éoquevocê faz com aquilo que fizeram com você”*. Salomão Kelner teve a sabedoria de aprender com as bondades e as maldades que lhe fizeram. Sofreu na pele as perseguições dos nazistas brasileiros e dos militares da extrema direita. Aludindo a Cecília Meireles, aprendeu com as primaveras a deixar-se cortar e avoltar inteiro. Aproveitou todos os amores e carinhos que lhe foram dedicados, de seus avós, de seus pais, de sua adorada Miriam, de seus parentes, clientes e amigos de todas as classes sociais, e os repassou a sua filha, aos seus netos e bisnetos, aos seus alunos, a seus pais. Era orgulhoso de sua pátria, como destacou ao receber o título de cidadão pernambucano.

Sua trajetória se desenhou pela esperança, pela coragem, pelo forçado trabalho e pela inteligência e seu exem-

plode homem, médico, pesquisadore professor universitário é muito marcante.

Commuitoesforço, trabalhando, fez o curso de Medicina na então Faculdade de Medicina do Recife, tendo concluído em 1940, colega de turma de Fernando Figueira.

- Foi Cirurgião, por concurso, do Serviço de Pronto Socorro do Recife e do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciários (IAPC).
- Em 1947, foi indicado 1º assistente pelo Professor Eduardo Wanderley Filho, Titular da Cátedra de Técnica Operatória e Cirurgia Experimental da Universidade do Recife, depois Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).
- Fez um Curso de Pós-Graduação sobre Cirurgia Torácica, no Serviço do Professor Richard H. Overholt, no “New England Deaconess Hospital” e “The New England Center Hospital”, em Boston, e no “Cambridge Tuberculosis Hospital”, em Cambridge, EE.UU. - de dezembro de 1951 a outubro de 1952.
- Seu primeiro concurso para Livre Docente de Técnica Operatória e Cirurgia Experimental da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco foi em março de 1954.
- Fez concurso para Professor Catedrático da 4ª Clínica Cirúrgica-Abdominal da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco em maio de 1966.
- Foi “Fellow” do American College of Surgeons, U. S. A. desde 1964.
- Em 1965, tornou-se Membro Titular do Colégio Brasileiro de Cirurgiões.

- Em 1970, com entusiasmo, foi Membro Fundador da Academia de Medicina de Pernambuco.
- Foi criador e coordenador do Curso de Mestrado em Cirurgia de 1973 a 1986 (Data da aposentadoria do cargo de Professor Titular da Universidade Federal de Pernambuco). As pesquisas foram apresentadas e defendidas sob forma de teses de Mestrado, de Professor Assistente e Adjunto, sob a orientação de seus Assistentes.
- Durante seus quarenta e um anos de magistério superior, publicou mais de sessenta trabalhos científicos e dois livros, um deles em 1997, sobre Varizes do Esôfago na Esquistossomose Mansônica.
- Vale destacar alguns trechos do Prefácio escrito pelo Professor Silvano Raia, Titular de Clínica Cirúrgica do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo:

“Ao ler o texto surge no espírito do leitor acostumado ao tema uma série de percepções dignas de nota. Antes de mais nada, define-se o pioneirismo de Salomão Kelner (...), ao perceber empiricamente baseado apenas na prática cirúrgica e observação clínica, que a melhor solução consistia em atuar diretamente nas varizes e não na sua descompressão através de anastomoses porto-sistêmicas. De fato, já em 1954, Kelner e Wanderley realizaram pela primeira vez no país a esplenectomia associada à sutura a céu aber-

to das varizes do terço inferior do esôfago como tratamento definitivo para as varizes sangrantes na esquistossomose mansônica. Kelner resistiu aos argumentos de Boërema, que em 1949 descrevera técnica semelhante, ainda que por via torácica apenas para tratamento de urgência. Este autor insistia num segundo tempo descompressivo não aceitando os argumentos de Kelner que defendia um tempo único para preservar o fluxo do sangue portal para o fígado. Este princípio só foi demonstrado e compreendido consensualmente após os trabalhos de Starzl na década de 60. Kelner também resistiu a várias tentativas de introdução em nosso meio de anastomoses para descompressão portal seletiva. (...)

É também interessante notar que somente décadas depois os princípios de observação empírica do autor foram confirmados por estudo prospectivo rigoroso que comparou, em parasitados, a esplenectomia associada à ligadura das varizes com dois tipos de derivações porto-sistêmicas. Mais uma vez a inteligência e o senso clínico se anteciparam na percepção de aspectos fisiopatológicos ulteriormente confirmados pela experimentação clínica.

Com base em todas as contribuições pioneiras, confirmadas durante quatro décadas de contínuo trabalho pessoal e de seus discípulos, justifica-se que a técnica cirúrgica preconizada neste livro seja denominada Técnica de Kelner. Esta iniciativa adquire justa dimensão considerando que existem no Brasil aproximadamente

150 mil pacientes com esquistossomose mansônica e varizes sangrantes do esôfago, potenciais candidatos a tratamento cirúrgico.

Seu trabalho, sua honestidade científica e sua perseverança na defesa de uma tese, que ao final se demonstrou correta, explicam por que Salomão Kelner deve ser considerado por todos nós o Mestre da cirurgia da hipertensão portal no Brasil”.

- No discurso de posse da Cátedra, em 1966, assumiu promessas que
- cumpriu todas, com os alunos de graduação, com a formação de cirurgiões gerais, com a formação de professores de cirurgia e com o desenvolvimento da mentalidade de pesquisa.
- Núcleo de Cirurgia Experimental, foram plantadas as primeiras sementes para a realização de transplantes de fígado em nosso meio. Atualmente, trabalhando nesta área, o professor Cláudio Lacerda, seu aluno, é dos maiores pesquisadores do Brasil.
- Além disso sempre foi um homem de grande sensibilidade social, incitando seus alunos a pensar e refletir sobre problemas políticos e sociais, como fome, desnutrição, endemias, violência, poder, educação etc.
- Como escreveu o Professor Carlos Moraes, Titular de Cirurgia Torácica da UFPE, saudando o Professor Salomão Kelner, ao receber o título de Professor Emérito da Universidade Federal de Pernambuco:

“O perfil do homem Salomão Kelner só pode ser compreendido por quem conhecer a essência moral e a ética do judaísmo e por quem

conhecer a história do povo de Abraão. Nascido em Buenos Aires, na Argentina, Salomão Kelner vive desde os dois anos de idade no Recife onde teve sua educação primária, secundária e superior e onde vem exercendo ininterruptamente suas atividades profissionais e universitárias 'A justiça como anseio de verdade. A verdade como interesse pelo amor. E o amor como vontade de construir, construir sempre para o bem e somente para o bem' constitui, na definição do próprio homenageado, o princípio filosófico que tem norteador a vida deste homem simples, discreto, honrado, sério, conciliador, amante da boa música e do bom teatro, dotado de grande sensibilidade social que é Salomão Kelner. (...)

Como pesquisador, Salomão Kelner foi um seguidor rigoroso da metodologia científica aprendida com Renato Lochi, com quem realizaria, em 1951, importante trabalho de anatomia cirúrgica da veia mesentérica superior, apresentado como Tese de Docência Livre, em 1964. (...) Salomão Kelner deu uma grande contribuição à cirurgia da hipertensão portal, criando uma escola reconhecida e respeitada em todo Brasil".

- Sempre foi participante de instituições acadêmicas, tendo exercido a presidência da Sociedade dos Ex-Alunos da Faculdade de Medicina do Recife e da Academia Pernambucana de Medicina.
- Recebeu várias homenagens e prêmios dos quais merecem destaque:

- Medalha outorgada pela Academia Pernambucana de Medicina como ACADÊMICO DO ANO - 16/12/1985.
- Medalha “MÉRITO DE SÃO LUCAS” outorgada conjuntamente pela Sociedade de Medicina de Pernambuco, Conselho Regional de Pernambuco e Sindicato dos Médicos de Pernambuco - 18/10/1985 - Dia do Médico.
- Medalha “MÉRITO MACIEL MONTEIRO”. Comemoração do Sesquicentenário da Sociedade de Medicina de Pernambuco - 04/04/1991.
- PROFESSOR EMÉRITO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, título conferido pelos Órgãos Superiores da Universidade Federal de Pernambuco, em sessão solene presidida pelo Magnífico Reitor - 21/ 01/1988.
- “PRÊMIO COLÉGIO BRASILEIRO DE CIRURGIÕES”, outorgado ao cirurgião do ano - 1992 - Diploma e MEDALHA DE OURO.
- TítulodeCIDADÃODEPERNAMBUCO, concedidopela ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO, em 12 de junho de 1997.
- Também recebeu homenagens acompanhadas de placas e medalhas por ocasião da aposentadoria como Cirurgião do Hospital Getúlio Vargas (INAMPS), em 1976, de Professor Titular de Cirurgia Abdominal no Hospital das Clínicas, em 1986 e, em 1995, do Hospital da Restauração, onde foi Cirurgião Concursado, (1943 - 1948).
- Teve alunos excepcionais, vários deles se tornaram pesquisadores e professores, inclusive titulares de duas das faculdades de Medicina do Estado, Professor Edmundo Ferraz, da UFPE e Professor Cláudio Lacerda, da UPE. Seu aluno mais querido foi, sem dúvida, Marcello Silveira.

- • Fez muitos amigos na profissão entre os quais destaco os saudosos Ovídio Montenegro, César Montezuma, Amaury Coutinho, Bezerra Coutinho, Hildo Azevedo (pai), David Rosenberg e Aurino Dantas.

A preservação da memória da Faculdade de Medicina foi uma das últimas atividades mais significativas de Salomão Kelner.

Segundo Platão, a reminiscência é a lembrança do que a alma contemplou em sua vida anterior quando, ao lado dos deuses, tinha a visão direta das Idéias. É também fidelidade ao passado, ao amor recebido, ao exemplo admirado, à confiança manifestada, às exigências, às leis. É ainda *“a luta entre a maré irresistível do esquecimento que, com o tempo, submerge todas as coisas e os protestos desesperados, mas intermitentes, da memória... E o passado não se defende sozinho, como o presente e o futuro”* (Jankelevitch – O Imprescritível). Há que se buscar os recônditos da memória, antes de sua prescrição. O tempo, em sua dimensão criativa, trabalhando por Salomão Kelner com grande afinco, recria o passado e o renova.

Salomão Kelner sempre contribuiu para somar forças; sua ação aglutinante e articulatória se fez sentir, na vida profissional, desde a unidade básica, do serviço de cirurgia, aos departamentos, centros e conselhos, onde teve participação e colaboração efetivas.

Falo muito sobre meu pai, aos meus alunos, aos meus coordenandos e supervisionandos, a propósitos de casos clínicos, de textos, técnicos ou não, e da vida. Em algumas situações, os alunos ficam fascinados pela figura

de Salomão Kelner, sem sua presença, com a aprendizagem de uma postura. Tenho conversas imaginárias com meu pai, pensando no que ele diria ou faria, sobre meus alunos e suas questões. É como um jogo de anel, passando de mão em mão, no entanto, o anel nunca é o mesmo, mas uma outra volta da espiral. Neste movimento, oscilamos entre o desamparo inerente à condição humana e as defesas que criamos para suavizá-lo. Salomão Kelner defendia, como Singer, que a ética é um exercício diário, precisa ser praticada no cotidiano. Só assim ela pode se afirmar em sua plenitude numa sociedade.

Ele não conhecia Giddens, mas estava imbuído da “segurança ontológica”, um nome para a confiança no ambiente e em si mesma que permite que a vida seja vivida com prazer e tranquilidade, com uma disposição de entrega relativamente relaxada.

E fruía dos princípios da cultura grega, no que dizia respeito ao cuidado do médico, pregando que a função curativa integra mente, corpo e afeto. Platão, em *O Banquete*, assim descreve a prática médica, na fala de Erixímano:

“(a medicina) é a ciência do amor nos corpos, relativamente a sua repleção e evacuação, e aqueles que nestes movimentos conseguem estremar o bom do mau amor, esse é um bom médico. Aquele que suscita o aparecimento de amor onde não havia amor, e onde não era necessário, e elimina um amor existente, quando pernicioso – esse, inevitavelmente, merece o título de excelente médico”.

Meu pai sempre se mostrava crítico aos trabalhos não suficientemente refletidos e aprofundados, apontan-

do a pressa como um dos entraves do mundo contemporâneo.

O professor de hoje, impactado por uma exigência curricular opressora, está, muitas vezes, preocupado com a quantidade de sua produção científica, em detrimento da qualidade, além de um abuso de trabalhos repetidos em várias revistas diferentes.

Entre os antigos gregos, descrevia-se a qualidade temporal do KAIRÓS, momento oportuno, diferente do tempo linear de Kronos, de onde provém a palavra cronológico. Na mitologia romana, Saturno era equivalente do antigo titã grego Kronos, deus do tempo e vale ressaltar que Saturno foi o deus que devorou os próprios filhos. Estamos nessa era de devoração filicida.

Segundo Kehl, o homem contemporâneo vive tão completamente imerso na temporalidade urgente dos relógios de máxima precisão, no tempo contado em décimos de segundo, que já não é possível conceber outras formas de estar no mundo que não sejam as da velocidade e da pressa. Portanto, é pertinente pensar que a temporalidade moderna sacrifica o sujeito aos seus imperativos.

O tempo presente é efêmero. Quando falamos dele, já é passado. Aristóteles nos ensinava que o presente é uma mera passagem, mas uma passagem fundamental, entre o passado que “não é mais” e o futuro que “ainda não é”.

Uma das teorias sobre a atualidade das depressões é a de que o indivíduo que não se adequa a essa pressa e a essa exigência produtiva desenfreada, se recolhe e

se deprime, sem negar, evidentemente, os mecanismos neurobiológicos e genéticos das depressões.

Além disso, quadros depressivos são “criados” pela mídia e pela indústria, para seu enriquecimento, chamada “venda de doenças”, como descreveu Lynn Payer.

É preciso cuidar para que o establishment médico não continue a “medicalizar” a própria vida, excluindo a necessidade de as pessoas enfrentarem a realidade do sofrimento e da morte, transformando um enorme número de cidadãos comuns em doentes.

Aliás, como salientou Prado de Oliveira, “o quadro psicopatológico da contemporaneidade reúne, em si próprio, de maneira mais ou menos alternada, ao menos duas modalidades de configurações subjetivas, que podem ser classificadas como portadoras de uma “síndrome da ação”, ou seja, alternam inibição da ação (depressões) e exacerbação da ação (compulsões)”.

Como disse Zigmunt Bauman, “estamos frágeis há muito tempo, só que continuamos a patinar alegremente e a dançar ao som das melodias alegres e animadas que saem dos alto-falantes... Há mais ou menos dez anos, Jacques Attali atribuiu a extraordinária popularidade do filme TITANIC à nossa premonição de que, agora, como naquele dia, em algum lugar na escuridão, alguns icebergs estão à nossa espera e, como os passageiros do TITANIC há cem anos, logo estaremos afundando ao som da música... Só quando o gelo da riqueza imaginária, emprestada, finalmente se partir, descobriremos, como aconteceu com os passageiros do TITANIC atingido pelo iceberg, que não há suficientes botes e coletes salva-vi-

das para todos e que a maioria de nós descobrirá que a nossa suposta segurança é enganadora”.

Há duas qualidades essenciais para a vida humana ser decente: liberdade e segurança. Nessa nossa era, a liberdade implica em escassez de segurança, quase a escravidão, e a segurança significa abrir mão de nossa liberdade. Construimos os muros ao nosso redor, pretendendo não sermos invadidos pelos que estão do lado de fora. Os de dentro não podem sair e os de fora não podem entrar.

A xenofobia na Europa está gerando grandes problemas sócio-econômicos. Como, no momento atual, os países pretendem impedir a entrada daqueles que vieram como escravos nos séculos passados? Agora, eles querem ultrapassar as fronteiras. Se quisermos preservar o nosso futuro precisamos tentar atenuar as desigualdades sócio-econômicas. Se tentarmos este objetivo, estamos sendo mais egoístas do que altruístas, estamos investindo em possibilidades de futuro.

Não poderia deixar de fora, neste pronunciamento de ingresso nesta nobre instituição, a análise da crise nas universidades brasileiras, muito preocupante.

A Universidade, como referiu o escritor moçambicano Mia Couto, deve ser um centro de debate, uma fábrica de cidadania ativa, uma forja de inquietações solidárias e de rebeldia construtiva. Não podemos treinar jovens profissionais de sucesso num oceano de miséria. A Universidade não pode aceitar ser reprodutor da injustiça e da desigualdade. Estamos lidando com jovens e com aquilo que deve ser um pensamento fértil e pro-

duto. Esse pensamento não se encomenda, não nasce sozinho. Nasce do debate, da pesquisa inovadora, da informação aberta e atenta ao que de melhor está acontecendo no mundo.

Recentemente o cientista Naomar de Almeida Filho, reitor da Universidade da Bahia, publicou artigo na folha de São Paulo, destacando que a missão da universidade no século 21 seria a de provocar crises de transformação e renovação, que ele propôs chamar de crises miltonianas, aludindo ao brilhante geógrafo Milton Santos. Os professores mais conservadores e amauróticos reagem com veemência a tudo que não seja a repetição estéril. Sua postura despótica, às vezes com linguagem pretensamente liberal, invoca o aluno a não pensar, apenas a dizer mais uma vez o que já se disse.

Milton Santos, no livro “Por uma Geografia Nova”, defende a tese que valoriza o novo, “o ainda não feito ou não codificado (...), o desconhecido (que) só pode ser conceitualizado com imaginação, e não com certezas”.

Nós, professores, precisamos despertar a formação de rebeldes competentes, rebeldes com causas muito bem trabalhadas.

Para Almeida Filho, a força criativa da instituição universitária, recuperada pela experimentação de formas novas de arquitetura curricular, organização institucional e prática pedagógica, pode e deve fomentar um tipo diferente de crise, crises de renovação. Tais crises configuram transgressões produtivas, de que a universidade brasileira tanto precisa para resgatar o atraso de sua história.

Concordo com o poeta, é inútil para mim conhecer algo que não posso transformar (Paul Valéry).

Há que se trazer de volta os ideais dos professores universitários, dos profissionais ligados ao Estado, de um modo geral, dos jovens em formação, do Homo sapiens. Estamos vivendo a ANESTESIA DOS IDEAIS, essa sim, uma característica da contemporaneidade.

Zigmunt Bauman chama sempre a atenção para a questão do que chama de modernidade líquida, de amor líquido, destacando a inconsistência das relações nesta contemporaneidade. Segundo Bauman, à medida que nos deparamos com as incertezas e as inseguranças da “modernidade líquida”, nossas identidades sociais, culturais, profissionais, religiosas e sexuais sofrem um processo de transformação contínua, que vai do perene ao transitório, com todas as angústias para o psiquismo que tal situação suscita. Bauman defende a idéia de que esse processo de liquefação dos laços sociais não é um desvio de rota na história da civilização ocidental, mas uma proposta contida na própria instauração da modernidade. A rapidez da roca de informações e as respostas que esse intercâmbio acarreta nas decisões diárias; qualidades e produtos que ficam obsoletos antes do prazo de vencimento; a incerteza radicalizada em todos os campos da interação humana; a falta de padrões reguladores precisos e duradores; são evidências compartilhadas por todos os que estão neste barco do mundo pós-moderno. Se esse é o pano de fundo do momento, ele vai imprimir sua marca em todas as possibilidades da experiência, inclusive nos relacionamentos amorosos.

Buscar, buscar, buscar, pesquisar, estudar, dialogar, aprender e ensinar biunivocamente, não deixar morrer os ideais, esta a maior tarefa do homem de hoje, homem responsável, o homem que aprecia o belo, o belo de Platão, que é belo e bom. Embora que, buscando, como lembrou Di Matteo, descobre-se a infinita e portanto impreenchível distância entre o procurar e o encontrar, o saber e a verdade.

Às vezes, me identifico com Cecília Meireles em O Retrato:

Eu não tinha este rosto de hoje,
Assim calmo, assim triste, assim magro,
Nem estes olhos tão vazios
Nem o lábio amargo.
Eu não tinha essas mãos tão sem força,
Tão paradas e frias e mortas;
Eu não tinha este coração que nem se mostra.
Eu não dei por esta mudança,
Tão simples, tão certa, tão fácil:
Em que espelho ficou perdida a minha face?

Outras vezes, a maioria, me identifico com Drummond (O Homem):

Ao acabarem todos
Só resta ao homem (estará equipado?)
A difícilima dangeroríssima viagem
De si a si mesmo:
Por o pé no chão de seu coração

Experimental

Colonizar

Humanizar

O homem

Descobrimo em suas próprias inexploradas en-
tranhás

A perene, insuspeitada alegria de conviver

Esta egrécia instituição está indo contra a corrente, valorizando a memória, a volta ao passado, a homenagem aos que nos antecederam, a valorização de nossas origens. Felizmente a Academia existe e é uma imensa honra me inscrever entre os seus membros. Agradeço essa galhardia, enorme distinção, por mim, por meus pais (minha mãe, Miriam Kelner, também acadêmica), por meus filhos (Sérgio, Raquel e Carlos) e por meus netos (Marina, Cecília e Pedro).

Saudação a Gilda Kelner

Acadêmico

Gentil Duque Porto

Recife, 22 de outubro de 2009



“Que seria de mim sem minhas repetições”? Assim costumava dizer o nosso conterrâneo, escritor, jornalista e dramaturgo Nelson Rodrigues.

Repito, pois que a sociedade humana é ritualística. Tem o ritual da vida e da morte, tem o da alegria e o da tristeza. Hoje, estamos no exercício do ritual da vida e da alegria. Alegria pela posse do mais novo membro desta casa, que à moda antiga está engalanada. Nenhum termo mais próprio para uma casa de antigos. Claro, tenho juízo suficiente de assim chamar apenas aos do sexo masculino. Nenhuma classificação desse tipo às nossas colegas de academia. É motivo de alegria e para mim muito honroso saudar a Professora Dra. Gilda Kelner. “No dizer de Edmundo Ferraz” a Academia é uma sociedade médica da maior importância. Sodalício que reúne médicos que se destacaram no seu campo de conhecimento e se agregam nesta casa sob a inspiração do nosso patrono Fernando Figueira com o objetivo de continuar a estudar, discutir, ponderar, propor e continuar pelejando. A Academia Pernambucana de Medicina é também a casa da resistência contra os desvios profissionais, a falta de ética, o desrespeito à dignidade humana, a usurpação do conhecimento para a produção do lucro”. As academias, digo eu, são centros de memórias e também de transmissão de conhecimentos acumulados. Aqui é, pois, também lugar de encontros e reencontros. Encontro com os que permanecem e reencontro com os que partiram e estão sempre presentes.

Fazendo parte do ritual e para ser admitido nesta casa, o candidato tem o seu nome apreciado por uma

comissão de ética, antes de apresentar uma monografia sobre temas relacionados com a medicina, que será avaliada pela comissão científica. Aprovado nas duas comissões o nome do candidato é submetido a uma votação da Assembléia Geral constituída dos acadêmicos efetivos.

Gilda Kelner foi aprovada pelos nossos pares em consagrada votação por unanimidade.

Mas quem é Gilda Kelner? O espaço seria pequeno para nesta solenidade enumerar os atributos da nova acadêmica. Filha de Miriam e Salomão Kelner, médicos professores e também acadêmicos que fizeram da medicina o apanágio das suas vidas. “Servir não ser servido” foi sempre assim a conduta pessoal e profissional dos dois. Judeus pobres venceram à custa de enormes sacrifícios pessoais. Salomão, o “sábio Salomão” assim o chamo carregava toros de madeira num armazém da Rua da Praia onde trabalhava. Ambos davam aulas particulares para complementar a esqualida renda familiar. Argentino de nascimento, fazendo parte da diáspora judaica, Salomão encontrou no Brasil e em Pernambuco os lugares onde pôde realizar os seus sonhos. Brasileiro naturalizado e cidadão honorário de Pernambuco por título concedido pela Assembléia Legislativa, auto definia-se como “pernambucaneu”, mistura de pernambucano com judeu. Dançava xaxado, baião e o frevo sem esquecer a hoira das suas origens judaicas. Rigoroso no trabalho e em defesa dos seus princípios nunca perdeu a referência da bondade a sua grande marca. Guevarianamente, “sem perder a ternura jamais”. Miriam, hoje envolta nas brumas de Alzheimer, foi sua grande com-

panheira de toda a vida, no trabalho, na família, na tristeza, na dor e na alegria. Por isso mesmo, os dois, tenho certeza estariam muito alegres na noite de hoje.

Mas, senhoras e senhores esta casa não é uma capitania hereditária. Gilda Kelner chega aqui como uma estrela que tem luz própria. Impenitente conquistadora de primeiros lugares e só pra citar alguns: estudou em escola pública, no Instituto de Educação de Pernambuco, sendo aprovada em primeiro lugar no exame de admissão, no ginásial, e no científico. Primeiro lugar também no vestibular e no curso médico. Recebeu várias bolsas pelos primeiros lugares obtidos quer no curso médico quer na pós-graduação. Além disso, foi aprovada com distinção como professora da Universidade Federal de Pernambuco. Especializou-se inicialmente em Endocrinologia e depois de algum tempo, dedicou-se à Psicanálise onde até hoje presta seus serviços participando da criação do Grupo Balint com o qual pretende minorar o sofrimento dos portadores de transtornos mentais. Criou também no Hospital Barão de Lucena o primeiro serviço de psicanálise em hospital público do Brasil. Além da tese de mestrado Gilda publicou 14 trabalhos científicos, sem esquecer a primorosa monografia “Novas modalidades do mal-estar na cultura nas relações humanas” com a qual foi admitida nesta Academia. Durante toda sua vida mostrou intensa capacidade associativa participando de vários grupos da sua especialidade ou não. Na verdade, calcada no exemplo dos pais, Gilda exerce em sua plenitude a máxima médica: “Curar se possível, amenizar a dor frequentemente... mas... confortar sem-

pre”, ou ainda “sofre com o paciente e morre um pouco quando ele morre”. Fiel à família, aos amigos, à sua terra e à sua gente, Gilda à maneira do seu pai dança o xaxado, o baião e o frevo, sem, no entanto esquecer a hoira da tradição judaica. Seus filhos Raquel, Sérgio e Carlos, seus netos Marina, Cecília e Pedro muito tem de se alegrar na noite de hoje. Raquel, médica e a neta Marina estudante de medicina, fazem parte hoje do que poderíamos chamar de uma verdadeira dinastia de médicos, grandes médicos.

Senhoras e senhores já que falei em “à moda antiga”, pensei em terminar dizendo: Gilda seja bem-vinda. Mas não posso, pois esta casa já lhe pertence.

Discurso de posse na Academia

Acadêmico

Luiz de Gonzaga Braga Barreto

Recife, 02 de dezembro de 2009



Sinto-me lisonjeado e agradecido nesta noite em que assumo a Cadeira nº 10 desta egrégia instituição. Cadeira que tem como patrono o ilustre médico e professor Manoel Gouveia de Barros, e que foi assumida, em primeiro lugar, na condição de acadêmico fundador pelo prof. Waldemir Soares de Miranda.

Como é de praxe, cabe-me falar desses ilustres mestres.

O prof. Dr. Manoel Gouveia de Barros formou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1905, defendeu a tese "*Ensaio de um estudo sintético do crescimento e do seu papel em patologia*", em janeiro de 1906 e logo veio para o Recife, onde começou suas atividades profissionais.

Nasceu Manoel Gouveia de Barros em 9 de novembro de 1881, no Engenho Liberdade no vilarejo de Bentivi, município de Bonito em Pernambuco. Era filho do casal Leonardo Orlando de Barros e Francisca Gouveia de Barros. Além de proprietários, ambos tinham pendorres artísticos, ele ao violino e ela na viola ou no piano, "enchiam - como diria, posteriormente Waldemir Miranda - de sonoridade as novenas de São José, no vilarejo de Bentivi, em terras do Engenho Liberdade, onde se erguera uma capelinha para catequese de remanescentes indígenas ali aglomerados".

Estudou o primário em Garanhuns e depois veio para o Recife onde cursou o ginásial.

Estudioso dos problemas de saúde pública, logo em 1911 foi convidado para dirigir a Diretoria de Higiene, no governo de Dantas Barreto, quando iniciou um

valioso trabalho de combate às grandes epidemias do Estado, quais sejam: varíola, febre amarela e a peste bubônica. Naquele tempo o Recife era considerado a cidade mais insalubre do Brasil: cidade palustre, cidade da febre amarela, da peste bubônica, da varíola. Segundo um depoimento do prof. Ageu Magalhães “A varíola só no período de 1908 a 1911, matou no Recife 5.152 pessoas. Em 1915 causava apenas 15 óbitos e até março de 1916, quando terminou a administração Gouveia de Barros, havia sido registrado um óbito somente.” Decréscimos iguais aconteceram nas outras importantes patologias infecciosas da época. Coube a ele também criar o Serviço de Assistência Pública (hoje Hospital da Restauração) inaugurado em 14 de julho de 1914, e fez circular no Recife o primeiro carro-ambulância, que chegou a extasiar a população, sempre acostumada a ver os seus doentes e feridos serem transportados em rede ou em padiola.

O Dr. Gouveia de Barros volta a assumir o mesmo cargo, por apenas quatro meses, no governo José Bezerra, no biênio 1920-1922, quando então inaugurou o primeiro Centro de Saúde do Recife e o primeiro Posto de Profilaxia Rural, sob os auspícios da Comissão Rockefeller. Eleito Deputado Federal proclamava no Congresso a necessidade de uma política nacional para o combate das grandes endemias.

Em 1925 fundou a Sociedade de Cultura Musical e foi o seu primeiro presidente, com uma grande atuação, e tendo como colaboradores Edgar Altino, Avelino Car-

doso, Valdemar de Oliveira, Aguinaldo Lins, Arnaldo Marques, entre outros.

Na sua terceira atuação, no governo de Estácio Coimbra, recebeu do Dr. Amaury de Medeiros a instituição elevada à categoria de Departamento de Saúde, então incorporada de dois grandes hospitais, o de isolamento, o antigo Santa Águeda, transformado em Osvaldo Cruz, e o da Tamarineira para psicopatas. Nesse período cria a Escola de Educação Sanitária, em setembro de 1927, destinada ao preparo de monitores e demais auxiliares de saúde.

Na revolução de 1930 houve uma grande perseguição ao Dr. Gouveia de Barros sendo invadido e destruído o seu lar, queimados livros, destroçados objetos de artes como o piano, e a flauta de que era concertista renomado, além do violoncelo, instrumento de iniciação recente. Destruíram ainda um valioso arquivo médico e um livro em preparo, rico em observações clínicas. Cometeram uma grande injustiça, nunca reconhecida publicamente pelo governo.

A partir daí dedicou-se precipuamente ao ensino médico e às suas atividades profissionais.

Dr. Gouveia de Barros foi professor e fundador da clínica neurológica da Faculdade de Medicina do Recife, a partir de 1920.

Faleceu no dia 24 de março de 1938.

Em reconhecimento à sua obra como médico e administrador hoje Gouveia de Barros é, além de patrono nesta Academia, nome de um Centro de Saúde - Policlínica Gouveia de Barros -, situado à Rua da Santa Cruz,

e também nome de uma rua no Bairro de Santo Amaro, nesta cidade.

Igual valor deve ser atribuído ao médico e prof. Waldemir Soares de Miranda, um dos fundadores da Faculdade de Ciências Médicas de Pernambuco, em 1950, e seu primeiro Diretor. Atualmente a Faculdade é vinculada a Universidade de Pernambuco.

O professor Waldemir Miranda foi titular da Cadeira nº 10 desta Academia Pernambucana de Medicina, assumida em 24 de maio de 1971, e depois elevado à condição de Emérito.

Filho de Antônio Florentino Miranda e Enedina Soares, Waldemir Miranda nasceu na cidade de Caiçara, na Paraíba, em 24 de abril de 1903. Faleceu no dia 1º de novembro de 2009, aos 106 anos.

Mesmo tendo iniciado seus estudos na Faculdade de Medicina da Bahia, logo se transferiu para o Rio de Janeiro, graduando-se pela Faculdade Nacional de Medicina no ano de 1926. Fez pós-graduação na França e na Alemanha, tendo se especializado em dermatologia e radiologia.

No seu trabalho cotidiano, profissional dinâmico que era, instalou e fez inaugurar no ano de 1940 o primeiro Instituto de Radioterapia do Nordeste dispondo de um aparelho de radioterapia para tratamento dermatológico superficial.

Em 1946, em seu pioneirismo, inaugurou a Casa de Saúde São Marcos que por diversas vezes teve suas instalações ampliadas para atender às novas necessidades dos serviços médicos do Recife, transformando-se

em um grande complexo, hoje com a denominação de Hospital São Marcos.

“A boubá no Nordeste Brasileiro” foi o seu primeiro livro científico publicado em 1935. Em 1950 fez o lançamento do livro *“Palavra de médico e Vida médica em Pernambuco”*, em 1974, sendo essas as suas duas primeiras obras literárias.

Convidado pelo escritor Mauro Mota concorreu e ocupou a Cadeira nº 11 da Academia Pernambucana de Letras em 22 de junho de 1976, cujo patrono é o General Abreu e Lima, sendo saudado pelo prof. Leduar de Assis Rocha. Foi presidente daquela instituição por um período de dez anos, de 1982 a 1992 e quando terminou seu mandato foi agraciado com o título de Presidente de Honra, proposto pela acadêmica Maria do Carmo Tavares de Miranda.

Em 1973 o Prof. Waldemir Miranda assume como sócio a Sociedade Brasileira de Médicos Escritores, Regional de Pernambuco, participando ativamente dessa associação literária.

Grande orador era frequentemente convidado a proferir conferências, palestras e discursos em homenagem a grandes personalidades, principalmente da área médica, como: Octávio de Freitas, Geraldo de Andrade, Ulisses Pernambucano, Gouveia de Barros, Valdemar de Oliveira e tantos outros.

Nas comemorações dos seus 100 anos de vida, o Professor Waldemir Miranda recebeu, como um justo reconhecimento, O Título de Cidadão Pernambucano, outorgado por proposta apresentada pelo deputado Bruno

Rodrigues, com o apoio unânime dos 49 integrantes da Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco. A entrega do título aconteceu no dia 24 de abril de 2002, quando da abertura das comemorações dos 100 anos de nascimento do professor Waldemir Miranda.

Como parte dessas comemorações foi lançado o livro, coordenado pelo escritor Carlos Cavalcanti, com o título “Waldemir Miranda – Um cidadão do nordeste” , em 24 de abril de 2003, dissertando sobre a vida e a obra do grande médico, escritor e empreendedor Waldemir Miranda, trazendo depoimentos emocionantes de médicos, familiares e amigos do homenageado.

Waldemir Miranda foi um homem universal e local. Não bastasse todo o seu conhecimento de médico, com especialização na França e na Alemanha, de professor catedrático da Universidade Federal de Pernambuco, conhecedor e estudioso das culturas mundiais, ele colocava, ao mesmo tempo, toda sua atenção nas situações as mais simples. Aproximando-se das comemorações dos 100 anos de idade, volta-se para a terra onde nasceu, a sua Caiçara, incrustada na zona da caatinga Paraibana. Sente-se atraído pelos seus anos mais juvenis. Ali, para espanto da comunidade, cria um Centro Cultural que leva o nome de sua mãe Enedina Soares de Miranda, dispondo de anfiteatro, palco com concha acústica, gabinetes médicos e odontológicos, salas para leitura e treinamentos, acomodações para hospedagens de professores e outras; contempla a Banda de Música da cidade com novos instrumentos; fomenta treinamento da mocidade local; e ainda manda construir um hotel com o nome de

Esperança Caiçara Hotel, dispondo de 14 suítes e todos os equipamentos necessários ao seu funcionamento. Os seus empreendimentos naquela cidade se desdobrariam ainda por muitos outros sonhos.

Waldemir Miranda fez parte de inúmeras instituições científicas e culturais, entre elas:

- Academia Pernambucana de Letras;
- Academia Pernambucana de Medicina
- Academia Paraibana de Letras;
- Academia Carioca de Letras;
- Academia Paraibana de Medicina;
- Sociedade Brasileira de Médicos Escritores, Regional de Pernambuco;
- Colégio Ibero Latinoamericano de Dermatologia;
- Recebeu ainda inúmeros Títulos, Láureas e Condecorações.

Ao completar 105 anos foi alvo de grandes manifestações promovidas pela Academia Pernambucana de Letras, com discurso do seu amigo e Acadêmico Antonio Correia e muitas outras homenagens públicas e privadas.

Estes são alguns dos aspectos da vida carregada de brilhantismo do ilustre professor Waldemir Soares de Miranda, que pude registrar em rápidas pinceladas. Acadêmico a quem tenho a grande honra e responsabilidade de substituir na Cadeira nº 10 desta Academia.

Desejo agradecer aos que fazem este sodalício por me acolher em seu seio, estender este agradecimento, particularmente, ao confrade Gentil Porto que me fará

a saudação e que tanto me incentivou a concorrer a esta Cadeira, e aos acadêmicos Dr. José Falcão, Prof. Geraldo Gomes de Freitas, Prof. Gustavo Trindade Henriques, Prof. Miguel Doherty e ao Presidente Prof. Geraldo Pereira pelo apoio e estímulo.

Quero agradecer também aos meus familiares, minha mulher Mariluce, meus filhos Luiz Antonio, Gustavo e Juliana e as minhas netas do coração Amanda, Maria Clara e Luana e aos meus irmãos a médica Maria do Carmo e ao engenheiro Vicente de Paulo e demais familiares presentes nesta cerimônia. A todos, os meus agradecimentos pela participação neste ato, para mim de grande importância.

Que Deus me ajude a conduzir dignamente mais esta importante responsabilidade que me colocam aos ombros.

Muito obrigado.

**Saudação a Luiz de Gonzaga
Braga Barreto**

Acadêmico:

Gentil Duque Porto

Recife, 02 de dezembro de 2009



Aqui estamos reunidos em noite de festa para saudarmos Dr. Luiz de Gonzaga Braga Barreto o novo membro desta Casa – Casa de Fernando Figueira como é justamente chamada, pois ele seu fundador e primeiro presidente, com a determinação que o caracterizava, quis criar um sodalício onde se reunissem médicos preocupados com a profissão, a ética, a cultura e a história. Sob o comando do Prof. Geraldo Pereira, a Academia vem passando por um processo de renovação com a chegada de novos acadêmicos que trazem o compromisso de continuar pelejando para que os pressupostos sonhados pelo nosso fundador sejam preservados e certamente, perpetuados. Por isso mesmo sinto-me alegre e orgulhoso em saudar o Dr. Luiz de Gonzaga Braga Barreto por tudo o que ele fez, faz e sem dúvida fará em defesa dos princípios da sábia medicina hipocrática.

Dr. Barreto, como é conhecido, cumpriu o ritual que é praxe da casa: teve o seu nome indicado pela diretoria, com o aval de vários colegas e foi avaliado pela comissão de ética. Depois apresentou a sua monografia intitulada “Biblioteca da Faculdade de Medicina do Recife” a qual foi avaliada pela comissão científica. Aprovado nas duas comissões, seu nome foi submetido à Assembléia Geral sendo acolhido por unanimidade para fazer parte da nossa Academia.

Mas quem é Dr. Barreto? Mergulhando no passado vamos à cidade de Cajazeiras no sertão paraibano. Foi lá que o nosso homenageado de hoje nasceu, filho de Vicente de Souza Barreto e Maria de Lourdes Braga Barreto. Como muitos do seu tempo, saiu em procu-

ra de novos horizontes culturais e profissionais e fez o que poderia ser chamado de “Caminho de Padim Ciço”. Isso mesmo, os sertanejos daquela região com dificuldades de transporte e muitas outras, procuravam Juazeiro do Norte para de lá chegarem a Fortaleza em busca de estudo e trabalho. Barreto foi um deles e só depois chegou ao Recife para concluir no colégio Padre Félix o seu curso científico. Talvez pudéssemos fazer uma analogia com os jovens sertanejos pernambucanos que em tempos idos se dirigiam a Juazeiro da Bahia e lá tomavam os trens da Leste Brasileira com destino a Salvador. Muitos médicos pernambucanos assim se formaram na antiga Faculdade de Medicina da Bahia no bairro do Pelourinho.

Pois bem, Barreto concluiu seu curso médico na Faculdade de Ciências Médicas de Pernambuco no ano de 1965 e logo revelou uma inclinação muito forte para Saúde Pública e Administração Hospitalar. Pela Organização Mundial de Saúde fez mestrado na Universidade Central da Venezuela em Caracas e especialização em Administração de Serviços de Saúde da Fundação Getúlio Vargas. Exerceu com o preparo técnico adquirido vários cargos de destaque inclusive o de Diretor do Hospital Oswaldo Cruz, Hospital das Clínicas e como corolário a Pró Reitoria da Universidade Federal de Pernambuco.

Homem plural, enveredou pelos caminhos da literatura, publicando seis livros. Exerceu também a Presidência da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores-Regional de Pernambuco.

Faz parte também do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico de Pernambuco.

Mostrando sua forte tendência associativa pertence ao Rotary Clube-Caxangá onde ocupou todos os cargos da hierarquia rotariana naquele clube.

Hoje desempenha as funções de Coordenador do Memorial da Medicina de Pernambuco, esta casa, nossa casa.

Mas esses títulos seriam insignificantes ante o ser humano que é, conforme comovente depoimento da sua mulher Mariluce e dos filhos recifenses Luiz Antônio, Gustavo Henrique e Juliana. Barreto está sempre pronto a ajudar o próximo, disponível em todas as horas, carregando dentro de si a simplicidade dos homens do campo. Paraibano recifensizado, saiu do interior, mas o interior nunca saiu dele. O Mercado da Madalena que o diga e os passarinhos também. Antenado nos dias de hoje consegue varar noites na Internet e ainda qual “lambe-lambe” das feiras do interior fica tirando fotografias de plantas, animais, prédios, lugares e sobretudo de gente. Por tudo isso, Barreto é gente muito gente, e registramos com imensa satisfação esta sua chegada. Seja bem vindo!



Discurso de posse na Academia

Acadêmico

Carlos Vital Tavares Correa Lima

Recife, 22 de abril de 2010



Ao transpor o pórtico da Academia Pernambucana de Medicina como um dos seus membros, sinto revigorados os meus compromissos com a cultura médica e com o seu significado para com a comunidade, de acordo com os ideais afirmados pelo primeiro presidente desta Academia, Professor Fernando Figueira, durante reunião na qual foi criada a instituio em 17 de dezembro de 1970.

A integrao no quadro de Acadêmicos desta instituio, com reverência e propriedade nominada Casa do Professor Fernando Figueira, além de propiciar a satisfao de ter um espaço de elevado status epistemológico para aquisio de mais cultura e desenvolvimento de ações ticas com a responsabilidade social, constitui a honra de mais aproximao com amigos e colegas médicos de privilegiado talento e intelecto, que vivem o presente sem esquecer o passado e, portanto, não serão esquecidos no futuro.

No sábio dizer de Victor Hugo, o futuro tem muitos nomes: para os fracos, é o inatingível; para os temerosos, o desconhecido; e, para os valentes, a oportunidade.

A edificao desta Academia tem traços e feitos de homens valentes e a missão a ser aqui desempenhada representa a oportunidade de contribuio com a construo de pontes para um mundo melhor.

Na medicina, as pontes para o futuro de um mundo melhor têm alicerce no exercício da cidadania e em diálogos francos e humanamente paritários entre o médico e o paciente, que façam nascer relações fiduciárias, radicadas no denso valor ético-social da recíproca confiança.

O êxito no pleito eletivo, com aprovação por unanimidade, para assumir a cadeira de número 42 desta egrégia Academia, que tem como patrono o Professor Jorge de Medeiros e como titular fundador, hoje membro emérito, o acadêmico Nicolino Limongi, faz pesar sobre os meus ombros a responsabilidade de continuidade dos heróicos trabalhos desses dois baluartes da medicina pernambucana, voltados ao futuro da humanidade, as crianças.

O Professor Jorge de Medeiros fez uma verdadeira escola de profissionais que desfrutam do reconhecimento dos seus pares e da sociedade.

Sem ter usufruído do seu convívio, obtive de testemunhos a identificação do principal marco da natureza de sua vasta obra, evidente em uma das suas mais fortes expressões: “Defendendo a criança, defenderemos a própria sociedade que dela resulta e para ela deve dedicar os melhores cuidados”. O nobre Professor sempre apontou a educação como pré-requisito à saúde. Sobre ele nos ensina o Professor Nicolino Limongi: “Enquadram-se os seus pensamentos na expressão de Goeth: “as crianças seriam educadas se os pais assim o fossem”.

Filho de Francisco Limongi e Giuseppina Rattacazo Limongi, italianos da bucólica província de Cosenza, o Professor Nicolino Limongi é um homem que tinha múltiplas competências, exercidas com idêntica destreza, eternizadas nas suas realizações, como poeta, escritor e médico, especialista em puericultura e pediatria, caracterizou-se como incomparável amigo das crianças.

Iniciou o curso primário aos sete anos, viajando aos nove anos de idade, em 1925, para a Itália, onde con-

cluiu esta fase educacional em 1927. Retornando em seguida ao Brasil, ingressou em 1929 no Ginásio do Recife para terminar o curso secundário em dezembro de 1933 e, posteriormente, conseguiu o diploma de Médico em 1940, outorgado pela Universidade Federal de Medicina de Pernambuco.

Os seus cursos de pós-graduação, títulos, associações médicas, congressos e jornadas científicas, elogios e condecorações são numerosos e invejáveis, bem como a sublime angústia que registrou em seu discurso de posse, em 31 de julho de 1974, na cadeira desta Academia, que passo a ocupar: “Que importa garantir um nascimento perfeito, prevenir as agressões infecciosas, baixar progressivamente o índice de mortalidade, se a insatisfação cresce assustadoramente, o raciocínio se confunde, as frustrações e as neuroses se alastram, e o único horizonte visível se apresenta nublado pela cegueira das trevas? Se a educação permanecer acorrentada...”.

O panorama sombrio com o qual se preocupava, apesar dos avanços e dos esforços, permanece na contemporaneidade e, para clareza dessa assertiva transcrevo um conciso trecho que escrevi em um livro destinado ao relato de um dos programas sociais do Conselho Regional de Medicina: *“Tenho comigo as lembranças dessa caravana e as guardarei por muito tempo na memória. Com absoluta clareza de detalhes me recordo de um menino arreado e esquálido, talvez com oito ou dez anos de idade, de tez amarelada, semelhante à argila com a qual brincava a moldar com as mãos ágeis uma esfinge de barro com perfil instigante e bem delineada. Parecia sonhar em dar-lhe vida com um sim-*

ples sopro, e aparentava não se importar com as moscas sobre as feridas do seu corpo suado e seminu, ou com o cheiro fétido do estrume largado ao lado. Tomei o cuidado de não assustá-lo e perguntei em tom amigável se não estava com sede ou calor. Obtive o silêncio como resposta e ao insistir recebi um ligeiro aceno de cabeça, um sorriso nos lábios, e um olhar que tinha o brilho da luz do sol, como se me dissesse, eu posso fazer mais do que esperar, nós podemos tudo, nós podemos mais, quem sabe faz a hora, não espera acontecer.

De fato ao se divertir esculpindo a esfinge, aquela criança se autorealizava é como se tivesse fé no que virá. A luz que se irradiava do seu olhar tinha a energia de poesia da canção popular nacional, um som agradável ao nosso harmonioso grupo, éramos todos irmão, de braços dados ou não.

Com a roupa encharcada e a alma repleta de chão, fomos aonde o povo está, sem a certeza na frente ou a história na mão. Caminhando e cantando, percorremos os nossos municípios interioranos e território, as suas ruas escolas e outras construções, os seus campos, todos iguais, em grandes plantações de fome e prostituição.

Às vezes, nas viagens de manhãs frias, de tímidos arco-íris em preto e branco, a poeira da estrada e a pureza roubada da menina de 12 anos que faz sexo oral a 50 centavos para sobreviver, nos levavam as lágrimas.

Em alguns finais de tarde, após exaustivos dias de trabalho, no retorno aos albergues, ao invés das finbrias purpurinas do crepúsculo, se vislumbrava no horizonte um vermelho cor de sangue, a cor do protesto daqueles que não tem voz, integrantes de 60 a 70 por cento da população brasileira, de analfabetos funcionais, os quais não sabem entender o que leem, não con-

seguem entender por si próprios e não sabem discernir o que os outros entenderam. Nessas ocasiões mais uma vez a poeira da estrada sufocava a canção e nos trazia às lágrimas.

As noites, nem sempre era fácil conciliar o sono, pois se em princípio não tínhamos a história na mão, em pouco tempo ela penetrou em nossas mentes e corações, através da realidade de suicídios em nível alarmante, muito acima dos parâmetros estatísticos mundiais e de crianças deficientes físicas que tem uma mãe adolescente estuprada e um só indivíduo como pai e bisavô.

No cotidiano da miséria, prosperavam os cenários amorais e deploráveis, proliferavam os répteis traiçoeiros, os desertores do amor próprio e da dignidade humana, e até mesmo a noite era preciso caminhar e cantar.

Cantar era buscar o caminho que vai dar no sol e para cantar nada era longe!

Após esse percurso, pelos nossos municípios e território, com a visão dos sofrimentos vãos, gerados por uma política que nos ensina, na ditadura ou na democracia, com a pedagogia dos canhões ou da corrupção, uma antiga lição, a de morrer pela pátria e viver sem razão, surgiu a necessidade premente da composição de mais uma canção, que fale das flores em forte refrão”.

Sem dúvidas ainda há de se fazer muitos esforços neste país para soltar a educação das correntes, e só assim, teremos decisões político-democráticas, convergentes ao futuro de um mundo melhor.

Senhoras e Senhores, ao ser informado pelo Ilustre Professor Edmundo Ferraz, com quem, apesar da admiração, não tive relacionamento mais próximo, profissio-

nal ou de amizade, da proposição do meu nome para ocupar uma cadeira da Academia Pernambucana de Medicina, de imediato e com júbilo aceitei o convite, como intenção e perspectiva de meritória homenagem, em face do perfil de caráter do autor da proposta, um homem magnânimo e rigoroso na procura da perfeição e da verdade.

Porém, consciente dos meus estreitos limites de competência e capacidade, passei a questionar-me pela origem do mérito de tal honraria, já que não poderia ser proveniente de um notório saber científico ou de genialidade técnica demonstrada na práxis médica.

Após algum tempo de reflexão, surgiu o teor responsivo à minha indagação, na lembrança de uma célebre frase de Ortega e Gasset, “eu sou eu e as minhas circunstâncias”.

No exercício de cargos honoríficos no Conselho Regional de Medicina, cercado por fraternos e valorosos companheiros, tornou-se possível, com maior amplitude de alcance, a prática de atividades importantes à comunidade e ao bom conceito da Medicina. O labor nessa entidade conselhal se por um lado exige mais desprendimento, por outro, oferece condições mais adequadas ao registro das nossas vocações humanísticas e humanitárias. Por isso, é imperativo de Justiça compartilhar esta homenagem com os membros das entidades médicas do Estado.

As minhas circunstâncias sempre foram alvissareiras. Nasci no seio de uma grande família, com estabilidade financeira, unida e pródiga em afeto e carinho, fui

abençoado nas escolhas conjugal e profissional, de Inês e da Medicina, primordiais ao despertar das auroras no transcurso da vida, para com ambas tenho débitos irremediáveis, à Inês devo a graça de dois filhos exemplares, Clélio, e Manoela, de quem recebi o presente de uma neta angelical. À medicina devo a paz só encontrada nas experiências de compaixão, motivada pela concepção de doença como um pedido de atenção e amor. Em meio de tanta sorte destaco como mais relevante a minha formação, o fato de ter tido no meu pai o maior de todos os meus mestres, um homem bom a quem devo o aprendizado da humildade e da solidariedade, que não são ensinadas nas universidades, embora sejam imprescindíveis à arte e ciência que abraço.

Em mais referências alusivas ao patrono e ao titular fundador da cadeira de número 42, da Academia Pernambucana de Medicina, retorno às sábias observações do professor Fernando Figueira: “As grandes conquistas da medicina foram feitas por homens que, vivendo em austeridade, deram justa dimensão ao supérfluo, abolindo-o de suas vidas, por vezes com sacrifício da própria família, gastando-se e absorvendo-se nas necessidades do outro...”.

Assevero-lhes que envidarei todos os esforços para manter a tradição da cadeira que assumo, de maneira a levar a cultura médica a ter significado para a comunidade, e a colaborar com os acadêmicos, fazendo com que na tribuna desta academia, jamais os gritos dos injustiçados tenham resposta, como alertou Martin Luther King, no silêncio dos bons.

Por fim, peço-lhes permissão para agradecimentos, ao professor Edmundo Ferraz e a todos os acadêmicos que me acolhem, ao professor Nilzardo Carneiro Leão, ao amigo Dalvélio de Paiva Madruga, e, particularmente, alguns agradecimentos especiais, a minha tia Ieda Corrêa Lima, pela devoção maternal, a minha esposa, uma sertaneja como todas são, antes de tudo forte, aos meus filhos Clélio e Manoela, e a minha neta Helena, por seu amor incondicional e plena compreensão das minhas ausências.

**Saudação a Carlos Vital
Tavares Corrêa Lima**

Acadêmico

Edmundo Machado Ferraz

Recife, 22 de abril de 2010



A Academia Pernambucana de Medicina, Casa de Fernando Figueira recebe nesta noite de festa, o novo Acadêmico Dr. Carlos Vital Tavares Correa Lima.

Para os que não conhecem nossa rotina, esclareço que o ingresso do Dr. Carlos Vital nesta Casa procedeu-se por uma proposta do candidato que apresenta seu Curriculum Vitae e uma Monografia intitulada “Engenharia Genética no Ser Humano e Consentimento Informado”, submetidos a uma Comissão designada pelo Presidente da Academia para avaliação do mérito.

Aprovado o candidato, é submetido ao sufrágio de aprovação ou não por voto individual e secreto dos membros da Academia.

Tive o privilégio, por designação do nosso Presidente Prof. Geraldo Pereira de emitir o parecer sobre a Monografia proposta de ingresso do candidato perante a Academia Pernambucana de Medicina.

A Medicina como ciência tem pouco mais de 800 anos, data do século XI com o advento das Universidades de Bagdá-Nishapour e Salerno em 1060 d.C., e no século XII a XIV com as Universidades de Bolonha, Padua, Nápoles, Siena, Montpellier, Toulouse, Pisa, Oxford, Cambridge, Salamanca, Cracóvia e Viena, quando passou a ocorrer a explicação científica dos fenômenos biológicos baseada na observação e nos experimentos.

A medicina ao longo dos tempos foi se estabelecendo como uma ciência de verdades transitórias que se modificavam com a velocidade do conhecimento.

Nos últimos 30 anos a produção do conhecimento passou a ser vertiginosa. Na área médica mais de 20.000 revistas publicam cerca 2 milhões de artigos por ano.

No Brasil passamos de um mero traço nas publicações para um salto de cerca de 30.000 artigos em 2008, passando para o 15º lugar no número de publicações indexadas no mundo, seguido do México, na América Latina que ocupa o 30º lugar.

De Galileu (1564-1642), a Isaac Newton (1642-1727), Albert Einstein (1897-1955) e James Watson e Francis Crick a humanidade percorreu um longo caminho na busca do conhecimento da qualidade e da excelência sem perder de vista a dignidade, os direitos humanos e a equidade que todos perseguimos na universalidade do atendimento médico.

Mas nem tudo são flores e o genoma humano já passou a ter preço, cerca de 5.000 USD por indivíduo com uma promessa de diminuição de custo em futuro próximo.

A Engenharia Genética e seu entorno ético, tema da Monografia do nosso novo Acadêmico é portanto assunto atualíssimo e da maior importância. O Dr. Carlos Vital discutiu as questões bioéticas enumerando pareceres e resoluções existentes dedicando importância ao consentimento informado na terapia genética, a confidencialidade e os conflitos de interesse que podem ocorrer na aplicação do conhecimento.

A humanidade viveu com o nazismo e outros regimes de exceção a privação da liberdade de discussão que foi brutalmente interrompida, sendo o momento mais preocupante o que a tirania prevaleceu sobre a dignidade e a decência e as tentativas de eugenia ocorreram quando a arrogância, a soberba, a pretensão e desconhecimento das limitações dos experimentos em seres hu-

manos foram realizadas de modo sorrateiro e escuso por pretensos pesquisadores desprovidos de qualquer sentimento ético.

O projeto genoma foi desenvolvido em Rockville no National Institute of Health (NIH) dirigido por Francis Collins (setor público) e no J. Craig Venter Institute na California (privado).

Iniciou-se em 1995 com a publicação do genoma do *Mycoplasma genitalium* seguido de uma transgressão que foi considerada por muitos como uma marca registrada do comportamento humano, quando o Dr. Craig Venter escolheu o seu “poodle” denominado “shadow” para determinar o genoma canino contrariando e consternando o Comitê de Ética que havia recomendado que os doadores fossem anônimos e provenientes de um somatório de diferentes raças de cães.

Em 2008 foi desenvolvido um genoma sintético do *M. genitalium*, fato que pode mudar a face da medicina.

Pode significar a produção de uma vacina de dose única para todas as doenças conhecidas que acometem as crianças.

Outro projeto iniciado por Venter em 2007 foi a construção de bactérias que ataquem seletivamente células tumorais que não foram atingidas pela quimioterapia. Ainda, “The Global Sampling Ocean Expedition” também de 2007 descreveu mais de 6 milhões de novas sequências de genes coletadas desde o mar da Nova Escócia, Canadá até as Ilhas Galápagos.

Afirmou Craig recentemente que seu objetivo é construir através da robótica milhões de genomas por

dia. “O Homosapiens está na iminência de construir novos organismos do nada (“from the scratch”) como se fosse uma nova explosão cambriana”.

Este, Senhoras e Senhores não é um delírio de um pesquisador enlouquecido. Representa um cenário de um processo do conhecimento que aparentemente não tem limites e que não oferece oportunidade nem tempo hábil para uma reflexão sobre as conseqüências e os desdobramentos do que foi adquirido e de sua significação no desenvolvimento da humanidade.

Meu caro Carlos Vital, é muito bom tê-lo conosco nesse momento.

Sua dedicação a Deontologia e a Bioética é de domínio público.

Sua experiência como Presidente do Conselho Regional de Medicina de Pernambuco e agora como Vice-Presidente do Conselho Federal de Medicina é preciosa para a Casa de Fernando Figueira.

A sua busca do aprendizado realizando o Curso de Doutorado na cidade do Porto demonstra claramente o seu compromisso com a obtenção do conhecimento que irá permitir um melhor desempenho na sua área de interesse profissional.

Portanto é muito importante a sua presença na Academia Pernambucana de Medicina.

Vivemos um momento de exercício profissional extremamente difícil.

O aviltamento do salário do médico, as péssimas condições de trabalho, as promessas nunca cumpridas de recursos adequados para o Sistema Único de Saúde, o blo-

queio parlamentar a emenda 29 e a criação da Carreira de Estado para o SUS se a todos nós preocupam, por outro lado serviram de traço de união para agregar as entidades médicas, sem exceção, na luta comum pela dignidade do trabalho médico a ser estendido a 145 milhões de brasileiros dependentes do Sistema Único de Saúde.

A Academia Pernambucana de Medicina, a Casa de Fernando Figueira mira-se na figura de seu patrono maior que conduziu com seu exemplo o IMIP e com a criação da FUSAM – Fundação de Saúde Amaury de Medeiros estabelecida como um órgão executor de uma política estadual de saúde regulada pela Secretaria de Saúde quando ninguém havia ainda pensado ou inaugurado esse modelo.

A Academia não é representada pelo acúmulo de conhecimento ou pela soma do curriculum de seus membros.

A Academia é um local onde se discute o processo do conhecimento e sua interpretação.

Muito mais a interpretação e a compreensão do que o conteúdo.

Da compreensão surge o amadurecimento e o equilíbrio processado pela discussão.

A sua presença, Carlos Vital irá nos enriquecer no seu campo de conhecimento extremamente atual, ainda para ser construído e amadurecido por representar um modelo para ainda ser aprendido.

Saúdo Maria Inês, sua esposa, seus filhos Clélio e Manoela Regina e sua neta Helena, certamente muito orgulhosos nesta noite.

Desejo registrar também a presença do Presidente do Conselho Federal de Medicina, Dr. Roberto Luiz D'Avila e de outros Membros da Diretoria o que enobrece a nossa Instituição neste dia de festa de sua posse. Contudo Carlos, temos grandes desafios pela frente.

O novo Código de Ética Médica recentemente em vigor é uma conquista dos médicos e do povo brasileiro e um extraordinário feito do CFM e de todas Entidades Médicas Brasileiras.

Contudo novos desafios se apresentam.

Em 1967 um acordo internacional tornou obrigatória a esterilização das sondas espaciais enviadas à lua ou a outros planetas.

Isto ocorreu com as naves Viking que pousaram em Marte em 1976.

Posteriormente se descobriu que a radiação UV existente em Marte inviabiliza a existência de qualquer ser vivo na superfície deste planeta.

Contudo, mais recentemente foi descoberta a presença de água em Marte.

Água é sinônimo de vida.

Basta lembrar que bactérias e organismos unicelulares foram exclusivos como forma de vida em nosso planeta por 3 de 4,5 bilhões de anos de nossa existência.

Uma nova incursão em Marte pelas naves espaciais da NASA, Spirit e Opportunity que não foram esterilizadas antes do lançamento, conduziram sondas que perfuraram o solo de Marte levando milhares de bactérias alienígenas para o seu solo.

Este fato gerou grande revolta desencadeando uma reunião de vários cientistas que discutiram a responsabilidade ética dos seres humanos com o ecossistema de Marte e outros planetas garantindo que a exploração espacial seja biologicamente reversível e não provoque riscos de colonização bacteriana ou viral ou de qualquer tipo em novos ambientes que venha a ser explorados.

Todos esses fatos é motivo de grande orgulho para todos nós.

É muito remota a existência de vida em Marte. Contudo, existem 1 bilhão de planetas em nossa galáxia e 1 bilhão de galáxias o que pode fazer supor que talvez não estejamos sozinhos.

Jano, o porteiro celestial, deus da mitologia romana cujo nome batizou o mês de janeiro é representado por 4 cabeças que se uniram em direções opostas: começo e fim, passado e futuro, abstrato e concreto e atraso e progresso. O progresso tem sido a tônica do presente e do futuro.

O nascimento de uma consciência ecológica interplanetária dignifica a existência humana e lembram Disraeli quando se referiu as Universidades, que traçaram um novo marco de aprendizado, liberdade e de luz.

Todos esses fatos estão relatados na Revista *Science* 2009, vol. 323 pag. 718 e no livro de Fernando Reinach da Editora Companhia das Letras.

Por outro lado, receamos que essa nova consciência não produzam efeitos adversos, tipo grandes e custosos gabinetes advocatícios com custos troposféricos para cuidar deste oneroso problema.

Como um personagem de Guimarães Rosa, “sabendo pouco mas desconfiando muito,” prefiro pensar como Mario Quintana quando referiu “que tristes os caminhos se não fôra a mágica presença das estrelas”

É um privilégio pertencer a essa Academia.

Quando aqui ingressamos já aprendemos quase tudo que é importante.

O nosso problema como muito bem referiu o comediante americano George Burns falecido em 1998, é lembrarmos do que foi aprendido.

A história da humanidade nos habilita a pensar com otimismo para o futuro.

A dignidade e a decência sempre prevaleceram sobre a desonestidade.

Pablo Neruda já nos havia ensinado que:

“morre lentamente
quem não viaja e quem não lê
quem não ouve música
quem não encontra graça em si mesmo
quem se transforma em escravo do hábito repetindo todo dia o mesmo trajeto
quem prefere o negro sobre o branco e os pontos sobre os is
Morre lentamente quem não vira a mesa quando está infeliz com o seu trabalho
quem não arrisca o certo pelo incerto para ir atrás de um sonho
quem não se permite pelo menos uma vez na vida fugir de conselhos sensatos

Morre lentamente quem passa o dia queixando-se
da chuva incessante
ou abandona um projeto antes de iniciá-lo
quem não pergunta sobre um assunto que desco-
nhece ou não responde quando lhe indagam sobre algo
que sabe.”

Meu caro Carlos Vital, seja bem vindo à Casa de
Fernando Figueira.

Grato pela atenção de todos.

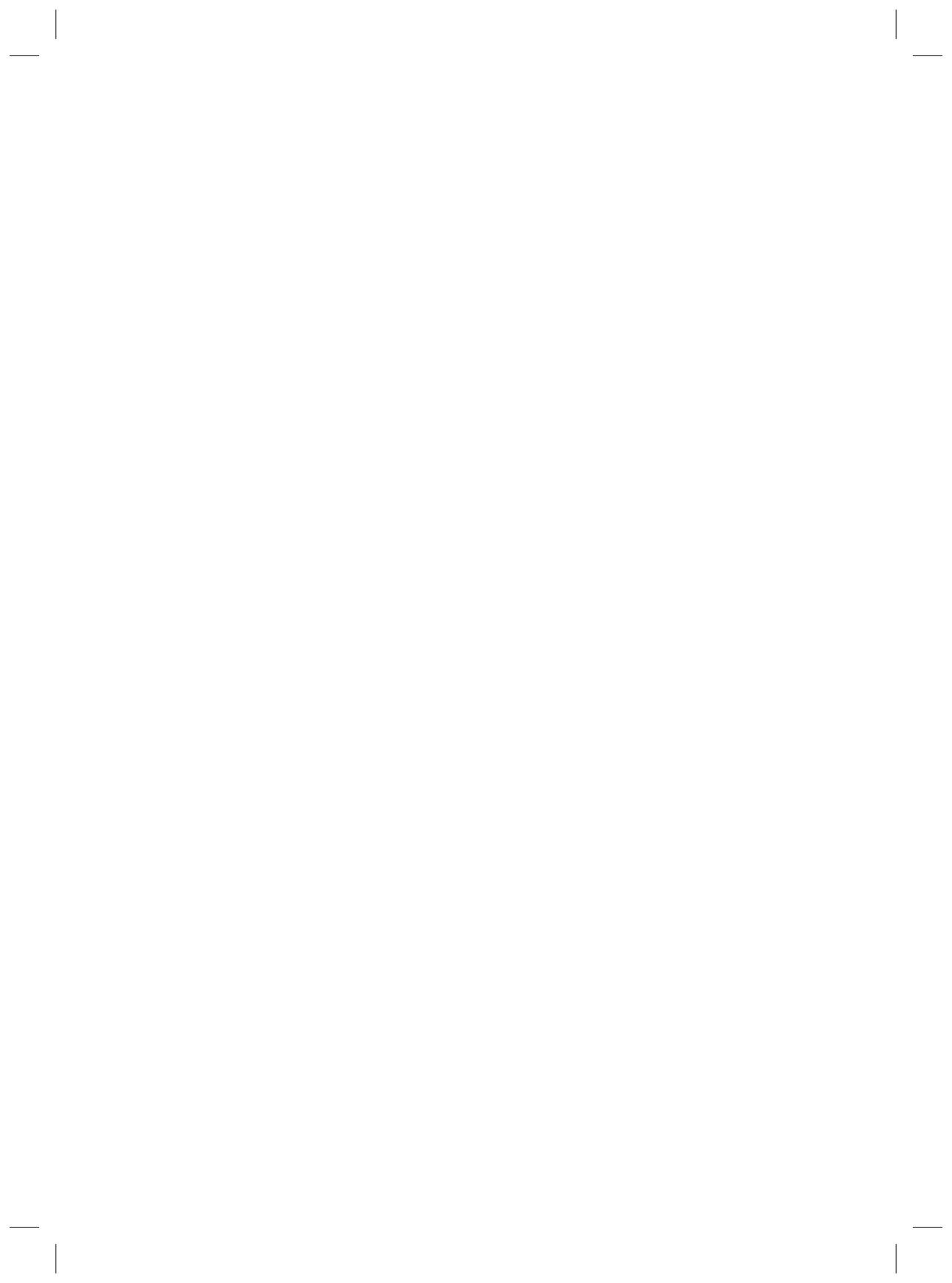


Saudação aos Homenageados
Eridan Coutinho
Oscar Coutinho Neto
Rostand Carneiro Leão Paraíso
José Paulo Cavalcanti Filho

Acadêmico

Gentil Duque Porto

Recife, 17 de dezembro de 2009



No entardecer de mais um ano, estamos na expectativa do “ano novo” o que nos enche de sonhos e esperanças, até porque “o amanhã nunca morre”.

Nesta noite a Academia ao tempo que faz sua última reunião, presta quatro justas homenagens. O ano de 2009 também foi marcado pelas comemorações dos noventa anos do nosso fundador Fernando Figueira. Na prática neste apagar das luzes iniciamos os preparativos para o aniversário de quarenta anos desta Academia durante todo o decorrer de 2010.

Desde tempos imemoriais a busca pela imortalidade tem sido uma preocupação constante do ser humano. Definiu-se a alma como imortal. Desde as pirâmides do Egito aos tempos atuais, sob outras formas, esta procura persiste até ao ponto de se lançar foguetes ao espaço com cápsulas blindadas contendo cinzas humanas. E criaram-se as academias; seriam, pois “imortais” os acadêmicos. Entretanto, muitos altamente qualificados não fazem opção por esta forma de imortalidade. Aliás, merece registro um diálogo que mantive em tempos idos com o jornalista Ronildo Maia Leite recentemente falecido, brilhante intelectual e com uma língua mais do que afiada. Certa feita perguntei-lhe: Ronildo por que você não entra para a academia e vira imortal? A resposta veio a galope: “eu não quero ser imortal; na verdade eu queria ser imorrível”. Realmente a imortalidade reside no ser lembrado. Talvez seja este o espírito que permeie o sentimento de dois dos nossos homenageados na noite de hoje – os Drs. Eridan Medeiros Coutinho e Oscar Coutinho Neto que vão receber a medalha Prof.

Fernando Figueira concedida àqueles profissionais médicos que não fazendo parte da Academia, honraram e dignificaram pela cultura, ética, competência e espírito humanitário a nossa profissão. De cada um poder-se-ia dizer: “No palco da vida preferiu a penumbra dos bastidores à ofuscante luz dos refletores, sem, entretanto ter sido um omissor”.

Eridan de Medeiros Coutinho

Nascida em Recife, filha de Heli Cavalcanti Coutinho e de Maria do Carmo de Medeiros Coutinho teve uma infância e adolescência de muitos deslocamentos, pois seu pai, oficial do Exército, era obrigado a constantes mudanças. Estudou em Fortaleza, na Faculdade de Medicina da Universidade do Ceará, transferindo-se depois para a Universidade Federal de Pernambuco, onde colou grau de médico em 1954 como laureada da turma. Revelou desde cedo um forte pendor para a área acadêmica. Iniciou-se então uma carreira progressivamente ascendente chegando ao topo quando por concurso assumiu a titularidade da cadeira de Anatomia Patológica da Universidade de Pernambuco. Com mestrado e doutorado, além de pós-graduação nos Estados Unidos e Inglaterra, tem no seu vasto currículo mais de cem trabalhos publicados aqui e no exterior. Aposentada oficialmente continua transmitindo aos mais jovens o seu invejável conhecimento como consultora da fundação Oswaldo Cruz no Centro Ageu Magalhães em Recife. Eis, senhores e senhoras um resumo do currículo técnico da Dra. Eridan.

É preciso dizer ainda que sob a capa da professora rigorosa, obstinada mesmo, reside uma alma sensível, católica praticante, apreciadora das artes das letras e da música. Na juventude foi concertista de violino na Orquestra Sinfônica do Ceará, sendo apreciadora também da MPB, ouvinte que é das músicas de Tom Jobim e Chico Buarque. Tem como poetas preferidos, Castro Alves, Fernando Pessoa, Olavo Bilac e Vinicius de Moraes. Leitora também dos grandes clássicos da literatura universal.

Foi casada com o também médico e professor Guilherme Abath, já falecido, com quem teve três filhos: Frederico Guilherme, médico, falecido, Carlos Gustavo, o nosso Carlos Abath, um dos maiores radiologistas intervencionistas deste país e Ronaldo César formado em Direito e Computação. Tem sete netos.

Oscar Coutinho Neto

Temo enveredar pelo perigoso caminho da emoção ao falar sobre Oscar, meu colega e amigo de mais de quarenta anos. E agora, não somente isso também meu médico a cuidar dos achaques e enjôos deste ancião.

Filho de Moacir e “Tininha” Coutinho, pertence a uma verdadeira dinastia de grandes médicos que honraram e honram a profissão no nosso Estado. Fez seu curso primário em escola pública – Grupo Escolar João Barbalho e o colegial no Oswaldo Cruz, tradicional Educandário então existente na nossa cidade. Concluiu o curso Médico como de praxe acontecia, no dia 8 de dezembro, de 1965, na Faculdade de Medicina do Recife

hoje pertencente à Universidade Federal de Pernambuco. Desde cedo se mostrou vocacionado para a Clínica Médica. Depois de formado, em 1968, por orientação do Prof. Amaury Coutinho, seu grande mestre, ingressou na pós-graduação no Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo no serviço do Prof. Luis Decourt. Segundo suas palavras teve um ano “dourado” – recém-casado, sem dinheiro e feliz por estar aprendendo medicina. Aliás, diga-se de passagem que “dinheiro” nunca foi o forte de Oscar, sempre orientado para o “ser” e não para o “ter”. De volta, já como Professor assistente da Universidade, desistiu de uma ascensão que lhe seria fácil, optando por trabalhar no Hospital Barão de Lucena onde com os colegas Chicão e Vitorino criaram a primeira residência médica em hospital público no estado. Não contentes na mesma época instalaram a primeira UTI de Pernambuco. Depois, partiu para a França onde fez formação em Geriatria no Hospital de Ivry, em Paris. Mais uma vez feliz por estar “liso”, aprendendo medicina. A par disso, apesar de aposentado continua frequentando o Hospital Barão de Lucena onde transmite sua experiência acumulada ajudando na formação de bons profissionais. O seu consultório particular continua sendo refúgio dos que sofrem no qual além dos recursos técnicos, buscam sobretudo uma voz amiga.

Na vida privada é um leitor voraz que aproveita qualquer instante vago para ler livros de ficção. Vive arrodado de familiares e amigos e segundo Ney Cavalcanti quando está com menos de dez pessoas no entorno sofre de solidão. Pensa que sabe jogar futebol e não dis-

pensa a boa comida e a boa bebida além de ser um viajor impenitente. Como se isso tudo não bastasse é torcedor fervoroso do SPORT Clube do Recife. Casado com esta figura admirável que é Maria Clarice tem três filhos: Moacir que segue com muito brilhantismo a carreira do pai, Maria Clarice a “Caica”, fisioterapeuta e Maria Eduarda advogada, sem esquecer os netos João, Heitor, Clarice, Leonardo e Henrique.

Rostand Carneiro Leão Paraíso

Rostand, médico que sem perseguir glórias é membro de várias academias, recebe nesta noite uma homenagem desta casa, sua casa. E “antes que o tempo apague”, usando o título de um dos seus livros, é preciso que se expresse sob a forma de agradecimento a atuação do nosso homenageado durante o ano que se finda e que tem sido assim durante todos os anos. Sabendo falar e sobretudo ouvir, com sua invejável experiência, marcou presença constante nas nossas reuniões atuando como co-participante de importantes decisões. Ao lado da sempre admirável Célia, Rostand recebe com o título de “acadêmico do ano” o agradecimento desta diretoria por tudo que o que foi feito nesta gestão.

José Paulo Cavalcanti Filho

Pobres, muito pobres quaisquer palavras que tentem definir o nosso homenageado. Por isso mesmo creio que o Presidente Geraldo Pereira não foi tão meu amigo, como apregoa, ao me escolher para em nome da Academia saudar os homenageados de hoje. José Paulo jurista?

Não só isso! José Paulo à maneira de Lucas, o evangelista, é médico de homens e de almas. Nas mais diversas manifestações de grandeza do ser humano, encontra-se José Paulo com frequência levando sempre, compreensão, solidariedade, amizade e bom humor. Aqui, tem sido uma presença bem vinda e quase constante. Resolveu com seu saber jurídico e grande círculo de amigos um enorme problema da nossa Academia. Teve o ônus e recusou o bônus.

José Paulo, o “Zé Paulim” por si só se bastaria. Mas, no sertão de Pernambuco onde exerci o meu ofício de médico, existe um dito popular: “canário não briga sem canária”. Por isso mesmo ele está sempre ao lado de Maria Lectícia, forte, companheira, amiga e além de tudo, simples, muito simples.

Por fim à guisa de conclusão: Rostand Carneiro Leão Paraíso e José Paulo Cavalcanti Filho, duas vidas, duas carreiras e uma só trajetória luminosa.

O Bisturi e a Pena

Discurso proferido na SOBRAMES/PE por ocasião
do Centenário do médico Leduar de Assis Rocha

Acadêmico

Geraldo José Marques Pereira

Recife, 05 de setembro de 2004



O Dr. Luiz de Gonzaga Barreto, Presidente da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores – Regional de Pernambuco, designou-me orador desta noite em que se assinala o centenário de um historiador da medicina ou de um apóstolo da ciência de Hipócrates. Não sou, evidentemente, o mais apropriado para o panegírico discurso ou não sou o associado com reconhecida aptidão para o encargo, outros existem e estão aqui no momento, mais capazes e que se sairiam com a desenvoltura que não tenho. Todavia, estou interessado em me desincumbir da forma mais agradável, em noite assim, de um setembro que vai nascendo e trazendo um longo feriado. Procurei os documentos escritos por colegas que me antecederam no mister de agora e se aprendi o que dizer sobre Leduar de Assis Rocha, acrescento à experiência de meus convívios nos tempos de menino e de rapaz.

Tive o privilégio de conviver com a intelectualidade do Recife nos anos cinquenta e na década de sessenta, no alpendre de casa, como dizia minha avó. Ali, sentou gente do porte de um Sylvio Rabello, de um Gilberto Osório, de um Mário Lacerda de Mello e de tantos outros, para um dedo de prosa, que fosse. Leduar chegava de táxi, em veículo que usava habitualmente e o motorista o esperava. Dizia-se que o carro de aluguel era dele, restringido-o às suas andanças particulares, às poucas saídas do ambiente doméstico, onde por tantos anos viveu, à rua Carlos Gomes 597, no Prado. Era amigo de meu pai, ultrapassando os limites do literário e do cultural, servindo-lhe de médico nas injúrias da pele, dermatologista como se especializou. Certa vez, lembro-me bem, drenou um cisto sebáceo

que Nilo Pereira tinha às costas, com anestesia local, merecendo do meu genitor os maiores elogios pela destreza de seu bisturi e a leveza de suas mãos; mãos de escritor.

O mestre de quem me ocupo aqui e agora nasceu bem nascido, pois escolheu justamente o dia dedicado a São Guido de Anderlecht – 12 de setembro – para vir ao mundo. São Guido foi um homem desprovido de interesses materiais, que muito cedo despojou-se de tudo e foi trabalhar humildemente como sacristão de uma igreja. Recomendava a caridade e a esmola como formas de aproximação com o semelhante. E isso esteve presente a vida toda em Leduar de Assis Rocha, senão na doação do vil metal aos pedintes, mas sobretudo no trabalho voluntário junto à Paróquia de Santa Edwiges, onde prestava assistência médica e onde participava das práticas religiosas. A seu modo, então, sacristão também! E escolheu a Olinda de todos os saberes, dos cantos e dos recantos, para ver a luz do dia, antecipando futuros. E de lá, então, partiu para o mundo.

Antecipou-se, na verdade, a si próprio quando escolheu o lugar em que nascer, nascer e ocupar um espaço neste mundo de Deus, onde cumpriu e muitíssimo bem a sua missão. Mas, foi um antecipador no sentido de recompor o tempo e os fatos, como demonstra Jordão Emerenciano em Prefácio ao segundo volume de *História da Medicina em Pernambuco*, “...o Recife se converteu num apreciável centro médico...”. Comentava a propósito do século XIX, insistindo que a cidade contava com mais de cinquenta profissionais, especialistas em diversos ramos da ciência de Hipócrates. Hoje, sem desejar tratar aqui da

questão, que envolve o privado mais que o público, confirmo com letras maiúsculas que Pernambuco inteiro e o Nordeste reconhecem na Capital a primazia da inteligência e da competência.

Estudou medicina na Casa de Octávio de Freitas, de onde saiu em 1934, depois de ter sido interno no Hospital Santo Amaro, tradicional berço da Dermatologia e da Sifilografia em Pernambuco. Ali, da mesma forma, continuou por mais um tempo e chegou a ser assistente da Faculdade de Medicina. Fez como todo médico faz, um périplo de atividades em vários dos estabelecimentos da cidade, incluindo o Hospital Infantil Manoel de Almeida e a Casa de Saúde Maria Lucinda, para se fixar no Serviço Médico dos Correios e Telégrafos, onde foi Chefe por 3 décadas. Nos Correios entrou muito cedo, para ajudar em casa, pois o pai exercia a profissão de protético. Mas, pertenceu a inúmeras instituições que reúnem médicos e têm objetivos diversos. E se recebeu diversas láureas na vida, afirmou certa vez, entrevistado pelo museu da imagem e do som: “A maior láurea que tenho é a de ser médico.”

Sobre o emprego dos Correios, onde desenvolveu o mister da melhor forma, vale a pena salientar que ali pôde conhecer intelectuais do porte de um Aníbal Bruno, de um Lucilo Varejão ou de Mário Sette, Mário de Souza, Paulino de Andrade e Ademar Xavier. Era comum à época aos jovens com pendores para escritor, pintor, músico, o humanismo em geral, trabalharem no serviço público, para disporem de um bom salário e se dedicarem aos valores do espírito. Assim foi, por exemplo, com Capiba, compositor de frevo, mas autor da beleza de Maria Betânia, cantada e

decantada na voz de Nelson Gonçalves. Capiba trabalhou a vida toda no Banco do Brasil. Não se deve esquecer, porém, dos convívios de Leduar com José Octávio Cavalcanti, figura emblemática, que frequentou o consultório até pouco tempo, aos 90 anos de idade. Foi Chefe do Serviço dos Correios e passou a batuta ao nosso homenageado, mas escreveu vários livros, de ensaios e de poemas.

E se fez da agência central de postagem de cartas e de telegramas o lugar de seu ganha pão, não descuidou da formação acadêmica e se ligou à Faculdade de Medicina do Recife de diversas maneiras, à Parasitologia, à Dermatologia antes citada. Concorreu à Docência Livre de Higiene, Medicina do Trabalho e Preventiva, oferecendo vários cursos equiparados, como se denominava outrora. Esteve ligado por décadas ao Conselho Regional de Medicina de Pernambuco e ali, conforme consta de seu *Curriculum Vitae*, por diversas ocasiões proferiu o discurso de recepção aos novos profissionais, uma forma de explicar o papel da instituição e tratar da Ética como o bem maior. Ofereceu, da mesma maneira, inúmeros programas da ciência do comportamento digno como cursos de extensão nas duas faculdades do Recife, trabalhando nas aulas a Moral do exercício do mister.

Mereceu o reconhecimento público em várias ocasiões, no âmbito da profissão e fora dela, na vida social e cotidiana, também. Algumas de suas medalhas são especiais, pelo que representaram pra ele e pela significativa importância. A Medalha de São Lucas, o maior dos galardões da profissão de Hipócrates, com a chancela de três instituições: a Sociedade, o Conselho e o Sindicato. A Socie-

dade de Medicina de Pernambuco, porém, mais do que sesquicentenária, condecorou o mestre ilustre com a Medalha Maciel Monteiro, por serviços prestados à causa. Foi Comendador da Ordem da Instrução Pública, de Portugal e particularmente se orgulhava da Medalha do Pacificador, com a qual fora agraciado pelo Exército Nacional. As três forças, entretanto, marcaram o peito de Leduar com a gratidão pelo atendimento pronto e satisfatório. Assim, também, com o Estado de Pernambuco e com o Recife.

A 17 de novembro de 1994, entretanto, na tribuna da Câmara dos Deputados, o ilustre intelectual pernambucano e parlamentar em alguns mandatos, sem falar na condição de ex-Vice-Presidente da República, discorreu sobre a vida e a obra de Leduar de Assis Rocha. Destacou o esforço na produção científica e cultural de nosso hipocrático homenageado, chamando a atenção para a publicação de mais de 30 obras, referindo-se, sobretudo, ao editorial do Diário de Pernambuco sobre o morto que tanto representou para Pernambuco. Naquela manifestação do periódico alude-se, particularmente, ao livro *Os Figueirôas do Diário*, no qual o escritor e pesquisador estudou a figura singular de Manuel Figueiroa de Faria que juntamente com sua família adquiriu o controle do jornal em 1835, promovendo sensível transformação.

Leduar concorreu, ainda, para a criação da Sociedade Brasileira de Escritores Médicos, como se denominava então, mesmo sem ter comparecido à reunião de instalação, em 1965, contribuindo, de igual maneira, para fundar a Regional de Pernambuco, na década de setenta, em 1972. Não se sabe bem porque faltou ao primeiro encontro, em

São Paulo, especulando-se que a distância pode ter sido o motivo. À época, não era fácil o deslocamento do Recife aos estados do Sudeste ou do Sul. Do ramo pernambucano da entidade foi secretário-tesoureiro, inicialmente, sob a presidência ilustre de um outro mestre dessas paragens: o Dr. Valdemar de Oliveira. Valdemar, médico, homem de teatro e escritor, além de jornalista, artífice maior do Teatro de Amadores de Pernambuco. Leduar atuou na primeira das peças desse grupo, que se mantém muito vivo por aqui e alhures. Em *Dr. Knock* ou em *O Triunfo da Medicina* fez o papel de Cipião.

Mas, voltando à SOBRAMES-PE, àquele primeiro cargo ou encargo, escolhido por sua decisão pessoal e de certa forma a sua modéstia, seguiu-se o lugar de Presidente da Regional, entre 1974 e 1975. O Dr. Eurico Branco Ribeiro, fundador da nacional, influenciou decisivamente para a escolha. Assumiu, então, já em 1976. E as instituições estão aí, uma mais provinciana e outra abrangente, mesmo que largas, ambas, nas iniciativas e na perpetuação da cultura local e do humanismo como um todo. Agora, neste ano da graça de 2004, os doze meses são dedicados em Pernambuco a Leduar de Assis Rocha - Ano Literário -, promovendo, como hoje se faz, a lembrança e o resgate dessa figura múltipla, plural e de todos os instrumentos humanos, maestro de uma orquestra harmônica e afinada, que do alto, ainda, ilumina a todos e banha de saberes a gente daqui.

Juntou-se a Octávio de Freitas, em 1946 e criaram o Instituto Pernambucano de História da Medicina, hoje presidido pelo nosso confrade na Academia José Falcão,

cuja instituição patrocinou o Segundo Congresso Brasileiro de História da Medicina. Mas, nos estatutos da instituição – do Instituto -, constava a criação de um museu e isso transformou-se no sonho dourado de Leduar. Os anos se passaram sem que esquecesse o desiderato legal, para ele sagrado, o de colecionar as origens da arte de curar e sedar a dor. Só em 1987 viu realizado o seu desejo de tantas décadas, por iniciativa do Secretário de Saúde, o Dr. Arnaldo Assunção, numa das salas do Hospital Pedro II, secular nosocômio do Recife, celeiro de médicos, que emergiram das mãos de diligentes professores. Agora, o museu está no Memorial da Medicina e é José Falcão quem dele cuida com especial desvelo.

Com Fernando Figueira, a 17 de dezembro de 1970, integrou a plêiade de médicos que fundou a Academia Pernambucana de Medicina – a APM -, sendo indicado para ocupar a secretaria. Era assim, um homem que não via desafios diante de si, senão para o enfrentamento salutar. Outros, de sua geração também tiveram comportamento semelhante e nós conhecemos muitos desses. Ninguém pode duvidar das iniciativas de um Ruy João Marques, de um Amaury Coutinho ou aquelas de Salomão Kelner. Na APM ocupou a cadeira de número 5, justamente a de Antônio Peregrino Maciel Monteiro, fundador da Sociedade de Medicina e homem de letras, mas um cavaleiro, um galante ou um galã, mais que apreciado no mundo feminino.

O homem era tudo ou quase tudo, aventurando-se, como se aventurou pelo terreno da poesia, quando escreveu, em discurso de posse à Academia Pernambucana de Letras, o seguinte: *Parece que foi ontem, sim, que nos (uni-*

mos)/ E como inda te vejo, pálida e fremente/Assim que os nossos lábios trêmulos (sentimos)/ Achou, no entanto, que os seus versos não se comparavam aos de Gilberto Osório, dedicados a uma balzaquiana. Os seus eram, insistia em dizer, a reafirmação do amor que o tempo não pode destruir. Beleza isso! Essa proximidade parece que lhe deu um sólido matrimônio, por anos a fio, tanto é que se aventurou por uma seara difícil, a de preparar jovens para o casamento, uma prática, aliás, pouco vista, senão nas sacristias das igrejas e nos salões paroquiais. Assim foi na Faculdade de Medicina, a qual nunca imaginei tivesse navegado em mares às vezes tão conturbados como esses, o das uniões entre os sexos.

Leduar era afetivo, lembrava dos lugares e das pessoas, como os nostálgicos, vivenciando saudades, o sentimento da falta ou da perda. Em discurso que pronunciou nos 10 anos da Academia Pernambucana de Medicina, expressou que nesta Casa, a antiga Faculdade de Medicina, experimentava um mundo de recordações, percorrendo os velhos corredores, imagino. Uma melancólica viagem proustiana em busca do tempo perdido, arrematou. Nutria também as suas memórias revivendo o seu porão de recordações. Um dos colegas fazia questão de nomear nesses devaneios, o Paulo Campos, por quem tinha apreço e admiração. Era, sobretudo, um devoto da figura humana e até disse, de público, na mesma Academia, referindo-se a Myriam Asfora, secretária executiva ao tempo, assessora jurídica hoje, que trazida por Fernando Figueira mostrava o quanto o homem era, também, um caçador de esmeraldas. Um mimo para a secretária, pois!

Devo, entretanto, referir-me à condição de jornalista de nosso homenageado, não devendo dispensar no texto e na fala o fato de ter sido um colaborador assíduo dos vários matutinos recifenses. Antes de morrer, porém, queixava-se do fato de enviar os artigos e não serem publicados. Pernambuco carece de mais espaço para os escritores, carece de um suplemento literário que possa veicular a produção cultural de nossa gente, consolidando quem já exercita a arte e lançando novos talentos. Começou como tantos começam, na condição mais simples e mais humilde de revisor em *A Província*, atuando posteriormente em *A Notícia*, no *Jornal Pequeno*, no *Jornal do Commercio* e no *Diário de Pernambuco*. Foi um articulista do cotidiano, assinando colunas, como *Notas Avulsas*, depois assumidas por meu pai e de vez em quando redigindo matérias maiores e mais densas.

Mas, sou inimigo ferrenho de discursos longos e cansativos, porque penosos, por isso penso como L.A.R, como assinava no jornal. Na festiva posse da Academia Pernambucana de Letras verbalizou: “Resta-me, todavia, o consolo (para vós inestimável) do respeito que sempre nutro pela paciência dos que, tão cristamente, se arriscam a me ouvir: abrevio-lhes, quanto posso, o suplício da demora, no tácito reconhecimento de tantas solitudes imerecidas.” Por isso, vou terminando a minha exposição, esperando não ter sido maçante e não os ter importunado mais que o estritamente necessário ao bom andamento dos trabalhos doravante nesta instituição - a SOBAMES - da qual sou associado e na qual me inseri como aprendiz de escritor, de cronista talvez. Leduar foi muito mais, na

pluralidade da vida e na multiplicidade das atividades a que se dedicou.

Leduar foi um herói, médico e historiador, escritor, jornalista e pensador católico. Tudo ao mesmo tempo! Um homem polivalente ou um ser humano multidisciplinar, como ensinou Gilberto Freyre. Resta a Pernambuco reeditar as suas obras principais. Viva!

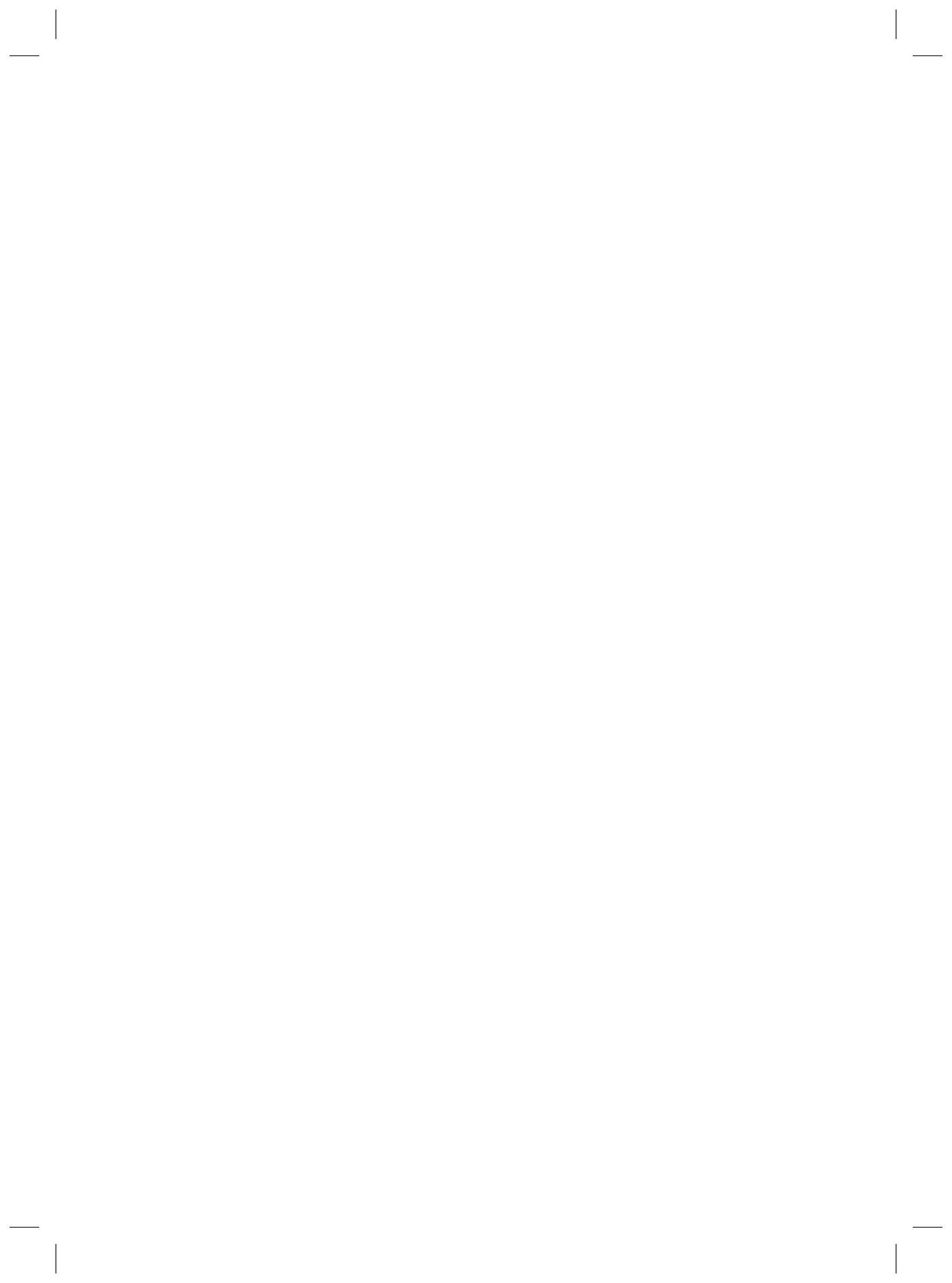
* Discurso proferido na reunião da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores em 05 de setembro de 2004, por ocasião do Centenário do médico Leduar de Assis Rocha

O Sábio Salomão

Acadêmico

Gentil Duque Porto

Recife, 18 de abril de 2008



Sou solicitado pelo Prof. Geraldo Pereira, presidente da Academia Pernambucana de Medicina, para escrever um trabalho sobre a vida de médicos pernambucanos, justo no ano em que se comemora os 200 anos da criação dos cursos médicos no país após a chegada de Dom João VI ao Brasil premido que foi pelas forças do Imperador Napoleão em Portugal sob o comando do General Junot. Determinações de amigos, como é o caso de Geraldo Pereira, são cumpridas de imediato, mormente quando se exerce uma tarefa prazerosa embora não menos difícil devido à grandeza do nome envolvido.

Quem era, o que fez, qual o exemplo? Na verdade o volume de informações sobre o médico, professor e humanista Salomão Kelner é muito grande, talvez só menor do que o vulto em si. Quem sabe poderíamos intitular este desprezioso trabalho de “Em busca de Salomão”. Busca não tão difícil pois ele está presente em muitos lugares e ambientes. Difícil mesmo é resumir em poucas linhas tudo o que foi lido, ouvido ou pesquisado. Decididamente é maior do que aqui está. Assim posso dizer como Clarice Lispector – “nem tudo que escrevo resulta numa realização, resulta mais numa tentativa.” Talvez por isso possamos voltar aos tempos bíblicos, mais propriamente o Velho Testamento e encontrar vasto material sobre o rei que fez nome na história como governante e juiz elevando o nome dos judeus a píncaros jamais alcançados. Salomão reinou no período 1009 a 922 a.C. Filho de David e Betsaba não por mera coincidência seu nome é Shlomo que significa paz. Ao rezar no Santuário de Gabaon, diz-se, o Senhor lhe apareceu em so-

nho e lhe perguntou que graça mais desejava, Salomão pediu apenas sabedoria para melhor governar seu povo e encorajá-lo a levar uma vida virtuosa em obediência à lei de Moisés. Deus concedeu-lhe não só sabedoria mas também prosperidade, poder e vitória sobre os seu inimigos. Entretanto o sucesso e o poder quase ilimitado levou-o ao orgulho e comodismo, tornando-se um sibarita e cercando-se de bajuladores e centenas de mulheres e concubinas no seu harém. O império por ele construído desabou. As tribos antes unidas se separaram em dois reinos. E assim terminou melancolicamente a vida daquele que em determinado momento foi considerado o mais sábio dos homens.

Resolvi fazer essa digressão como forma de fixar a maior característica do nosso homenageado que era justamente a sabedoria mesmo que não tenha construído impérios ou exercido liderança militar ou política. Salomão Kelner o Shlomo, homem de paz.

Nasceu em Buenos Ayres – Argentina, fazendo parte da diáspora judaica no dia 4 de Março de 1916, filho de Berta e Nemésio Kelner. Dois anos depois, trazido pelos pais, veio morar em Recife onde moldou sua personalidade, na verdade um judeu pernambucanizado. Aqui estudou, formou-se, casou, construiu sua carreira e onde encerrou sua trajetória terrena. Sua pernambucanidade tinha muito a ver com a saga dos judeus; que migravam de país em país, enquanto os nordestinos fugindo da seca e da fome para os estados do sul, muitas vezes voltavam quando o canto da asa branca anunciava o retorno da chuva.

Salomão era filho de pais pobres e por isso enquanto estudava foi obrigado a trabalhar “no pesado”, como se dizia, no armazém do seu tio Bernardo Kelner, localizado na rua da Praia, a rua de tanto significado para as tradições libertárias dos pernambucanos. Shlomo descarregava madeiras no período da madrugada antes de ir para as aulas no Ginásio Pernambucano onde fez parte do seu curso secundário. Isso não o amofinava pois lhe permitiu fortalecer o caráter em meio à adversidade e mais ainda deu-lhe o corpo atlético que hoje é conseguido nas academias. Salomão terminou por concluir o curso secundário no Colégio Oswaldo Cruz no ano de 1934 entrando na Faculdade de Medicina do Recife após ser aprovado no vestibular do ano 1935. Ressalte-se que durante algum tempo já universitário, continuou carregando madeiras, depois passando a dar aulas particulares, para melhorar o esquálido orçamento doméstico.

Começava também, diga-se não de passagem, pois permanente e definitiva uma felizmente longa história de amor. Entrava na vida de Salomão para não mais sair, Miriam Ludmer, judia como ele e também filha de imigrantes pobres. Não por mera coincidência ministrava aulas particulares como complemento ao orçamento doméstico. Salomão concluiu o curso médico em 1940, dedicando-se à Cirurgia e Miriam com apenas 21 anos concluiu o mesmo curso em 1942, optando pela Ginecologia e Obstetrícia.

Eduardo Wanderley filho, professor da cadeira de Cirurgia convidou-o para participar da sua equipe consolidando-se uma parceria que se transformou numa

sólida amizade que perdurou até a morte prematura de Wanderley. Entrementes Salomão investia fortemente na carreira que escolheu já que dotado de inteligência privilegiada conseguiu somar a isso disciplina férrea e invulgar capacidade de trabalho. Frequentou como bolsista ou não cursos nas mais prestigiadas Universidades da América e da Europa sendo convidado como palestrante em muitas delas. A par disso dedicou-se à pesquisa científica publicando inúmeros trabalhos. Direcionou sua maior atenção às consequências da Schistosomose Mansônica, sobretudo às varizes do esôfago, consequência da hipertensão portal provocada pelo bloqueio intra-hepático. Nesse sentido os seus trabalhos provocaram verdadeira revolução nos conceitos anteriormente estabelecidos. Claro, isso provocou muita polêmica encontrando-o sempre pronto ao exercício do contraditório.

Não sou nenhum cientista para avaliar a dimensão do trabalho de Salomão Kelner e sua equipe o que já foi dissecado por muitos mais qualificados do que eu.

Salomão, por mérito e direito foi o sucessor na cadeira de Cirurgia do Professor Eduardo Wanderley, mantendo unida a equipe já existente e agregando novos e talentosos jovens. Talvez ele pudesse ser tachado de contraditório, pois disciplinado e disciplinador conseguia ser ao mesmo tempo atencioso, afável e compreensivo. Na verdade em todas as suas atitudes perpassavam o tom suave do humanismo. Judeu sofrido, era solidário ao sofrimento dos outros procurando ajudá-los a minorar a sua dor. E mais uma vez peço ajuda a Clarice Lispector, judia como ele quando dizia-”a identidade

deve ser forjada tanto com altivez quanto com humildade, entendendo-se a humildade não como virtude, mas como prova de inteligência". Mas não só isso, sua filha querida Gilda Kelner, considerava a maior qualidade do pai a bondade. Diz ela que o pai não se deixava tomar pela raiva; conciliador sim, mas não conciliava com os que cometiam injustiças com os menos favorecidos. Talvez por isso foi preso duas vezes durante o golpe militar de 1964. Um fato curioso merece ser contado, como essa característica de bondade era sentida por todos os que o conheceram. O seu motorista, homem de poucas letras mas de muita fé no jogo do bicho, certa feita contou a Gilda que sonhara com o Professor Salomão e foi logo perguntando qual era o bicho mais bondoso que ela conhecia, interessado em fazer uma "fezinha" com base no sonho que tivera.

Ao aposentar-se Salomão não deixou a cadeira só com a sensação do dever cumprido. Mais ainda, constituiu uma escola aperfeiçoando o que recebera de Eduardo Wanderley Filho e deixando como sucessor um dos mais brilhantes e capazes médicos da sua geração, o seu aluno e também Professor Edmundo Machado Ferraz. Sobre o mestre diz Edmundo: "Salomão Kelner pertence a este raro e seletto grupo de pessoas que são insubstituíveis. Tinha e manteve com a Universidade Federal de Pernambuco relação que posso resumi-la em uma palavra muito rara nos dias de hoje, particularmente na Academia: COMPROMISSO!"

Aposentado, Salomão continuou estudando, pesquisando e transmitindo sua invejável experiência. E

dizia: “Educação e Ética, binômio fundamental na vida dos cidadãos”.

Ao receber o título de cidadão pernambucano revelou-se um amante da música e da dança dizendo: “aqui pude dançar o baião, o samba e o frevo e também a hoiira.”. O título foi entregue no dia 12 de Junho Dia dos Namorados coincidência ressaltada por Salomão ao concluir o seu discurso dizendo: “AMO TODOS VOCÊS.”

Salomão Kelner, faleceu no dia 25 de Maio de 2003. Sobre ele a revista Correio Médico publicou o seguinte panegírico:

“O professor Salomão Kelner ao longo da sua vida, mostrou-se sempre perfeito modelo de médico, professor e cidadão digno de ser seguido por cada médico do mundo. Sua vida constituiu uma ode de benemerência, de sensibilidade pessoal e social combinada com notável virtuosismo técnico e primorosa cultura médica e humanitária.”

Salomão, Rei dos Judeus, teve centenas de mulheres, milhares de súditos e deixou a soberba apoderar-se do seu coração. Morreu isolado, com um reino dividido. Salomão Kelner teve apenas uma mulher, incontáveis amigos, discípulos e admiradores. Seguiu o conselho do grande místico cristão San Juan de Ia Cruz- “no entardecer da vida é pela bondade que sereis lembrado”.

Salomão Kelner, sim, o sábio!

Recife 18 de Abril de 2008

**A Sociedade e a Construção
do Sistema de Saúde**

Professor

Nilzardo Carneiro Leão

Recife, 31 de julho de 2008



São as palavras de quem, integrante da sociedade pernambucana, vê, sob essa ótica, o universo da Medicina no Brasil, em Pernambuco, nos duzentos anos de sua estruturação em moldes técnicos e efetivamente científicos, modestos duzentos anos, quando comparado ao saber ministrado por Escolas de Medicina com mais de dois mil anos a.C., como a de Alexandria, ou Universidades criadas perto dos mil anos de nossa era cristã, na Europa.

É importante, pois, conhecer-se um pouco e rapidamente, as raízes de nossa cultura como um todo, para bem entender-se a sociedade atual, com seus avanços e atrasos, com suas crises de ética e do conviver social.

Como amostragem do afirmado, basta que se vejam as lições de pesquisa trazidas pelo prof. Geraldo Pereira, nos idos de 1984, quando recebeu o “Prêmio Nelson Chaves de Humanidades”, conferido pela Fundação Joaquim Nabuco ao seu trabalho intitulado “Aspectos Econômicos e Sociais da Saúde e da Nutrição em Pernambuco”. Nele, inicialmente, está dito:

“De início pouco se fez aqui, tendo o Colonizador se restringido à criação de algumas feitorias, encarregadas de administrar as trocas entre portugueses e índios...

O colonizador, nos primeiros anos, não parece ter tido maiores preocupações com Pernambuco, como de resto com o Brasil, a não ser de tirar o que podia. Para alguns estudiosos (prof. Manuel Correia de Andrade (“A Questão Regional: o caso Nordeste”) a

descoberta não trouxe grande satisfação à coroa, visto que, encontrando tão grande extensão de terra, sem organização nenhuma e até pouco habitada, não podia fazer como nas Índias, o saque de especiarias e outras mercadorias. Conforme Gilberto Freyre (“Casa Grande & Senzala”), o bom para os portugueses teria sido encontrar aqui uma outra Índia, onde pudessem comercializar especiarias e pedras preciosas, ou um México ou um Peru, onde pudesse extrair ouro e prata.”

... O nativo em Pernambuco, como em todo o Brasil era sadio e se alimentava fartamente, da caça, da pesca e das frutas que eram abundantes...

Os negros, refere Parahym, postos à força nos navios para uma longa viagem entre a África e o Brasil, morriam em altíssima incidência durante o trajeto, tanto em consequência da fome, a que eram submetidos como das doenças infectocontagiosas que adquiriam.” (pgs.26,27).

Lembra o prof. Geraldo Pereira das doenças trazidas pelos escravos, tal como a equistosomose. A região da Mata acolhendo escravos saídos do trabalho no eito da cana, passou a hospedar o *Schistosoma mansoni* que por conta das condições de salubridade, abundância dos leitos de pequenos rios e total ausência de conhecimen-

tos de higiene da população, propagou-se e urbanizou-se, chegando ao Recife.

A Lei Áurea de abolição da escravatura teve um significado legal à qual não se acoplou a necessidade social de amparo aos alforriados. Os caminhos e estradas encheram-se de negros libertos sem trabalho e com fome, que progressivamente passaram a residir (se é que assim se pode chamar de moradias palafitas e mocambos das margens dos rios) nas periferias das cidades maiores, “livres” porém mais miseráveis em saúde e condições econômicas do que antes.

(Quando integrante do Conselho Penitenciário de Pernambuco, dei parecer favorável, e que foi aprovado, de conceder-se o livramento condicional a um réu, de cor negra. Obtida a liberdade, dois dias depois foi ele novamente preso: na Rua Nova, em plena luz do dia, às 14 h, com um tijolo, quebrara a vitrine de uma sapataria. Nada retirou, ficou esperando para ser preso. Indagado no Conselho Penitenciário porque assim agira, respondeu: “não quero a liberdade, passando dois dias sem comer. Prefiro ficar preso, pois na prisão eu lá tenho comida” ... Isso não foi nos idos de 1800 ou 1900, foi na década de 1960).

Se não tivemos, nunca, o preconceito racial (que algumas instituições negras estão querendo implantar: na Bahia, requerendo judicialmente para retirar da mídia a apresentação da novela “Sinhá Moça”, jul-

gado o pedido improcedente. Aqui no Recife, a Ong “Observatório Negro”, requerendo ao MPPE que uma cartilha distribuída gratuitamente nas escolas públicas sobre o livro “Casa Grande & Senzala”, e mesmo o livro, por conter inverdades e agressões contra o negro durante o tempo de escravidão...), fora de dúvida que permaneceu e permanece até os dias de hoje as diferenças sociais, fruto da ausência do Estado, com todas as suas consequências, inclusive incidindo sobre a criminalidade, a que todos nós temos hoje de com ela conviver.

Não quer isso dizer que só os mais pobres ou mais escuros de pele cometam crimes, a danosidade de seus crimes economicamente é até bem menor do que a “outra” criminalidade, a do colarinho branco, mas é que ela sendo praticada diretamente contra pessoas, com arma de fogo, faca ou instrumentos contundentes, sangue a escorrer, torna-se mais dramática.

À total ausência de ensino, de estudos dados aos que aqui chegaram escravos, e, depois, aos libertos, resulta na até hoje precária educação brasileira.

Aliado a tudo isso, conseqüentemente, vem também a carência de fazer-se a Medicina incidir com eficiência sobre as camadas mais pobres, que fica a depender, assim, da atuação do Estado através de seu sistema de saúde e de suas instituições hospitalares. A sobrevivência do homem saudável em um meio contaminado, de germes, de vírus, de bactérias, a queda de mecanismos protetores e resistências naturais, torna-se, assim, cada dia mais difícil para o homem desprovido do mínimo de

condições sanitárias, de asseio, de educação e de utilização de um sistema de informação adequados.

Essa, uma das dificuldades de um país assim jovem, com apenas quinhentos anos da descoberta de suas terras e que teve os seus duzentos primeiros anos inteiramente perdidos a nível de crescimento do ensino da Medicina, do Direito, do reconhecimento de direitos, dentre eles o da saúde, frente à cultura da velha Europa ou de milenares conhecimentos chineses.

De se fazer elogio ao brasileiro que, com tão pequeno tempo de duração de sua cultura, está a concorrer com os povos milenares.

Não deixa de ser animador a análise e divulgação de melhorias sociais, tais como a queda da mortalidade infantil, a luta contra o analfabetismo comparadas a outras décadas. Mesmo grandes vitórias do saber científico e cultural foram alcançadas, explicando-se isso até pela excepcionalidade de inteligência do brasileiro.

Em sete anos, a “mortalidade infantil” caiu de 44,3 crianças mortas por cada mil nascidas vivas para 36,6 um índice significativo mas assustador, na medida em que a constatação refere-se apenas a crianças nascidas com vida. Há de se levar em conta, também, as que não chegaram a nascer, seja por deficiência de nutrição da própria mãe, de suas condições de vida, falta de higiene, habitação, acompanhamento médico, assistência pré-natal, deficiências hospitalares, pessoal paramédico adequado e suficiente, sem se falar no número de abortos provocados pelos mais variados motivos, em que muitas vezes a mãe vem a falecer.

Sem que se possa ignorar a “cifra cinzenta”, que não chega às estatísticas.

De se apresentar, com maior destaque, os médicos, insuficientes em sua quantidade e precários, para não se dizer miseravelmente mal remunerados, a exercer suas mais diferentes especialidades, os uteistas, os da urgência, a lidar com precaríssimas condições de trabalho.

São elogiáveis os programas sociais de saúde, como o saúde em família, “aleitamento materno”, maior número de agentes de saúde, o “médico em casa”, etc. Mesmo assim, o Brasil ainda se encontra bem distante em inferioridade relativamente à Argentina (18,4 mortes por mil), Chile (10 mortes por mil), EUA (7,3 por mil), Cuba (6,4 por mil).

Uso da palavra como um integrante da sociedade, pois assim fui convidado a participar do ciclo de palestras, para fazer a indagação: por que doenças que pareciam ser apenas passado voltam a surgir, como a febre amarela, a hanseníase, a tuberculose, o sarampo, sem se falar na DENGUE, que assola de forma epidêmica os grandes centros urbanos, a ausência de prevenção e crescente e mais variados tipos de CÂNCER, principalmente de seio e colo de útero nas mulheres, de próstata e pulmões nos homens e a AIDS que continua ampliando sua trágica passagem em todas as classes e faixas etárias?

Como explicar-se e é de espantar no mundo da modernidade e do progresso da ciência médica, no Recife, o percentual de óbitos entre adolescentes grávidas, de pequena ou nenhuma renda ou precária condição

social? Por que, ainda, mortes de jovens por conta de descolamento precoce da placenta e dificuldade de coagulação sanguínea, da hipertensão manifestada através da eclampsia, síndrome de morte típica de gravidez não assistida?

O homem brasileiro diz com tristeza, já até com conformismo, como se fosse tudo isso “a vontade de Deus”: que se pode esperar da saúde da mulher se dois terços da população tem precaríssimas condições de vida, de educação, de higiene, de assistência médica?

Olha o “homem do povo” e vê as notícias: raios laser, bombas de cobalto, transplante de órgãos, UTI aéreo, hospital em casa, químio ou radioterapia, uso de células-tronco, tudo para curar doenças (mal sabe o que seja célula-tronco), útero locado e inseminação artificial? Ouvindo essas “novidades”, dizem as mais idosas: deve ser coisa do demônio. Para ele, essas modernas conquistas da ciência médica passam ao largo.

Povo, mesmo, tem que viver e conviver com toda sorte de carências, daí, não cometerem heresia quando dizem: o pobre nasce na fé, vive na esperança e se enterra na caridade... . Para ele, homem do povo, só resta a câmara frigorífica do IML, quebrada, onde os corpos se amontoam e a fedentina e as doenças incomodam e se propagam, atingindo os parentes que esperam “a liberação do corpo” e a vizinhança.

Em recente Congresso Internacional de Oncologia realizado no Recife, as mais modernas conquistas do mundo científico foram apresentadas. O que ouvi de uma das participantes:

“Isso não é para o Brasil, para o Nordeste... O SUS não tem condições de adquirir caríssimos aparelhos de “ressonância magnética” e utiliza-los pelo alto custo de sua utilização...”

Mas a construção do progresso e desenvolvimento de qualquer sociedade em relação a um sistema de saúde tem de passar, obrigatoriamente, pela redução das taxas do analfabetismo e do fornecer uma educação eticamente compatível e capaz de eficazmente produzir resultados inclusive na prevenção de doenças.

Se há aumento da taxa de alfabetização com maior número de crianças nas escolas, inclusive por conta dos efeitos sociais do bolsaescola, uma observação merece destaque: o mundo atual não se satisfaz mais com o só alfabetizado, o que sabe assinar apenas o nome ou conhecer rudimentos do escrever. Os que ficarem satisfeitos só com isso, o que é muito bom para certos políticos, estão fadados a ser subempregados e resvalados progressivamente para a exclusão social.

É que o mundo novo exige de atendentes, balconistas, comerciários, e outros tipos de emprego de igual categoria, mais do que saber as quatro operações fundamentais (embora as pequenas máquinas eletrônicas, estejam impedindo ou afastando o fazer o somar ou diminuir como operação mental... com todas as negativas consequências): a informática aí está a exigir conhecimentos cada vez maiores e mais sofisticados para quem deseja obter a ascensão social. Veja-se que, na atualidade, para bancários e servidores outros, está-se a exigir

o segundo grau completo. Surge, assim, a categoria do analfabeto cultural.

Mas o que se precisa, fundamentalmente é o alfabetizado social portador de ética, com padrões de moralidade de conduta, de costumes aceitáveis. E, nesse aspecto, a família dos dias de hoje e as escolas estão deixando a desejar.

E o que preocupa ainda mais, porque revela uma profunda distorção social da qual muitos índices negativos podem ser reflexos, é a pouca importância que se dá à boa assistência médica por parte do Estado, que está na desconformidade da concentração de renda: 40 % dos mais pobres não conseguiram alcançar o salário mínimo e os mais pobres da população têm rendimento dezoito vezes menor do que os mais ricos. Essa desproporcionalidade é um vulcão que pode explodir quando menos se esperar.

Não há muito tempo para usar da palavra, mas convém destacar que a grande preocupação dos estudiosos da sociedade como um todo, e aí vai toda a sua organização seja médica, seja a escolar, seja a de segurança pública, é a organização urbana e o futuro das cidades. É o viver e o conviver urbanos, ou, o que muito tempo atrás destacava já Gilberto Freyre, o viver rurbano. (“Rurbanização.” O que é?). Tomo as palavras do prof. Geraldo Pereira:

“O homem, pressionado pela situação social em que vivia e vive, migrou e migra em direção às grandes cidades hoje já sem condições de absorver a mão de obra sem

especialização...; vai se marginalizar habitando condições incompatíveis com a dignidade de cada um, sofrendo da fome crônica e da doença endêmica, para terminar se envolvendo na violência urbana, no vício e no tóxico, na ilusão sempre presente de dias melhores, tanto para si como os seus. É um ciclo que termina gerando filhos de uma urbanização viciosa, contribuindo, como contribui, para o aumento dos menores abandonados, os quais, novamente pagando um tributo que não merecem, fecham o ciclo e o constituem no tempo, sem espaço adequado para viver.” (p.74).

Tudo isso vai gerar o que hoje se vê nas ruas do Recife. As cidades, enquanto o país sai do Terceiro Mundo, vão se “terceiro-mundializando”, face à densidade populacional, ao desemprego, às desigualdades gritantes e total incapacidade de garantir saúde, educação, segurança e paz social indispensáveis ao Estado de Direito Democrático.

Analisando o fenômeno das cidades, o pensador e urbanista francês Paul Virillio da Escola Superior de Arquitetura de Paris e fundador do “Centro Interdisciplinar de Pesquisa e Estudos Estratégicos”, afirma:

“não são mais cidades mas fenômenos de mutação, catástrofes que se preparam. O século XXI terá de reinventar a relação do homem com a Terra pois a grande questão mundial são as cidades.”

A primeira lei do urbanismo é a persistência no sítio. A segunda diz respeito à extensão da cidade. Quanto mais esta se estende e se torna densa, mais a unidade da população, da família, se reduz.”

E depois de analisar o crescimento desordenado das cidades, traz a sua conclusão:

“Hoje, nas megalópoles, o que se vê é a família monoparental, que abandona os filhos. Chegamos à desintegração da unidade familiar, não no sentido moral mas, sim, enquanto unidade de reprodução.”

“A grande metrópole minou a base da espécie humana e nós vemos bandos de crianças que sobrevivem roubando os adultos. A cidade deixou de ser um lugar de socialização para ser tornar um lugar de dessociação... Nós assistimos no mundo a uma contração – exatamente igual, aliás, como a contração de um parto – em direção às grandes cidades.”

Não será isso o que está acontecendo com o Recife? O êxodo rural, o abandono das pequenas cidades pelas mais variadas razões, fazendo nascer as favelas, as palafitas, os mocambos, a moradia sub-humana, o amontoado de indignidades, onde só existe miséria, fome, causando a perda de valores éticos e morais para efeito de sobrevivência? Alie-se a isso a carência de o Estado fornecer saúde, educação, segurança, um racional con-

trole da natalidade, um debruçar-se sobre os menores, e está-se a ver o retrato de nossa cidade.

O Estado de Direito Democrático instalado no Brasil traz no que tange à saúde regras constitucionais e um mecanismo de atuação do Poder Público exemplar, um sistema dos mais perfeitos do mundo. Diz a CF:

“Art. 196 – A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação.

Art. 198 – As ações e serviços públicos de saúde integram uma rede regionalizada e hierarquizada e constituem um sistema único, organizado de acordo com as seguintes diretrizes:

... Parágrafo único – O sistema único de saúde será financiado, nos termos do art. 197, com recursos do orçamento da seguridade social, da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, além de outras fontes.”

Estabelecido, assim, pelos preceitos constitucionais, que a saúde é concebida como direito de todos e dever do Estado, que deve garantir e realiza-la, mediante políticas sociais e econômicas que visam à redução do risco de doença e de outros agravos. É esse direito regido pelos princípios da universalidade e da igualdade de acesso às ações e serviços que a promovem, protegem e recuperam.

Têm, assim, relevância pública, sujeitos a regulamentação, fiscalização e controle do poder público.

E indo além, vem a norma constitucional estabelecer o que deva ser a razão e forma de agir do SUS:

“Art.200 – Ao sistema único de saúde compete, além de outras atribuições nos termos da lei:

I – controlar e fiscalizar procedimentos, produtos e substâncias de interesse para saúde e participar da produção de medicamentos, equipamentos, imunobiológicos, hemoderivados e outros insumos;

II – executar as ações de vigilância sanitária e epidemiológica, bem como as de saúde do trabalhador;

III – ordenar a formação de recursos humanos na área de saúde;

IV – participar da formulação de política e de execução das ações de saneamento básico;

V – incrementar em sua área de atuação o desenvolvimento científico e tecnológico;

VI – fiscalizar e inspecionar alimentos, compreendido o controle de seu teor nutricional, bem como bebidas e águas para consumo humano;

VII – participar do controle e fiscalização da produção, transporte, guarda e utilização de substâncias e produtos psicoativos, tóxicos e radioativos;

VIII – colaborar na proteção do meio ambiente, nele compreendido o do trabalho.”.

O que está convertido em norma constitucional quando a CF trata da saúde, representa a consignação da própria razão de ser da República Federativa do Brasil como um estado de Direito Democrático que tem como fundamento “a cidadania” e a “dignidade humana”, e como objetivo “erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais” (arts. 1º e 3º), fixando que

“Art.6º - São DIREITOS SOCIAIS a educação, a SAÚDE, o trabalho, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta constituição.”

De se ver, assim, que o contido nos arts.196 e segs. da Carta Constitucional representa a complementação do nela contido como a estrutura do próprio Estado brasileiro, ou seja, a consagração dos direitos e garantias sociais. Tudo amadurecido a partir da criação da Organização das Nações Unidas - ONU - e a proclamação da Declaração Universal dos Direitos Humanos, com a criação de órgãos especiais destinados à sua garantia. Entre esses a Organização Mundial de Saúde - OMS -, onde, no preâmbulo de cuja Constituição consta que a saúde é

“o completo bem-estar físico, mental e social.”

Conceito que superou a ideia de saúde como simples inexistência de doença, destacando, por outro lado, a importância do equilíbrio do homem sob o aspecto in-

terno e externo, restaurando-se até a linha de pensamento trazida por Hipócrates na antiguidade grega.

Não há como isolarem-se as análises de que a CF tratou de “recuperação” vinculando com a denominada medicina curativa, enquanto tratando de “risco de doença” e “proteção” como tratando de “medicina preventiva” e, por fim, o termo “promoção” ligado à busca da “qualidade de vida”. Tudo representa um conjunto de direitos e benefícios que devem integrar a vida urbana, ou seja, a polis, a urbe. O que Fagot-Largeault (“Reflexões Sobre a Qualidade de Vida”) assim dissecou:

“A noção de qualidade de vida é certamente pluridimensional”, por envolver um aspecto individual, qual seja o desejo de não apenas simples sobrevivência, mas daquilo que torna a vida boa – saúde, amor, sucesso, conforto, alegrias, enfim, felicidade; bem como, já sob um viés coletivo, por não se reduzir a prosperidade econômica (nível de vida e desenvolvimento), comportando bens políticos (liberdade, igualdade, segurança), bens culturais (educação, informação, liberdade de criação), recursos demográficos (taxas de natalidade, convenientes, saúde da população globalmente considerada, pouca mortalidade.”

“Mesmo limitando-se àquilo que na qualidade de vida tange à saúde (...) tem-se ainda um conceito pluridimensional.”

Apresentando alguns pontos de como a sociedade vê, sente e pressente a ausência de uma Medicina mo-

derna e cientificamente adequada às suas necessidades primárias, a maioria não atendidas menos por culpa da pouca dignidade como são tratados médicos ou de precaríssimas condições de atendimento, mas por conta de um avanço de toda uma massa social que não conseguiu, ainda, o Estado, como dever e obrigação, tratar com dignidade.

Um estado que constitucionalmente, logrou construir normativamente um sistema de saúde sob o ponto de vista legal exemplar em suas estruturas, não atingiu, ainda os seus objetivos ante o fosso existente entre exigências e necessidades e as possibilidades efetivas de atendimento.

Do Pacto Internacional dos Direitos Civis e Políticos, em que é assegurado o direito à vida, seu artigo 6º, segundo autores, se decompõe em “quatro elementos essenciais”:

- a – o direito à alimentação adequada;
- b – o direito de contar com água potável;
- c – o direito à moradia digna; e
- d – o direito à saúde.”

Não se pode, no entanto, deixar que o Estado traga para si, unilateralmente, o dar saúde ao povo. Há de haver uma responsabilização da comunidade, de cada um, para efetivação da saúde para todos, de responsabilidade de cidadãos e de entes públicos perante todos os problemas apontados. Importante e extremamente difícil é proceder-se à delimitação dessas responsabilidades. Pois desses deveres há de reconhecer-se os respectivos direitos.

“Os direitos de preservação da vida humana, a garantia de níveis progressivamente mais altos de saúde, a salvaguarda do patrimônio genético próprio, a proteção da integridade física, mental e emocional, entre outros, conduzem à atuação dos Poderes Públicos na efetivação do direito á saúde, no mais amplo sentido, assim como a promoção e a consecução de medidas tendentes a efetivar esse direito fundamental social...” (Filchtiner Figueiredo, “Direito Fundamental à Saúde” pg.95).

Impossível a obtenção de saúde para todos e para cada cidadão? Por que não buscar o sonho? “A mais longa das jornadas começa com um primeiro passo”, diz o provérbio chinês”. E por que não tentar? “Melhor a dor de não ter conseguido ao arrependimento de não ter tentado”, diz a sabedoria popular.

Afinal

“Tudo vale a pena quando a alma não é pequena”, disse já o poeta. E vale muito cada um trabalhar, buscar e dar saúde a todos os irmãos.

OBRIGADO.

* - Palestra proferida na ACADEMIA PERNAMBUCANA DE MEDICINA, nas comemorações do “Bicentenário do Ensino Médico do Brasil”.

** - Professor universitário e advogado



**Professor Aluizio Bezerra Coutinho,
Pensador e Homem de Ciência**

José Eulálio Cabral Filho

Recife, 25 de março de 2009



Para as Ciências Biológicas e Médicas no nosso Estado, para a Academia Pernambucana de Medicina e para a Universidade Federal de Pernambuco, em particular, o ano de 2009 é um ano iluminado pois, comemoramos o centenário de nascimento do prof. Aluizio Bezerra Coutinho, o grande mestre, médico e biólogo – aquele que é considerado um dos seus mais insignes membros – catedrático de Patologia Geral na antiga Faculdade de Medicina da Universidade do Recife, hoje Centro de Ciências da Saúde da UFPE.

Em vista do grande conhecimento e importância que dava o Prof. Bezerra Coutinho à Teoria da Evolução, melhor dizendo, Teoria da sobrevivência das espécies pela Seleção Natural – tão em evidência nos dias que correm – é por demais oportuno lembrar que este ano é duplamente iluminado, pois se comemora também, no mundo inteiro, o bicentenário do seu criador, o grande Charles Darwin, que com ela, produziu uma das mais importantes revoluções científicas de todos os tempos.

Para muitos de nós, que por vocação, interesse ou força da formação acadêmica, convivemos intelectualmente com esses dois luminares da Ciência, o ano que corre, portanto, tem o sabor do que se pode chamar, uma coincidência feliz.

A Revolução Darwiniana, que se instalou a partir da publicação de “A Origem das Espécies” em 1859, trouxe uma imensa expansão da Biologia com reflexos até hoje, não só na Medicina, mas na própria maneira de compreendermos a presença do ser humano na Terra, influenciando assim todas as áreas do conhecimento.

De outra parte e felizmente para nós, tivemos a oportunidade de conviver, presenciar e aprender com os ensinamentos do Mestre Bezerra Coutinho homem de primeira grandeza nascido no nosso Estado, exatamente cem anos depois no nascimento de Darwin – e que fundamentalmente nos ensinou muito do que significa a chamada Teoria da Evolução. Do mesmo modo que o inglês mostrou o aparecimento do Homem na Terra – melhor dizendo talvez, do cérebro do Homem, proveniente de cérebros mais simples – Bezerra Coutinho traduzia em linguagem diferente, mais moderna e quase matemática como é que do caos nasce a ordem, em suma, como de seres menos organizados podem surgir seres mais organizados. Assim, no cenário de uma natureza desorganizada, submetida ao 2º princípio da termodinâmica, que faz com que o conjunto dos elementos materiais básicos do mundo tenda para a máxima entropia, isto é, para a desordem absoluta, seja possível a ocorrência de sistemas anti-entrópicos, portanto de ação no sentido oposto, como é o caso dos seres vivos. Aqui aliás, é importante mencionar a publicação em 1972, do livro “O Acaso e a Necessidade” de Jacques Monod, mostrando precisamente, mecanismos de evolução de sistemas moleculares simples para sistemas enzimáticos complexos. Isto é, conjuntos materiais que mesmo com probabilidade diminuta, dentro de um espaço caótico de entidades elementares, podem produzir ao acaso, a formação de um sistema organizado embora incipiente. Este sistema, aberto às condições do meio, pode tornar-se autônomo gerando estruturas que não mais se comportam ao

acaso, porém obedecem a necessidade funcional de um novo sistema, determinando assim uma fenomenologia com presivibilidade.

É preciso dizer que antes da abordagem de Jacques Manod na França, Bezerra Coutinho já nos ensinava aqui mesmo no Nordeste do Brasil – cabe mencionar – o entendimento teórico de um ser vivo como algo que poderia organizar-se com a estrutura de um cristal aperiódico, como proposto por Schrödinger, com uma matriz capaz de se replicar e, portanto, de ter a propriedade de reprodução autônoma. O que significa, como corolário, crescer e se multiplicar (não é sem razão que outro grande Mestre também dissera isto há muito tempo, lá no livro do Gênesis). Infelizmente o momento crítico da passagem do caos à ordem ainda está para ser descoberto.

Esse entendimento de Bezerra Coutinho teve origem, como sabemos, na teoria do matemático John von Neumann apresentada no Simpósio Hixon na Califórnia, em 1948, segundo a qual os organismos vivos poderiam ter uma analogia, e mesmo se identificar com o modelo de autômatos autorreprodutores. Ou seja, a possibilidade da existência de um modelo, como tal, seria aplicável a qualquer entidade, não importando a natureza do sistema, desde que ele contenha os seus componentes básicos e mínimos apropriadamente articulados. Assim sendo, estariam dadas as condições para a configuração da molécula viva. A partir daí caminhando do simples ao complexo, da ascensão degrau a degrau, da desordem para a organização em sistemas integrados representando a capacidade de transformação dos seres vivos, es-

taria definido, aquilo que Richard Dawkins chamou de “A escalada da Montanha Improvável”. Certamente, pode-se depreender a enorme dificuldade de ocorrência factual desse processo, mas por outro lado pode-se visualizar também a beleza da sua explicação. Por isso o pensamento de homens como Darwin, von Neumann, um dos maiores matemáticos do seu tempo, e de Bezerra Coutinho nos enriquece.

No final de contas na nossa Universidade tivemos a possibilidade rara, através do Professor Bezerra Coutinho, de acesso ao conhecimento e à proximidade a idéias tão revolucionárias, praticamente no seu nascedouro num momento em que poucas pessoas no mundo o tiveram. Por isso fomos uns felizardos, e o somos novamente hoje, rememorando esta história.

Estas idéias me parecem ser a síntese do pensamento amadurecido do Mestre ao longo de anos, desde a sua juventude a partir de exploração dos mais variados campos do saber. Não gostaria de chamá-lo de polivalente, porque seria diminuir a sua dimensão como homem de ciência e pensador. Polivalente significa capacidade de muitas ligações, mas o Mestre foi muito além, pois mais do que um saber enciclopédico, as conexões lógicas que era capaz de fazer entre os fatos o levavam a uma profunda integração transformadora do conhecimento, permitindo-lhe ser um inventor de idéias e um criador de novas proposições para a compreensão da fenomenologia do mundo. O que muitas vezes aliás lhe granjeou incompreensões e dissabores. Foi um desbravador, e por isso mesmo, um polemista. A densidade do seu trabalho

como pesquisador quer na área da Biologia, quer na área própria da Medicina e as suas exigências de uma metodologia científica rigorosa, sempre se fizeram notar. Terminou assim, por ser visto como um demônio de dupla face, com admiradores olhando para uma delas e críticos ferrenhos olhando para a outra.

Na formação dos seus interesses multifacetados reconhece a influência e, mesmo a dívida, para com alguns homens importantes na Ciência e Cultura brasileira que foram: na área da Biologia, o Prof. Pacheco Leão da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Diretor do Jardim Botânico durante a sua formação no curso Médico. O outro foi o Prof. Plínio Sussekind Rocha do campo das ciências exatas, também da Universidade do Rio de Janeiro, amigo de juventude, com o qual se exercitou em discussões filosóficas sobre teoria do conhecimento. Igualmente, mas não menos importante, aquele que lhe influenciou na análise dos aspectos do homem do Nordeste do Brasil, aquele com raízes, não no Sul ou Sudeste do Brasil, mas no nosso rincão mesmo, e profundo conhecedor da nossa cultura intelectual do século passado, que foi Manoel de Souza Barros, ao escrever entre outros, o livro "A Década de 20 em Pernambuco". E ao longo da vida, como cientista e pensador, vários outros no Recife como o Padre José Nogueira Machado grande matemático, o Prof. Carlo Barghi físico renomado da nossa Universidade, o seu irmão Evaldo Coutinho, também de nossa Universidade com quem mantinha salutares e profícuas discussões filosóficas, para citar só alguns. Devemos certamente lembrar seu filho Francisco Antônio,

hoje físico na Universidade de São Paulo com quem publicou importantes trabalhos sobre dinâmica de populações e nicho ecológico do *Biomphalaria glabrata*, molusco hospedeiro do *Eschistosoma mansoni*, no *Bulletin of Mathematical Biology*, um dos periódicos mais prestigiados do mundo na área.

Como pensador de rigorosa lógica tinha sérias razões para ser um cético, até mesmo um solipsista, isto é, alguém ensimesmado cujas próprias elucubrações não podem ser transmitidas aos outros. Mas como dever de cidadão e intelectual considerava importante analisar e discutir o mundo, aquilo que parecia constituir a realidade. Assim, lançou-se à luta e tornou-se um racionalista crítico radical como convinha ser (por isso a sua falta hoje é grande, para a discussão sobre a Filosofia da Ciência num mundo cheio de antirracionalistas, pós-modernistas e pragmáticos). Foi um racionalista mesmo reconhecendo o paradoxo lógico desta posição (do ponto de vista solipsista) que no fundo baseia-se em dois postulados e como tal, em dois artigos de fé, como dizia:

O mundo existe;

Pode-se construir modelos mentais biunívocos com este mundo.

Foi assim que a sua produção científica e cultural desde o tempo de jovem médico se realizou e pode ser organizada, basicamente em quatro a saber:

História e Filosofia das Ciências
Ciências Sociais e Ecologia

Biologia Geral, Patologia e Ecossistemas Discursos de homenagens e Ensaaios

Na sua incansável busca de entendimento do mundo e de um conhecimento sólido, sempre se guiou pelo Princípio da Parcimônia, conhecido como a Navalha de Occam, que diz: “não se devem multiplicar as coisas sem necessidade” ou “Entia non sunt multiplicanda praeter necessitatem” como costumava recitar.

Princípio este, de que hoje tanto carecem muitos estudos ditos científicos. Poderia ser criticado como um reducionista, entretanto procurava ultrapassar este limite, pois examinava exaustivamente cada fenômeno, levando em conta todas as evidências disponíveis. Não era infalível como ninguém o é. E reconhecia de bom grado aquilo que era inovador. Mas sempre depois de um escrutínio analítico rigoroso.

Vivendo em uma época na qual a lógica da descoberta científica popperiana tinha se iniciado, valorizava a mensuração e a quantificação exigindo uma adequada articulação racional dos fatos. Daí que também costumava citar um dos versículos do Livro da Sabedoria do Antigo Testamento “mas tudo foi disposto conforme número, peso e medida”.

Uma cuidadosa visão da sua trajetória como acadêmico, professor, analista e investigador da Ciência Natural nos permite afirmar que sua profundidade não se esgotava no pesquisador. Tinha um alcance Universal! Da mesma forma que investigou a biologia e ecologia dos parasitas e de seus hospedeiros, debruçou-se também no

estudo sobre muitos outros temas. Escreveu sobre aspectos tão díspares como a contribuição intelectual de vários homens de Ciência, ou a possibilidade de existência da vida em outros planetas.

Pela abrangência de seus interesses não era um ptolemaico, mas decididamente um copernicano. Conhecedor e admirador da grande obra de Spengler “A Decadência do Ocidente” isto não causa nenhuma surpresa.

Pode-se dizer que esses interesses tinham raízes profundas na sua mente. Não é ocioso mencionar outra de suas citações, colocada no início do seu livro “Da Natureza da Vida”: Enuma Elish la mabe shamanu (Do Poema Babilônico da Criação) e que quer dizer: “Quando o céu lá no alto ainda nem tinha nome”.

Por estas razões, podemos dizer com segurança: Mais do que um pesquisador Bezerra Coutinho foi um homem de Ciência, por que não apenas um colecionador e descritor de dados, porém um analista rigoroso do que encontrava; e mais do que um Homem de Ciência, foi um Pensador, por que suas ilações extrapolavam a interpretação imediata de fenômenos observáveis, sem se perder em conjecturas vazias. É uma felicidade o fato de ter produzido uma grande obra escrita e a de ter uma magistral capacidade de ensino – através do seu método tão socrático – transmitindo, para seus alunos, conhecimentos os mais complexos. Por isso é uma referência para todos nós.

Lamentamos que, nos tempos atuais, em que a plethora infinita de informações a que estamos expostos nos deixa a impressão de nos tornarmos obsoletos quase

imediatamente, e mais ainda, onde a elaboração racional do conhecimento nem sempre é respeitada, a ausência do Prof. Bezerra Coutinho nos deixa um pouco órfãos.

Mas, ao mesmo tempo, sua vida e sua obra nos guiam generosamente como um Farol. Podemos ter ficado órfãos, mas a sua luz não nos deixa sós!



Charles Darwin: 200 anos

Ciclo de Estudos

Acadêmico Edmundo Ferraz (Conferencista)

Professor Ladislao Gati (Comentador)

Professor Luiz Mauricio (Comentador)

Recife, 26 de agosto de 2009



Charles Darwin: A Premonição da Evolução

Charles Robert Darwin (1809-1882) é hoje considerado um dos quatro cientistas mais importantes da história da humanidade. Em 2009 foi celebrado no mundo inteiro os 200 anos de seu nascimento e 150 anos da publicação de sua mais importante contribuição, o livro “A Origem das Espécies (The Origen of Species). Este livro marcou uma dramática modificação no pensamento científico a partir de sua publicação. Publicado nos seus 50 anos, Darwin com uma grande maturidade e experiência, lançou a Teoria da Evolução baseada na interpretação de seus achados para a compreensão da história da humanidade.

A seleção natural é considerada por Richard Dawkins (A Devil’s Chaplain, 2003), a ideia mais revolucionária da história da ciência.

A longa viagem realizada no navio “Beagle” com uma curta permanência nas Ilhas Galápagos (1831-1836) gerou posterior formulação da sua teoria da evolução, “O mistério dos mistérios: o surgimento de novos seres na terra” e suas explicações como as espécies mudam ou evoluem, tornaram-no o mais polêmico cientista de todos os tempos, atingindo essa controvérsia, os dias atuais desafiando também os pensadores de todos os credos religiosos até o presente momento. O tempo e a evolução têm confirmado a grande maioria da sua contribuição como ocorreu com Galileu Galilei, Isaac Newton, Einstein e Watson e Crick.

Darwin nasceu em 12/2/1809 em Shrewsbury na Inglaterra, filho de Robert Waring Darwin (1766) e

Susannah Wedgwood Darwin. Seu pai Robert Waring Darwin era um médico bem sucedido como o seu avô Erasmus Darwin (1731-1802), médico, dedicado a ciência, estudioso da história natural particularmente da botânica que já considerava que todas as formas de vida da terra eram aparentadas e tinham uma única origem. Erasmus foi o fundador do “Clube da Lua” (Lunar Society) que se reunia nas noites de lua cheia o que permitia aos seus membros voltar para casa com o caminho iluminado pelo luar sendo por isso chamados de “lunáticos”. Charles Darwin estudou medicina na Universidade de Edinburg na Escócia (1825-1827) e posteriormente na Universidade de Cambridge (1828-1831).

No período de 1831 a 1836 viajou pelo mundo cruzando o Atlântico para dirigir-se a América do Sul pela costa do Brasil (Recife, Salvador, Rio), Argentina, Chile, Equador e as Ilhas Galápagos passando pela Patagônia para o Oceano Pacífico, onde considerou que tinha se originado todas suas ideias.

Em 1831 Charles Darwin recebeu um convite para juntar-se ao “HMS Beagle”. Como naturalista para uma viagem ao redor do mundo. Foi um convite irrecusável para quem almejava tornar-se clérigo para ter a tranquilidade de torna-se um biólogo. O contato com o paraíso ecológico das Galápagos influenciou decisivamente sua vida permitindo formar uma nova concepção da formação, existência e evolução da vida na terra. Darwin retornou da viagem reconhecido como um experiente naturalista detentor de importantes coleções que paulatinamente enviava a Londres durante

a viagem no Beagle, formando um importante acervo admirado por todos.

Em 1837 após retornar à Inglaterra começa a escrever o primeiro caderno de anotações sobre a mudança das espécies. Em 1839 casou-se com Ema Wedgwood. Apenas em 1858 foi lido um texto sobre a Teoria da Evolução da autoria de Darwin e de Alfred Russel Wallace outro estudioso da evolução natural na Sociedade Lineana em Londres. Em 1859 foi publicado o livro “A Origem das Espécies” quando Darwin tinha 50 anos.

Na década de 1870 Darwin publicou 5 volumes sobre plantas e mais um livro, “A origem do Homem” e em 1872, “A Expressão das emoções nos homens e nos animais”. Em 1881 publicou outros livros sobre as minhocas. Em 19/4/1882 faleceu Charles Darwin aos 73 anos, sendo sepultado na Abadia de Westminster. Apesar do grande reconhecimento em vida recebido por Darwin, a teoria da evolução provocou grandes controvérsias surgindo duas grandes questões sem respostas na época da publicação da Origem das Espécies: uma era o pequeno tempo de existência da terra (6.000 anos ou 100 milhões de anos na opinião de Lord Kelvin), a outra foi o esfriamento da terra que ocorreu mais lentamente do que imaginava Kelvin. A seleção natural é um simples mecanismo de longa evolução que leva as populações de seres vivos a sofrerem mudanças ao longo do tempo através da variação, herança, seleção e adaptação.

Os membros de uma mesma espécie variam em tamanho, coloração, habilidade em lidar com doenças além de outras modificações que os habilitam à sobrevi-

vência. Essas variações resultam de mutações ao acaso, também chamadas de “Erros de cópias” que podem ser repetidos proporcionando o aparecimento de novas espécies. Quando os organismos se reproduzem passam o seu DNA, um autêntico “kit” de instruções genéticas (com ou sem erros) transmitindo as características hereditárias que podem sofrer variações ao longo dos tempos e novas interferências genéticas. Um outro aspecto importante é o meio ambiente que não suporta populações ilimitadas que ultrapassem a sua capacidade de recursos. Sobrevivem aqueles mais capazes de encontrar comida, de evitar os predadores e tenham chance de reprodução passando seus DNA. As diferenças vão se estabelecendo na cor e na capacidade de mimetismo, visão mais acurada, mandíbula mais desenvolvida, maior altura que representa vantagem aos predadores o que ao longo do tempo modifica gerações sucessivas tornando-as mais adaptadas para a sobrevivência.

Alfred Russel Wallace formulou sua teoria da seleção natural pouco antes de Darwin publicar o seu livro.

Realizou uma expedição na Amazônia (1842-1852) e concluiu que “Toda espécie surge de outra pré-existente aparentada”. Em 1855 publicou o livro “Sobre a lei que regula a introdução de novas espécies” e enviou o seu livro para Darwin que já vinha desenvolvendo sua teoria há 20 anos. Com centenas de páginas escritas, Darwin aceitou a ideia de Lyell e Hooker da apresentação da teoria de Darwin-

Wallace sobre a origem das espécies na Sociedade Lineana, em julho de 1858, propondo que ambos com-

partilhassem o crédito da mesma. Essa atitude é reconhecida como um exemplo notável de cooperação científica.

Wallace concordou com a proposta ao saber da apresentação 3 meses após. Ambos foram amigos e colaboradores daí em diante.

Darwin considerava que todo ser vivo originava-se de um ancestral comum.

Considerava existir uma enorme grandeza nessas formas de vida com diferentes complexidades originalmente geradas de uma única forma de vida. Sobre o fato considerou Richard Dawkins que Darwin ofereceu ao mundo 150 anos atrás uma singela explicação científica para a enorme diversidade da vida existente na terra, a evolução pela seleção natural. Desde então os outros cientistas se sucederam identificando o DNA, estudando os vírus e as mutações genéticas, mapeando o genoma, identificando e catalogando fósseis encontrados em locais e situações inesperadas, confirmando a importância do estudo pioneiro de Darwin no desenvolvimento e na elucidação dos importantes fenômenos biológicos que vieram confirmar que a evolução se procede nem sempre de forma gradual.

Darwin já havia considerado que, não é a espécie mais forte que sobrevive ou a mais inteligente. A que sobrevive é a que melhor se adapta a novas circunstâncias.

Em seu livro, "Charles Darwin, a revolução e evolução" Rebecca Stefoff (Cia das Letras, 2007, tradução do original de 1996) dedica um capítulo final ao legado de Darwin. Considerou Rebecca que embora Charles Da-

rwin tenha recebido em vida um extraordinário reconhecimento por sua contribuição, existe até hoje uma grande resistência a suas ideias, particularmente em grupos religiosos. Considerou a autora que “em grande medida foi o mesmo tipo de resistência enfrentada por Copérnico quando pela primeira vez afirmou que a terra girava em torno do sol”. Ainda no ano 2010, enquete realizada nos Estados Unidos considera que apenas 40% de sua população aceita a teoria de evolução natural criada por Darwin. Uma das crenças mais arraigadas era de que a Bíblia escrita por mais de 70 tradutores chamados de eruditos da Septuaginta a mais antiga tradução em grego do texto hebreu do Antigo Testamento era um livro que ensinava verdades científicas. Os evangelhos eram copiados a mão. Além dos erros naturais alguns escritos usavam a sua interpretação como ocorreu com a “jovem mulher” em hebraico que foi traduzida como “Virgem” para o grego como foi reconhecidamente traduzida erroneamente muitos anos após a morte de Cristo. Em 1925, relata Rebecca em seu livro, John T. Scopes, professor de escola pública de ensino médio no Tennessee foi levado a julgamento sob a acusação de ensinar a teoria da evolução após uma nova lei estadual ter proibido o ensino deste tema nas escolas públicas daquele estado. Seu julgamento foi um marco na história da ciência. A American Civil Liberties Union protestou argumentando que a lei violava o direito de Scopes à liberdade de expressão. Scopes foi condenado em primeira instância a pagar uma multa de cem dólares posteriormente revogada devido a um detalhe jurídico. A questão foi magnificamente rela-

tada em um famoso filme na década de 60 chamado “O vento será sua herança” interpretado por Frederic March (no papel do promotor) e Spencer Tracy no papel do advogado de defesa, demonstrando a radicalidade como se processava o debate entre os “criacionistas” e os “evolucionistas” que tentavam estabelecer a diferença entre as teorias, fatos e crença ou fé. Posteriormente surgiram os “Cientistas da criação” que aceitavam a existência da terra em bilhões de anos e os novos dados dos registros fósseis e geológicos, as relações entre as diferentes espécies de plantas e animais e seu caráter evolutivo considerando que por trás de tudo havia um “Regime Divino”. Darwin não chegou a conhecer os trabalhos de Gregor Mendel (1822-1884) monge e naturalista austríaco que a partir de seus estudos iniciados em 1850 demonstrando em ervilhas os fenômenos da dominância e da recessividade, em que as características dominantes (altura) apareciam em todos os descendentes da primeira geração e em 3/4 dos descendentes da 2ª geração.

Os artigos de Mendel foram publicados em uma revista de circulação local de história natural e como Mendel assumiu um cargo de supervisão em um Mosteiro, trocou suas atividades de investigador por funções administrativas, seu trabalho foi muito pouco conhecido. Com a sua morte em 1884 todas suas anotações e textos foram jogados fora sendo somente por volta de 1900 que outros cientistas que estudaram a hereditariedade reconheceram a importância de seus estudos e avançaram na identificação dos genes que regulam a hereditariedade dos pais aos filhos até 1953 quando Ja-

mes Watson e Francis Crick decifraram a dupla hélice do DNA que já havia sido demonstrada mas não identificada por Rosalind Franklin no King's College em Londres em 1950, tendo o próprio Watson reconhecido em 2000 a importância de sua contribuição não citada no trabalho de única página publicado na Revista Nature em 1953 com a sugestão da proposta de estrutura do DNA logo consagrada com o prêmio Nobel daquele ano. Rosalind faleceu vítima de um câncer do ovário em 1953 e apenas em 1968 Watson publicou "The Double helix" onde reconheceu o trabalho de Rosalind a que teve acesso clandestinamente mas permitiu que tirassem a conclusão que Rosalind não antecipou e foi ignorada na referência bibliográfica ("Rosalind Franklin, the Dark Lady of the DNA", Brenda Maddox, Perennial. An Imprint of Harper Collins Publishers, 2002 UK).

Por meio do DNA as informações genéticas dos organismos são transmitidas aos descendentes e neles se combinam. O gene é a unidade da replicação e o organismo é seu veículo (ou máquina da sobrevivência) como afirmou Richard Dawkins (O Gene Egoísta, Cia das Letras, 1989), referindo também que "o gene é uma replicação de longa duração existindo sob a forma de muitas cópias de si mesmo "ou um" fragmento de cromossomo pequeno o bastante para durar o tempo suficiente para funcionar como uma unidade de seleção natural. Existiram na sopa primordial e agora nas diferentes máquinas de sobrevivência (animais, plantas, bactérias e vírus). Os genes são unidades da hereditariedade e como os diamantes são eternos, mas continuando na opinião

de Dawkins, vivos como cópias de si mesmos suas expectativas de vida devem ser medidas em milhares ou milhões de anos. Viaja intacto do avô ao neto e persiste sem se fundir com outros por todo esse tempo (1 milhão de anos).

Embora os seres vivos já existissem na terra há mais de 3 bilhões de anos sem que soubéssemos a explicação, foi Charles Darwin que decifrou o enigma construindo, no seu dizer, uma explicação coerente e convincente da razão por que existimos e uma forma pela qual a simplicidade se torna complexidade, como os átomos desordenados se agruparam em estruturas cada vez mais complexas até que surgiram todos os seres vivos conhecidos como o homem, que tem mais de um ocoilhão de átomos.

Não se conhece quais eram as matérias químicas abundantes na terra antes do aparecimento da vida. Contudo, a água, o CO₂, o metano e a amônia, todos compostos simples estiveram presentes e também já foram identificados em outros planetas dentro e fora do nosso sistema solar.

As substâncias orgânicas provavelmente oriundas dos mares podiam nas suas margens, na forma de espumas ou bolhas, sofrer a influência de energia como a luz ultravioleta da luz solar, formaram moléculas maiores rapidamente desintegradas por bactérias ou outras formas de vida. Em um determinado momento formou-se uma molécula capaz de fazer cópia de si mesma, ocorrência improvável, mas segundo Dawkins, o replicador que deu origem a uma cadeia estável como os cristais, mas que ao

se dividirem em duas, passaram a formar cópias de si mesmas e originaram a seqüência da vida espalhando suas cópias inicialmente pelos mares nas formas marinhas.

Recentemente, simulações das condições existentes na fase remota do planeta antes da existência da vida, já produziram substâncias orgânicas como as purinas e pirimidinas que podem constituir o bloco do DNA. Essa molécula possui apenas 4 tipos de nucleotídeos diferentes cujos nomes podem ser abreviados para A, T, C e G que são os mesmos em todos os animais e plantas. Considera Dawkins que “um polvo não se parece com um camundongo e ambos são diferentes de um carvalho, de uma bactéria ou um elefante”. Todos têm um denominador comum, o DNA e suas estruturas químicas são muitos semelhantes embora a morfologia não a seja. Basta lembrar que temos 99,5% de semelhança com os chimpanzés e nos consideramos muito diferentes. No homem o projeto arquitetônico é constituído por 46 volumes sendo esse número diferente em outras espécies. Os volumes são os cromossomos dispostos em 23 pares ao longo dos quais se dispõem os genes em uma seqüência estabelecida. O DNA supervisiona a fabricação da proteína através do sequenciamento dos aminoácidos.

Esses replicadores foram capazes de originar nos últimos 600 milhões de anos estruturas como os músculos, o coração e o olho que evoluíram de forma independente desde então. Na evolução dos últimos 3 bilhões de anos procedeu-se a evolução natural. Os que mais se reproduziram aumentaram o seu número. Não conhecemos o número total de espécies existentes.

Acredita-se que vivas sejam cerca de 3 milhões. Somente os insetos são individualmente mil quatrilhões.

Em relação aos genes, as suas contribuições são reduzidas a metade em cada geração. Em pouco tempo (10 gerações) estarão reduzidas a proporções insignificantes na transmissão de caracteres, porém podem viver um milhão de anos.

Analisaremos agora como o desenvolvimento do conhecimento e da ciência após o século XIX e sobretudo após a contribuição de Charles Darwin consolidou a nova concepção da formação do universo e do desenvolvimento da história da humanidade.

Charles Darwin, a Evolução Natural e Uma longa caminhada de seis milhões de anos

“A Filosofia está escrita neste enorme livro que temos aberto diante dos olhos, o Universo.

Mas não é possível compreendê-lo antes de entender a sua língua, de conhecer os caracteres em que está escrito. Está escrito em língua matemática e seus caracteres são triângulos, círculos e outras figuras geométricas sem as quais é impossível entender uma palavra sequer... Sem eles, alguém estaria caminhando em um labirinto escuro”.

Galileu Galilei (1564-1642)

O Universo data de aproximadamente 13,7 bilhões de anos.

Nosso Planeta organizou-se de uma nuvem de poeira e gás, cerca de 4,5 bilhões de anos atrás, na concepção

de Stephen Hawking, nascido 300 anos após a morte de Galileu (8-1-1942), Professor de Matemática, na Cátedra de Isaac Newton (1642-1727), fundada em 1663 na Universidade de Cambridge, na Inglaterra. Portador de uma doença neurológica degenerativa, Hawking utiliza o seu computador com o auxílio do movimento de uma pálpabra.

Considera o autor que a vida originou-se na terra ou de forma extraterrestre através de esporos provenientes de outras galáxias e que as condições adversas existentes no espaço profundo, caracterizadas por ausência de oxigênio, pressão e baixa temperatura ($- 273^{\circ}\text{C}$), tornaram possível que a vida tenha se originado em nosso planeta.

Diversos modelos teóricos de formação do Universo já foram ensaiados na busca do bóson de Higgs, uma partícula fundamental possuidora de massa que surgiu com o “Big Bang” e começou a ser

pesquisada em Genebra através da Large Hadron Collider (LHC) um acelerador de partículas de 12500 toneladas montado em um túnel de 27km de extensão entre a França e a Suíça, máquina extraordinária, concebida pela genialidade do homem, criando esse acelerador linear de partículas subatômicas que pode trazer esclarecimento de como tudo se iniciou com a expansão da matéria.

A gravidade, força de atração entre os corpos, fez com que poeira e gás resultantes da explosão se transformassem em estrelas.

Vários grupamentos se constituíram com a expansão da matéria, o Universo formado por múltiplos siste-

mas. Dentre esses, o sistema solar, originando-se o sol na via Láctea, seguindo-se a formação dos planetas.

Transcorreram aproximadamente 3 bilhões de anos e a temperatura da Terra permaneceu em -270°C .

Cerca de 2 bilhões de anos atrás, iniciou-se uma diminuição da temperatura, criando-se condições para o aparecimento da vida.

Os esporos constituem a forma mais primitiva de vida. Podem ter existido há 4 ou 5 bilhões de anos na Terra ou outras galáxias, na opinião de Stephen Hawking.

Também se considera que as formas mais primitivas de vida podem ter sido algas marinhas existentes há cerca de 2-3 bilhões de anos, seguidas de ancestrais de moluscos e artrópodes. Há cerca de 500 milhões de anos surgiram os primeiros vertebrados, seguindo-se os invertebrados, anfíbios e insetos, os répteis que se tornaram capazes de regular a temperatura corporal (280-240 milhões de anos), seguidos dos mamíferos e dos dinossauros (210 milhões de anos), que dominaram o planeta até o seu desaparecimento, há cerca de 65 milhões de anos atrás.

As bactérias, moneras, organismos unicelulares primitivos que crescem e se reproduzem rapidamente, vivem aproximadamente 30 minutos e passam para a geração seguinte o conhecimento geneticamente adquirido (Enciclopédia Britânica) o que viria a se tornar o flagelo da resistência a antibióticos milhões de anos após. (Zimmerman, B.E. e Zimmerman, D.J.).

Bactérias foram identificadas associadas à infecção em fóssil de pássaro datado de 90 milhões de anos, muito antes, portanto, do aparecimento da espécie humana.

E a vida continuou a florescer em nosso planeta.

David M. Raup, Paleontólogo da Universidade de Chicago, considerou que nos milhões de anos de existência da Terra ocorreram, pelo menos, cinco extinções em massa de seres vivos. A maior, por volta de 245 a 225 milhões de anos, quando desapareceram cerca de 96% de todas as espécies existentes.

A segunda foi por volta de 65 milhões de anos, quando desapareceram $\frac{3}{4}$ de todos os espécimes, inclusive os grandes dinossauros surgidos no período triásico, há 230 milhões de anos, e que dominaram a cadeia alimentar por dezenas de milhões de anos, como referiu Marcelo Gleiser em artigo publicado na Folha de São Paulo em 2008.

A esse respeito, referiu Richard Preston (*As Árvores Gigantes*, 2007) que há 65 milhões de anos um asteróide ou um cometa com aproximadamente 10 km de diâmetro colidiu com a Terra na Planície de Yucatán, no México, provocando uma explosão com potência capaz de produzir uma grande alteração da natureza. Esse evento foi chamado de impacto K-7, envolvendo a Terra em uma nuvem de poeira, escuridão e chuva ácida. Formaram-se tsunamis de mais de 1 km de altura, eclodindo pelos continentes, provocando uma extinção em massa de muitas espécies animais e vegetais em todo planeta, incluindo, nesta extinção, os dinossauros.

Na era Paleocena, há 60 milhões de anos, surgiram os primeiros primatas, iniciando uma outra era dos mamíferos após a extinção dos dinossauros. Eram pe-

quenos, semelhantes a esquilos e dotados de uma longa cauda (Richard Preston-2007).

Há cerca de 6 milhões de anos surgiram os chimpanzés, sem cauda, buscando alimento longe das árvores, no leste da África. Evoluíram para os Chimpanzés-hominídeos, que assumiram a postura ereta e eram capazes de viajar longas distâncias e provavelmente usaram ferramentas como armas.

Datam, portanto, de 5 a 3 milhões de anos os ancestrais humanos, os hominídeos. Acredita-se que a espécie humana organizou-se há 2 milhões de anos na África Oriental, muito pouco tempo quando comparamos com a existência da Sequóia gigante identificada há 50 a 20 milhões de anos e que vive por cerca de 3.000 anos e pode atingir 115 metros de altura.

As sequóias, maravilhas do reino vegetal, predominam entre a Califórnia e o Oregon. Sobreviventes da devastação ambiental, possuem em suas copas emaranhadas uma espantosa e inimaginável biodiversidade, longe ainda de ser cientificamente elucidada.

Acredita-se que um fator importante na evolução dos ancestrais humanos para os hominídeos foi o desenvolvimento cerebral. Nos ancestrais humanos o cérebro possuía cerca de 500cc. Entre 500.000 a 200.000 anos aumentaram seu volume para 900cc, fenômeno provocado provavelmente pelo maior uso da carne na alimentação.

Ocorreu desenvolvimento da área motora e da fala, maior habilidade na utilização dos membros superiores, desenvolvimento da laringe, emissão de sons, surgindo a fala, e o Homo sapiens, com cerca de 1 milhão a 500.000

anos (Geoffrey Blainey, uma breve história da humanidade, 2007).

Darwin considerava a linguagem como o progresso mais importante da humanidade seguido do uso do fogo para o preparo dos alimentos utilizado a 2 e 1,8 milhões de anos, o domínio do fogo coincide com o aparecimento do *homo erectus* há 1,8 milhões de anos. Seu cérebro tinha 900cc e o do *homo sapiens* 1400cc. O cozimento da carne diferencia o homo dos primatas que a imediatamente após a obtenção ou abate a prescindia. Na gruta de Lascaux, no Perigord, na França chamada de “Capela Sixtina da pré-história” há referências ao uso do fogo há 400 mil anos. Achados arqueológicos sugerem que o uso do fogo surgiu com o *homo erectus* há cerca de 500 mil anos. Alguns autores datam o aparecimento da escrita há 3500 a.C. A escrita cuneiforme oriunda dos sumérios data de 2000 a.C..

Por volta de 135.000 a 90.000 anos existiam cerca de 30.000 habitantes na Terra, de cor preta, divididos em 2 grupos, um no leste e outro no sul da África, há 100.000 anos isolados em seus habitats e vivendo em pequenos grupos (menos de 500 indivíduos).

Instalou-se, então, um longo período de seca, que por pouco não extinguiu a espécie humana. Sobreviveram apenas 2.000 habitantes, a maior ameaça já ocorrida de extinção da espécie humana.

Charles Darwin em 1840 considerou que “não é a espécie mais forte que sobrevive ou a mais inteligente. A que sobrevive é a que melhor se adapta às novas circunstâncias.”

Com o final da seca voltou a crescer a população.

Duas das 42 ramificações desses grupos de Homo sapiens imigraram para a Europa e geraram todos os outros povos.

60.000 a.C – O despertar da humanidade

O período entre 60.000 a 30.000 anos antes de Cristo (a.C.) foi considerado o do despertar da humanidade, caracterizado pelas migrações, reunião de grupos com mais de 500 pessoas e o surgimento da navegação. O processo de migração continuou. Há 60 mil anos atingiram a Ásia. Há 50 mil anos, a Indonésia e a Oceania, há 15 mil anos a América através do Alasca então unido à Ásia e há 12 mil anos, a América do Sul.

Estudos recentes do DNA mitocondrial transmitido apenas pelas mulheres, identificados em fósseis, permite traçar a linha de antepassados e esclarecer as grandes mutações que levam aproximadamente 5.000 anos para ocorrerem. É muito importante compreender a nossa origem africana, pois no ano atual (2008) a África possui cerca de 14% da população mundial e 70% da diversidade genética humana.

Cinquenta e dois grupos étnicos se formaram na Europa, Ásia, África e América, formando 5 grupos separados pelos obstáculos naturais constituídos pelos oceanos, montanhas, desertos e outros.

Tudo isso tem muito a ver com a migração para a Europa. Há 6.000 anos a agricultura disseminou-se na Europa.

A dieta vegetariana e o clima frio implacável passaram a exercer uma pressão seletiva sobre as populações, que tendiam a se fixar e evitar o nomadismo.

A tendência para o raquitismo e a osteoporose dificultavam a sobrevivência, aflorando as necessidades de fontes de vitamina D, presença do cálcio necessário para uma melhor estruturação do esqueleto.

A dificuldade da pele negra de absorver raios ultravioletas e o rigor do inverno obrigavam a proteção da pele e do corpo que, além da dieta vegetariana predominante, pressionaram seletivamente a adaptação para nascimento de crianças com a pele mais clara (menos melanina), resultando no aparecimento da pele de cor branca.

Trabalho recente (2007) publicado no Science, citado por Drauzio Varela em artigo publicado na Folha de São Paulo (26-4-2008), sequenciou esses genes e demonstrou que a cor branca surgiu na Europa entre 12.000 a 6.000 anos atrás através da identificação do gene SLC24A45 ocorrida em 2007 responsável pela cor branca européia, o que fez Drauzio concluir o seu artigo com um recado admirável para o seu leitor, afirmando : “Se você se orgulha da cor da própria pele, não seja ridículo”.

Em torno dessa época, (12.000 a 9.000 a.C.), ocorreu o evento natural mais extraordinário dos últimos 100.000 anos: o degelo que ocasionou a elevação do nível dos mares entre 116 a 140 metros e a separação dos continentes.

Em cerca de 10.000 a.C. formou-se o Rio Nilo, ocasionado pelo degelo do Lago Vitória.

Acredita-se que a doença surgiu com a vida e a medicina, com o homem primitivo, quando se agrupou, e isso levou milhares de anos para ocorrer, lutando pela

sobrevivência em ambiente hostil, aprendendo a se defender de seus predadores, a caçar, pescar e estocar alimentos para sobreviver às intempéries.

Passou a identificar as plantas que tinham poder curativo, a imobilizar os membros atingidos e a pensar as feridas, apelando também para feitiçarias, orações e uso de amuletos visando à cura de suas doenças.

A medicina em seus primórdios apresentava uma estreita relação com a religião. Os sacerdotes elaboravam as leis, previam o futuro e tratavam as doenças, do mesmo modo que os curandeiros. As doenças eram representações dos demônios.

O fígado do carneiro servia para adivinhar o futuro entre os babilônios, etruscos, gregos e romanos, sendo considerado o sítio da alma e por longo tempo o órgão vital para a atividade mental e intelectual.

O castigo de Prometeu, que tinha o seu fígado devorado parcialmente todo dia, baseava-se nessa visão primitiva do órgão e a palavra “kabed” do hebraico era usada como sinônimo da alma (nefesh), (Antonio Cavalcanti, Tese Doutorado, Cirurgia UFPE – 2008).

Grupos primitivos conheciam o seu meio ambiente, identificavam as plantas e as preparavam para fim curativos, surgindo os xamãs, curandeiros ou feiticeiros, os primeiros especialistas da humanidade, que transmitiam o seu valioso conhecimento oralmente para seus descendentes, assegurando a continuidade da informação privilegiada por múltiplas gerações. Imagens gravadas em paredes de cavernas, com 20.000 anos, documentam esse conhecimento.

Assim surgiram e foram registrados no passado.

A trepanação praticada na China e no Peru data de 8.000 anos a.C.. O recrescimento ósseo demonstra em achados pré-históricos que a sobrevivência ocorria em 3/4 dos pacientes. Os Incas, os primeiros grandes cirurgiões da humanidade nessa época, reduziam fraturas, amputavam membros e retiravam tumores. Faziam trepanação e substituíam o osso retirado por finas placas de ouro. Os chineses (8.000 – 3.000 anos a.C.) utilizavam o sal para elevar a pressão arterial. Identificavam a hipertensão pelo endurecimento do pulso e referiam que o sangue vinha do coração e circulava através de túneis, 2.000 anos antes de William Harvey, o descobridor da circulação. Os hindus (300 anos a.C.) utilizavam 500 remédios oriundos de plantas.

E a espécie humana, agrupando-se, progredia de forma lenta com a acumulação de conhecimento após superar a barreira do isolamento natural, a desconfiança e a dificuldade de comunicação.

Os primeiros escritos médicos surgiram no Egito há 4.600 anos a.C.. Considera-se Inhotep o primeiro médico (2650 anos a.C.) e Hesi Re, sua contemporânea, como a primeira médica. Também por essa época apareceram os rudimentos de especialidades clínicas, a ginecologia, a obstetrícia, a oftalmologia, proctologia, a odontologia e em um grupo à parte, os cirurgiões, provavelmente mistura de deuses e de demônios, milagreiros ou amaldiçoados, intuitivos, místicos, ao mesmo tempo mágicos e fora-das-leis. A medicina primitiva continuou sendo exercida por milhares de anos.

Em 8.000 anos a.C. foi fundada a primeira cidade da história da humanidade, Jericó, existente até hoje na Palestina, nas vizinhanças do Mar Morto.

Mas o primeiro estado ocorreu na Mesopotâmia por volta de 3.700 anos a.C..

Há cerca de 3000 a.C. surgia também a civilização no Iraque, na mesma época do 1º Faraó no Egito.

Grandes progressos ocorreram: a descoberta da roda, criação da escrita e da leitura, o aparecimento de dois sistemas numéricos e o Código de Hamurabi, que criou o Direito e iniciou a Ética, disciplinando os padrões de comportamento e leis a serem seguidas.

Na Grécia a humanidade se aperfeiçoaria em 460 a.C., com o advento da Democracia.

Foi nesse mesmo período que surgiu a medicina ocidental, com Hipócrates (459-355 aC) na ilha grega de Cós, criador da Ética Médica, esboçada no documento reverenciado no mundo inteiro, o Juramento Hipocrático. Pregava Hipócrates que “a medicina se baseava na observação e não necessitava de hipóteses que não podiam ser confirmadas pelos sentidos (visão, audição, olfato, tato e pela razão) por ocasião do exame do paciente. “Cada doença tinha própria natureza e nenhuma surge sem sua causa natural” (Robert Adler).

Com a criação de um grupo de discípulos, o corpo Hipocrático, Hipócrates antecipou em quase 2.000 anos a criação da residência médica no Hospital John Hopkins por William Halstead e William Osler.

Dizia Hipócrates que o médico deveria ter 3 objetivos reais: aliviar o sofrimento, reduzir a gravidade

da doença e reconhecer e se abster de tratar o intratável, preceito tão negligenciado por diferentes motivos nos dias atuais, bastando lembrar para isso o que ocorreu recentemente na França, país de aproximadamente 65 milhões de habitantes, em que existiam mantidos em Unidades de Terapia Intensiva 650.000 pacientes em respiração assistida por ventilador mecânico, muitos sem qualquer perspectiva de recuperação e com um custo altíssimo, contrariando a recomendação Hipocrática de não tentar tratar o intratável.

Hipócrates, pai da Medicina Ocidental, estabeleceu a observação científica e a análise racional, retirando a Medicina dos deuses.

E seguiram outros grandes exemplos de médicos da civilização helênica, como Herófilo, Herasistrato, Esculápio, Galeno e tantos outros na remota antiguidade até o advento do Cristianismo.

Todo esse período caracterizava-se pela falta de conhecimento programado e de estudo sistemático da ciência e da arte da medicina, que só veio a ocorrer no Renascimento com Leonardo da Vinci (1452-1519), Andreas Vesalius (1514-1564) e William Harvey (1578-1657), que forneceram as bases anatômicas e fisiológicas do conhecimento médico e estimularam a prática da cirurgia, que tem apenas 500 anos de história, como salientou o Prof. Henrique Walter Pinotti em seu livro “A Filosofia da Cirurgia” que tive a honra de prefaciar.

A cirurgia tem uma indiscutível interface com a Filosofia e a formação do pensamento científico. A Filosofia é a busca de um entendimento racional através da

investigação e do conhecimento. Kant já havia considerado que a função da Filosofia não é estabelecer regras, mas analisar os juízos privados da razão comum.

Desse modo, não há conflito entre a Filosofia e a Ciência, que, juntamente com a Arte, fazem uso contínuo da inspiração aberta para o debate que motiva a crítica e a formação do conhecimento.

Os filósofos gregos foram os primeiros.

Sócrates (470-399 a.C.), Platão e Aristóteles, seguidos dos cínicos, céticos, os epicuristas e os estóicos. Na idade média, destacou-se Santo Agostinho (354-430 d.C.) seguido dos primeiros cientistas que desafiaram o conhecimento estabelecido como Copérnico (1473), Galileu Galilei, Newton, Francis Bacon (1620) e Hobbes.

René Descartes (1596-1650) foi um dos pioneiros dessa discussão, quando apresentou o “Discurso do Método” em 1637. Spinoza (1632-1677) partia do princípio de que tudo podia ser demonstrado e deixou sua maior contribuição na sua obra “Ética”, publicada no ano de sua morte.

A interface da Filosofia com a Cirurgia encontra-se perfeitamente analisada de forma soberba pelo Prof. Pinotti no desenvolvimento de seu livro, a Filosofia da Cirurgia.

As Universidades surgiram na Europa a partir de 1060 Bagdá Nishapour, no século XI Salerno, a 1ª do ocidente, Bolonha (1088), Paris (1150), Pádua (1222), Nápoles (1224), Siena (1240) e outras que se seguiram e passaram a ter grande importância na produção do conhecimento, liderando a discussão nos diferentes cam-

pos das ciências e das artes. No Brasil sob colonização Portuguesa, as Universidades (Século XIX) demoraram a se estabelecer, a partir de 1808 ao contrário do que ocorreu no restante do continente com o surgimento das Universidades hispânicas, que se estabeleceram a partir do Século XV.

A Filosofia e a Medicina, uma saga de 500 anos

“O Homem não conhece o Homem. Já conhece toda a Terra, desceu às suas profundezas, subiu à estratosfera, servindo-se dos novos conhecimentos e das novas técnicas para explorar o que o rodeia de perto ou de longe. Construiu a máquina e humilhou-se, introduzindo-se nela como a mais frágil de suas engrenagens.” (William Berardinelli; in Ferraz, A. “A Morfologia do Homem do Nordeste”, Editora José Olympio. Rio, 1939.)

Foi à antecipação de conhecimentos estabelecidos a partir dos séculos XII e XIV que preparou a medicina para o grande desenvolvimento ocorrido no século XX e no limiar do século XXI.

Por outro lado, grandes conhecimentos foram adquiridos nesse período inicial sem que fossem conhecidos seus fundamentos fisiopatológicos, esclarecidos muitos anos após, mas que permitiram um salto qualitativo na prática médica.

Assim ocorreu com Edward Jenner (1749-1823), descobridor da vacina contra a varíola, doença reconhecida no Egito Antigo com marcas reconhecidas em pelo menos 3 múmias de Faraós, entre eles Ramsés V, a varíola foi responsável pela morte de cerca de 4 milhões de Maias e Astecas, que a contraíram em contacto com o

homem branco, e naquela ocasião acarretava uma mortalidade de cerca de 90%.

Jenner vacinou em 1799 600 pessoas em Londres e passaram-se mais de 80 anos para que o vírus, agente etiológico da doença, fosse descoberto.

A mesma genialidade induziu Ignaz Philipp Semmelweis (1818-1865) a no dia 15-5-1847 (celebrado no mundo inteiro como o dia mundial do controle da infecção) estabelecer a relação entre a contaminação e o aparecimento da infecção, sem que os micróbios tivessem ainda sido descritos.

E assim ocorreu com o grande cirurgião Joseph Lister (1827-1912), que jamais praticou uma cirurgia intra-abdominal, Louis Pasteur (1822-1895), Horace Wells e William Morton (descobridores da anestesia), Ambroise Paré, com as ligaduras vasculares, Alexandre Fleming (1881-1955), com a descoberta dos antibióticos, Wilhem Conrad Roentgen (1845-1923), descobridor dos Raios X, Dimitri Ivanov, descobridor dos vírus em 1892, John Gibbon (1903-1973), descobridor da circulação extracorpórea.

Acredita-se que nos primeiros 50 anos do século XXI teremos um avanço do conhecimento superior ao obtido nos últimos 500 anos.

Resumimos o passado e o presente e cabe a indagação do que nos aguarda no futuro.

O conhecimento aprofundado do genoma humano, a biologia molecular, a melhor compreensão dos fenômenos imunológicos e da resposta inflamatória, a progressão inexorável e irreversível dos procedimentos

minimamente invasivos, a robótica, a expansão da nanotecnologia, o estudo e a descoberta de novos semicondutores, as novas tecnologias e o progresso das ciências, a física quântica, a química e a matemática, o idioma do universo, certamente tornarão vertiginoso o futuro e propiciarão uma nova aurora que iluminará os caminhos a serem percorridos pela humanidade.

Edmundo Machado Ferraz



Quando se pronuncia o nome de Darwin, imediatamente ocorrem à nossa mente dois conceitos, aparentemente antagônicos: Evolução e Criação.

A primeira dispensa a intervenção divina para o aparecimento do universo; a segunda, ao contrário, a pressupõe como um fato inegável e necessário. Como consequência lógica dessa primeira posição, temos a negação da existência de Deus. Para que serviria um deus se a própria natureza se encarrega de originar e de diversificar as espécies? Eu falei: “aparentemente antagônicos”, pois muitos colocam a ciência e a religião como *dois lutadores*, adversários, que procuram eliminar-se mutuamente.

O bispo e teólogo anglicano John A.T. Robinson, preocupado em levantar e repensar os grandes problemas teológicos, escreveu um livro com o título “Honesto para com Deus”. Uma das expressões emblemáticas dele é “Começar pelo outro lado”, o que significa mudar nossa maneira de abordar as questões teológicas. O ponto de partida errado é começar pelas definições dogmáticas, das quais se tiram orientações para a vida, em qualquer circunstância. É preciso partir da experiência dos oprimidos, dos explorados, dos esfolados. Só colocando-nos no lugar deles é que vamos compreender que a teologia não é a ciência da elite, mas a prática e a vivência autêntica dos oprimidos.

Na opinião dele, temos que levar a sério as críticas dirigidas à religião, quer vindas dos ateus ou dos próprios cristãos. De modo especial, temos que levar em consideração as críticas feitas pelos ateus sobre nossas concepções de Deus.

Então passa a enumerar essas críticas:

1º- Deus é intelectualmente supérfluo, i.é. cada vez mais o homem deixa de recorrer a Deus como explicação do universo. Nenhum livro de ciências o faz hoje em dia. Deus não pode ser o deus das lacunas do nosso saber, ele não está aí para suprir a nossa ignorância.

2º- Emocionalmente, Deus não é uma necessidade para o homem, pois o homem pode resolver todos os seus problemas emocionais sem recorrer ao expediente religioso. Ele não é o ópio ou analgésico para nossas situações insustentáveis.

3º- Um Deus que permite o sofrimento inesgotável de inocentes, de crianças indefesas, não tem crédito moral. Que credibilidade teria um deus que assiste impassível a todos os desmandos das torturas, dos assassinatos brutais, das guerras etc. Onde está o pai bondoso, o pai amoroso que não vem em auxílio de seus filhos?

No decorrer de nossa intervenção tentaremos dar uma resposta a essas críticas, não do ponto de vista desta ou daquela religião, mas orientados pela fé, cujo verdadeiro sentido não é simplesmente ter uma convicção ou achar que algo é verdade. É mais correto falar em confiança ou fidelidade. A palavra *fides*, fé em latim, significa justamente isso.

Retomando os dois conceitos, evolucionismo e criaçãoismo, constatamos que, em vez de opostos, *são complementares*. A água e o óleo não se misturam, mas cada uma tem a sua função e a sua importância. Não podemos dizer que não precisamos de água, assim como não podemos negar a utilidade do óleo. A ciência trata das coisas visíveis,

materiais, enquanto a fé contempla as coisas invisíveis, espirituais. Tal qual a constituição do próprio ser humano: de um lado o corpo, matéria e do outro, espírito, não matéria.

É perfeitamente racional pensar que fé e ciência se necessitem mutuamente. Enquanto a ciência livra a fé da ingenuidade, a fé pode ajudar a ciência a não cair num puro materialismo. A fé precisa da luz da ciência para não ser cega e não se tornar fanática e doentia; a ciência precisa da fé para não colocar as suas descobertas a serviço da destruição humana.

Aqui, talvez, seja necessário fazermos a pergunta: estamos falando da existência ou da não existência de que Deus? Como poderíamos definir Deus?

É fácil encontrarmos, em qualquer livro de teologia, ou mesmo em livros que tratem, simplesmente, do assunto, a definição clássica: Deus é um Ser Superior, infinitamente sábio, justo e bondoso.

Quando falamos dos atributos de Deus, e dizemos que Ele é infinitamente sábio, justo e bondoso, estamos fazendo uma analogia, pois colocamos os nossos atributos humanos em um grau muito superior ao que normalmente possuímos. Na verdade, Deus não é infinitamente sábio, justo e bondoso, Ele é a própria Sabedoria, Justiça e Bondade.

Há um ditado latino que diz: “Ubi maior, minor cessat”, isto é, onde há o maior o menor desaparece, ou, em outras palavras, o menor não pode conter o maior. Para nós, só existe o que nossa inteligência e nossos sentidos podem captar. Deus não se vê, não se ouve, não se cheira, não se degusta, não se toca. Então não existe?

Ou, melhor dizendo, isto significa que o nosso cérebro, a nossa mente, a nossa inteligência limitados, não são capazes definir a Deus. Deus é inatingível, inefável e por isso indefinível, a não ser analogicamente, dentro das limitações da nossa compreensão. Ele é aquele que é, quem não tem começo nem fim.

Resumindo: só a fé baseada na revelação tem condições de vislumbrar o que é ou quem é Deus.

Este conceito de Deus traz consigo um corolário importante. Se Deus é a plenitude da Existência, da Sabedoria, da Justiça e da Bondade, então não pode haver mais do que um só Deus. Isso não quer dizer que o monoteísmo é melhor que o politeísmo ou qualquer outra religião, pois todas elas têm um fragmento, um lampejo da revelação divina. Não se trata, portanto, de valoração entre as religiões. Mas se trata de uma única realidade possível. E ainda mais: esse Deus é o Deus de todas as criaturas.

São Paulo escreve em sua carta aos Romanos (3, 29-30): *“Acaso Deus é só dos judeus? Não é também Deus dos pagãos? Sim, é também Deus dos pagãos. De fato, Deus é um só: ele justificará os circuncisos em virtude da fé, e os incircuncisos, mediante a fé.”* Poderia citar como exemplo empírico: eu posso querer esquecer, renegar, rejeitar e até expulsar da minha memória o meu pai biológico, mas ele continuará ser o meu pai biológico, pois se trata de uma realidade imutável.

É possível provar tudo isso, a existência de Deus, a sua unicidade e a sua universalidade? Prova matemática, científica não existe. E a explicação é muito simples:

se tivéssemos provas, não precisaríamos de fé e sem a fé não poderíamos falar de Deus.

Houve, durante a história, várias tentativas para provar a existência de Deus racionalmente. A mais conhecida é a de Sócrates, confirmada por Aristóteles e assumida por São Tomás de Aquino: a teoria da causalidade.

Essa teoria afirma que, pelas observações empíricas, todas as coisas animadas ou inanimadas têm uma causa. Destarte, retrocedendo, de causa em causa chegamos à causa prima que não tem mais precedentes. Essa causa sem causa é que chamamos de Deus.

Entre as duas posições parece haver um empate técnico: se de um lado a religião não pode provar matematicamente, de modo que a inteligência humana possa captar a realidade da existência de Deus, por outro lado, a ciência não pode afirmar categórica e definitivamente o contrário.

A fé não é produto nem da inteligência e nem da ciência, mas é iniciativa daquele em quem temos que acreditar.

A fé é uma aposta, constantemente renovada, na busca do sentido e dos fins últimos da vida.

O grande equívoco é querer enquadrar a fé na ciência, querer encontrar argumentos científicos para provar o conteúdo da fé.

Examinemos, então, qual é a base e como atuam a religião e a ciência?

A base da religião no cristianismo são as Escrituras, principalmente as revelações feitas por Jesus no Novo

Testamento, e uma coleção de doutrinas escritas ou tradições orais vividas e praticadas nas outras religiões. Ter fé, acreditar em alguma coisa ou em alguém não é uma atitude impensada ou irracional. Eu acredito na palavra de minha esposa, de meu filho, de um amigo, mesmo que não possa provar a veracidade de suas afirmações. Por que isso acontece? Pelo conhecimento do caráter, pela experiência quotidiana, pelos laços sentimentais que nos unem e, ato contínuo, pela confiança que eu tenho neles. De fato, a palavra *fides*, palavra latina, traduzida para o português como fé, na verdade significa confiança.

As religiões não são avessas à ciência, pois têm, como seus pilares, documentos escritos ou tradições orais; a filosofia, mormente a lógica; a arqueologia com suas descobertas que provam determinadas descrições encontradas nas escrituras; e a história que atesta a existência de pessoas e acontecimentos havidos em épocas bíblicas.

Por outro lado, a ciência tem por base as observações empíricas e científicas, feitas em laboratório ou na própria natureza, na terra, no mar e no ar, dentro e fora da nossa galáxia. Além disso, têm-se as pesquisas, os estudos, as comparações entre os resultados de todas essas atividades. Homens doutos, então, especialistas em cada assunto, baseados nos conhecimentos adquiridos, lançam as suas hipóteses, as quais, uma vez confirmadas, formam as teorias científicas. Acontece que as hipóteses, mesmo tendo lógica e credibilidade, não passam de suposições, carentes de provas definitivas. Enquanto as teorias, embora tenham sua comprovação deduzida da constância das hipóteses, são sujeitas a mutações,

aperfeiçoamentos, portanto não são imutáveis nem definitivas. Como exemplo disso, podemos citar a teoria do geocentrismo que foi reformulada quando se descobriu que não era o sol que girava em torno da terra, mas ao contrário, a terra que se movia em torno do sol.

A religião não é inimiga da ciência. Muitas vezes a Igreja financiou (e financia) as pesquisas, os estudos de cientistas.

Ronald L. Numbers (professor da Universidade de Wisconsin) diz: “A crença em Deus inspirou cientistas, enquanto instituições religiosas apoiaram pesquisas e universidades.”

Recentemente, em 2008 o Vaticano promoveu uma conferência para discutir o legado de Charles Darwin e fez questão de lembrar que os livros do naturalista nunca foram oficialmente condenados pela Igreja.

Já em 1950, o Papa Pio XII, um dos mais conservadores da história, disse que não haveria problema em imaginar que o corpo humano tivesse evoluído de ancestrais do reino animal.

João Paulo II, em 1996, reconheceu que a Teoria da Evolução é “mais do que uma mera hipótese” e que tem muitas evidências a seu favor.

Essa opinião foi reiterada por Bento XVI em várias ocasiões.

A ciência perscruta os mistérios do mundo físico, enquanto a fé, os do mundo espiritual. Elas não só não se eliminam, como são inseparáveis e complementares.

Francis Collins, coordenador do Projeto Genoma, diz: “*Usar as ferramentas da ciência para discutir religião é*

uma atitude imprópria e equivocada. A Bíblia não é um livro científico. Não deve ser levado ao pé da letra”.

De fato, a obra da criação como está descrita na Bíblia parece-nos mais uma peça literária. Há um ditado italiano que diz: “Si non é vero, é ben trovato”, i.é. se não é verdade é bem inventado. Os antigos, antes do desenvolvimento das ciências e antes da exegese moderna, acreditavam piamente na interpretação “ad litteram” desse texto. Há, ainda hoje, crenças que não abrem mão dessa versão. A teologia exegética atual atesta, sem dúvida, que se trata de uma descrição simbólica, mantendo, porém, a sua essência. Assim, a essência, o âmago da história é a mensagem sobre o próprio fato da criação feita por Deus.

Pode parecer incrível, mas essa história, da criação feita por Deus, não contradiz a doutrina da evolução. Por que? Vou responder com uma pergunta:

Qual é o cientista mais sábio, mais expert, aquele que cria um robô, o qual para executar seus movimentos precisa de um apertado de botão de seu criador para cada um deles, ou aquele que coloca nele um chip pré-programado, fazendo com que o robô, independentemente de seu criador execute todos os movimentos?

Da mesma maneira, o que provaria melhor a sabedoria e o poder de Deus, se Ele criasse uma por uma todas as criaturas, ou se Ele inoculasse numa molécula inicial, criada por Ele, toda a trajetória da evolução?

A revista “Scientific American” (ano 7, nº 81, p.40 – artigo de David M. Kingsley, prof. de biologia do desenvolvimento da Stanford University e pesquisador do Ho-

ward Hughes Medical Institute) afirma categoricamente, em sua edição especial sobre a Evolução, o seguinte:

“A teoria de Darwin é simples e, ao mesmo tempo, arrebatadora. Ele propõe que todos os seres vivos na terra são descendentes de uma ou de algumas formas originais. Entretanto, Darwin não pretendeu descobrir como a vida havia surgido, mas defendia que, uma vez iniciada, os organismos começariam lentamente a mudar e a se diversificar por meio de um processo completamente natural: todos os seres vivos mudam e as diferenças são herdadas.”

Isso significa que Darwin nunca falou sobre a origem da vida das espécies, mas apenas sobre a maneira de como se multiplicam e como se diversificam as espécies.

A ciência explica a origem do universo pela sua expansão. Existia alguma coisa antes? Ninguém sabe e não sabemos se um dia o saberemos. Assim só podemos falar de evolução a partir do início da tal expansão. E aí temos o verdadeiro sentido da evolução: a multiplicação e a diversificação das espécies pela seleção natural e pela adaptação às mudanças ambientais. Como criar significa tirar algo do nada vê-se que a expansão não corresponde a esta definição.

A ciência não explica a causa, o porquê e como essa expansão começou. Desta forma parece acreditar na eternidade do universo sem poder provar a veracidade de tal asserção. Afirma-se que a ciência trabalha com evidências. Isso é verdade enquanto se trata de cálculos, eventos, mutações, elementos e fenômenos observáveis. Tudo isso é matéria, perceptível pelos nossos sentidos e compreensível pela nossa inteligência. A nossa indaga-

ção é: só existe isso no universo? Não há nada que escape aos nossos sentidos e à nossa inteligência? A nossa ciência é tão perfeita, tão completa que não existe mais nada para ser descoberto, estudado, corrigido e mudado? O que hoje nos parece absolutamente certo não poderá ser refutado amanhã? A história das ciências não nos mostra exatamente esta realidade? Não será que nós, pretensiosamente, estamos colocando a inteligência no lugar de Deus? Não seríamos, então, crentes em um “deus ex machina”, isto é, num deus forjado da matéria, do cérebro do “homo sapiens”? Não existe no universo, tal qual no ser humano, uma parte material, o corpo, e outro não material, que podemos chamar de espírito? Exatamente esta força, este poder não material, Deus, terá dado o impulso original para tudo começar.

O professor Ferdinand Röhr, da UFPE, com formação inicial em matemática, além de ser professor de Filosofia da Educação, é também especialista em medicina floral. Numa entrevista dada à Rádio Universitária, falou sobre a ação e a eficácia de tal medicina. Entre outras coisas, afirmou: “Todas as plantas têm uma vibração que, dependendo de certas circunstâncias (tempo, período da colheita etc.), correspondem às vibrações do nosso corpo. Essas vibrações atuam sobre as nossas emoções. O nosso engano é que pensamos que quem comanda em nós é a razão, quando na verdade quem comanda a nossa vida são as emoções”. A fé nada mais é que a emoção do nosso espírito à procura de Deus.

Onde termina o limite estreito de alcance da ciência, aí começa o horizonte infinito da fé. O cientista acre-

dita porque “entendeu”, o crente acredita porque “confia” em quem faz a revelação. Ambas se completam e se auxiliam mutuamente.

Deus não apenas criou algo do nada, como também deu a esse algo uma capacidade evolutiva inata. A evolução é parte integrante da criação. A criação nos oferece uma imagem dinâmica: Deus disse: “Que a terra produza seres vivos segundo sua espécie: animais domésticos, répteis e feras segundo sua espécie, e assim se fez”.

(Gênesis, 1, 24-25).

Qualquer pessoa, mesmo sem grandes conhecimentos de anatomia, biologia etc. poderá observar a perfeição incrível da constituição e do funcionamento do organismo humano, para apenas tomarmos um exemplo mais próximo a nós. Dizer que toda essa perfeição é resultado produzido pela simples multiplicação e ordenamento casual e aleatório das células, é muito mais inverossímil do que afirmar que uma Inteligência Superior fez com que isso pudesse acontecer.

Deus não só fez a obra da criação, mas também acompanha com amor e desvelo as suas criaturas. A crítica dos descrentes/ateus quanto à injustiça do sofrimento permitido por um Deus supostamente amoroso e paterno, não procede. Para contradizê-la podemos apresentar os seguintes argumentos:

1.- Se não podemos definir, compreender Deus, tão pouco podemos entender suas intenções. Compreender a razão da existência do sofrimento, possivelmente, será concedido a nós como um “conhecimento póstumo”.

2.- A história de Jó, descrita no Antigo Testamento, com seu simbolismo nos ensina que Deus não precisa das manifestações da nossa fé, nem das nossas orações. Quem precisa delas somos nós, pois acreditar só nas horas de felicidade é fácil. Não perder a fé nas contrariedades robustece a nossa confiança em Deus e atesta a nossa fidelidade a Ele. O sofrimento, contrariamente do que muitos pensam, não é um “passaporte” para o céu, mesmo porque a salvação é um dom gratuito de Deus, que ninguém pode merecer, mas é uma demonstração da autenticidade e da robustez de nossa escolha livre: ter fé, confiar em Deus.

O filósofo francês, Luc Ferry, defensor do Humanismo Secular, assim argumenta: *“O materialismo (selecionar e amar somente os momentos bons) é uma filosofia para o tempo bom, filosofia da felicidade. Mas quando a tempestade se levanta, ainda podemos segui-la? Não conheço nenhum sábio filósofo materialista que na iminência do desastre não se torne um vulgar humanista, sopesando a possibilidade de que o curso dos acontecimentos poderia depender de suas livres vontades.”*

3.- Consideremos o exemplo muito real a seguir: Um pai tem 3 filhos. Dois vivem, como se diz, na linha, o terceiro é um perdulário, constantemente endividado. O pai o ajuda, durante muito tempo, mas finalmente lhe diz: eu te ajudo pela última vez. Prefiro ensinar-te como administrar o teu dinheiro. O filho aborrecido pensa: meu pai não me ama mais. Mas depois reflete: se controlar o meu orçamento posso comprar uma casa, dar uma educação excelente aos meus filhos etc. Esse pai foi cruel, ou usou de pedagogia? Deus não odeia o pecador, e sim,

o pecado. Está sempre disposto a usar sua pedagogia para amparar seus filhos.

4.- O sofrimento não deixa de ser uma espécie de lembrete: a terra não é nossa morada definitiva. A morte não é um desastre, mas uma passagem para a eternidade. Um estado de espírito onde nunca mais haverá sofrimento.

Todos esses argumentos só têm sentido para quem tem fé. Para quem não acredita, isso tudo nada significa. Mais uma vez fica claro que razão e fé não se podem misturar, mas elas se complementam e dão o sentido pleno à nossa existência.

A conclusão à qual chegamos é que a evolução não exclui a possibilidade da criação e a criação não invalida a evolução, pelo contrário: faz parte do projeto que Deus tem para as suas criaturas.

Vamos ouvir a opinião de homens sábios, que contribuíram grandemente ao progresso das ciências, entretanto não negaram a existência e os cuidados de Deus para com as suas criaturas:

O filósofo norte-americano, Alvin Plantinga observa: “Se você deseja acusar os teístas de irracionalidade terá primeiro de apontar razões muito convincentes para supor que Deus não existe. E isso quer dizer que conversas sobre a irracionalidade da fé são, na verdade, tentativas de desviar o assunto: a questão é saber se a fé é verdadeira. Não acho que seja possível demonstrar que Deus existe, mas também não considero possível demonstrar o contrário. Na verdade, acho que os argumentos a favor da existência de Deus são consideravelmente melhores do que os argumentos contrários”.

O filósofo francês, Luc Ferry, adepto do humanismo secular, declara:

“O filósofo respeita os crentes, é claro. Ele não supõe necessariamente que eles estejam errados, que sua fé seja absurda, ainda menos que a inexistência de Deus seja certa. Como, verdade seja dita, se poderia provar que Deus não existe? Simplesmente não há fé, ponto final”.

O geneticista americano, Francis Collins, ex-coordenador do Projeto Genoma, um dos responsáveis pelo mapeamento do DNA, afirma:

“Nenhuma teoria da evolução seria suficiente para explicar a perfeição da natureza, do DNA ao universo atômico, das constelações aos microorganismos.”

“A criação é um projeto em direção à perfeição, constantemente reformulado e aperfeiçoado com base na lei da evolução”.

(Revista “Vida Simples, Janeiro de 2008 – p. 31)

Segundo Collins, Deus usaria a evolução para aperfeiçoar seu projeto.

O teólogo e cientista inglês, Arthur Peacocke, defende exaustivamente que “as leis da evolução servem aos propósitos divinos e nos ajudam a desenvolver uma gratidão ainda maior pelo próprio Deus, na medida em que as compreendemos. Por intermédio da evolução, Deus estaria sempre renovando o processo da criação. De fato, as descobertas da ciência moderna representam uma nova oportunidade para os cristãos repensarem sua fé”.

Max Planck (1858-1947), prêmio Nobel de Física em 1918, pela descoberta do “quantum” de energia: “O im-

pulso de nosso conhecimento exige que se relacione a ordem do universo com Deus”.

Antoine Henri Becquerel (1852-1908), Nobel de Física em 1903, descobridor da radioatividade, afirmou: “Foram minhas pesquisas que me levaram a Deus”.

Andrews Millikan (1868-1953), prêmio Nobel de Física, em 1923, pela descoberta da carga elétrica elementar: “A negação de Deus carece de toda base científica”.

Albert Einstein (1879-1955), Nobel de Física em 1921, pela descoberta do efeito foto-elétrico: “Quanto mais acredito na ciência, mais acredito em Deus”. “O universo é inexplicável sem Deus”.

Erwin Schorödinger (1887-1961), prêmio Nobel de Física em 1933, pelo descobrimento de novas fórmulas da energia atômica: “A obra mais eficaz, segundo a Mecânica Quântica, é a obra de Deus”.

Voltaire (1694-1778), racionalista e inimigo sagaz da fé católica, foi obrigado a dizer: “O mundo me perturba e não posso imaginar que este relógio funcione e não tenha tido relojoeiro”.

Edward Mitchell, astronauta da Apolo 14, um dos primeiros homens a pisar na Lua: “O Universo é a verdadeira revelação da divindade, uma prova da ordem universal da existência de uma inteligência acima de tudo o que podemos compreender”.

Podemos citar, ainda, como exemplos: Francis Collins, com seu livro “A linguagem de Deus” - Shimon Malin, Horus, com o livro “A natureza ama esconder-se” - Donald Miller, Thomas Nelson Brasil, com o livro “Como os pinguins me ajudaram a entender Deus” - An-

tônio Monda, com o livro “Deus e eu” – Alister McGrath e Joanna McGrath com o livro “O delírio de Dawkins” – Leonardo Boff com o livro “Vivenciando Deus” – Walter Isaacson, com o livro “Einstein”.

Para terminar, eu gostaria de dizer que, contrariamente ao que alguns pensam, embevecidos e deslumbrados pelos maravilhosos progressos da ciência, devem existir, nesta nossa galáxia e nas demais galáxias que nos circundam, ainda muito mais coisas para serem descobertas e conhecidas, do que possa supor a nossa vã filosofia.

Ladislao Gati



A discussão sobre o darwinismo tem várias vertentes e permeia todos os rincões do conhecimento. As abordagens científicas devem se valer das evidências porque se assim não fosse estaríamos violando o postulado da objetividade, único válido em ciência, e cairíamos, na melhor das hipóteses, no terreno das conjecturas. Como este não é o foco da discussão, deixaremos de lado as conjecturas e trataremos, mesmo que brevemente, de Charles Darwin, evolução e religião.

Charles Darwin tinha apenas 22 anos quando ganhou de presente um passeio de quase 5 anos ao redor do mundo. O que ele teria que fazer para isto? Apenas as refeições com o capitão em sua cabine. Parecia muito simples e a sábia recomendação do Professor Henslow veio ao encontro do desejo daquele jovem de se distanciar de sua circunstância sufocante. Esta viagem lhe daria tempo, nova experiência e quem sabe uma nova perspectiva para definir o rumo de sua vida. Como seu pai já havia anotado ele não servia para nada, pois não existia a profissão de colecionador de besouros, sua experiência em caça não era grande coisa e ele não via como poderia ser um médico como o seu pai ou seu avô. Restaria a possibilidade de tornar-se um pároco de uma cidade do interior uma vez que tinha concluído seus estudos de teologia. Mas a circunstância lhe abria uma janela e assim, em 27 de dezembro de 1831 ele embarca a bordo do navio de Sua Majestade (HMS), Beagle, sob o comando do capitão Robert FitzRoy, e sai porto de Plymouth.

O capitão era um homem austero, mas tinha apenas 26 anos. Apesar de sua pouca idade tinha sido o úni-

co a acertar todas as questões na prova do almirantado, era bem disciplinado e equipou o Beagle às suas próprias custas para ser também um navio de observação meteorológica, sua paixão.

A viagem transcorreu como esperado, mas os créditos centrados no Beagle não fazem justiça à prudência de Sua Majestade quanto ao seu programa de levantamento geográfico global. Dando apoio ao Beagle viajavam outros navios, estes com capitães experientes, garantindo uma circunstância favorável para a realização das tarefas e enfrentamento das ocorrências. O trânsito de navios ingleses por aquelas plagas era comum. Lembro-me do comentário de minha professorinha de História, nas poucas aulas que pude frequentar na minha juventude: “Tinha sempre um navio inglês no porto...”. ela se referia à abdicação de D. Pedro I que parece ter voltado para Portugal num navio inglês. Também foi assim que voltou para casa o verdadeiro naturalista do Beagle, Robert McCormic, o cirurgião de bordo que por tradição também fazia as vezes de naturalista, cedendo definitivamente o lugar a Charles Darwin.

Depois de sua viagem Darwin passou a trabalhar em muitos assuntos sendo prioritária a explicação da origem das espécies por meio da seleção natural. No desenrolar da história ele demora mais de 20 anos para se decidir, embora tenha, entre 1842 e 1844, escrito dois resumos destinados a publicação destas ideias. Foi somente em 1858, quando recebeu o manuscrito de Wallace, o naturalista inglês que trabalhava nas Filipinas, contendo a mesma ideia, embora sem a profusão de dados que a apoiassem, que ele decidiu mandar um dos resumos para

ser apresentado concomitantemente com o de Wallace numa reunião da Sociedade Lineana. Realmente, em 1º de julho de 1858, na Sociedade Lineana de Londres, um grupo de naturalistas ouviu a leitura dos textos de autoria do galês Alfred Russel Wallace e do inglês Charles Robert Darwin, nos quais se lançavam os princípios da teoria da origem das espécies por seleção natural.

Quando Darwin morreu em 1889 o mundo científico já não era o mesmo de 1831. Darwin tinha naturalizado a criação e entregado aos novos profissionais, os biólogos, que seriam os condutores e ordenadores do futuro da ciência.

Os acalorados debates da época atravessaram os anos, viraram aulas, filmes, estórias contadas em todos os lugares. Uns com o objetivo de apoiar, outros nem tanto. Mas uma coisa era certa a necessidade do criador tinha, definitivamente, sido descartada. Muitos ainda lutam contra, e em termos sociais são a maioria, mas poucos têm algum fundamento com relação às suas próprias ideias ou a evolução em si, teoria ou fato. Todas as evidências estão colocadas para quem quiser ver. Desde o registro fóssil aos procedimentos da física para a determinação das idades das rochas e dos espécimes coletados.

A ciência avançou o suficiente para tornar todos os problemas da natureza problemas científicos. O conhecimento é científico. Desse modo não vamos estranhar se no futuro descobriremos que não existe conhecimento fora da ciência, somente superstição.

Luiz Mauricio



Centenário de Francisco Montenegro

Acadêmico

Geraldo José Marques Pereira (Conferencista)

Ana Carla Montenegro

(Palavras de agradecimento)

Recife, 24 de março de 2010



Conheci Francisco Montenegro em casa, ai pela primeira metade da década de 50, quando o meu pai foi acometido por um episódio de Caxumba e a virose agrediu os testículos, desceu, no dizer da época. Chamou-se o Dr. Montenegro, porque sendo fisiologista era também clínico geral, conforme costume do tempo, tendo experiência com doenças infecciosas. E ele obteve êxito nessa empreitada, curando Nilo Pereira da orquite ou de coisa parecida que tivera. E o meu pai se orgulhava e até se gabava de ter tido uma filha depois do infausto acontecimento. Daí por diante, o médico da família passou a ser ele, o Dr. Francisco Montenegro.

A minha avó paterna, mulher de mais de 70 anos, costumava dizer, à sua presença: “Lá vem o Dr. São Francisco!”. E ele resolvia grande parte de suas questões e foi seu médico na enfermidade derradeira, quando adoeceu com um tumor intestinal e morreu, aos 82 anos de idade. Sendo assim, com esse convívio tão próximo e tão frequente, fui testemunha de gestos e mais gestos do médico que a todos parecia um santo. Gestos de bondade com o meu pai, por exemplo, nas horas difíceis de seus achaques e atitudes fraternas com a gente simples da cozinha, com as empregadas domésticas, todas ou quase todas tangidas do massapé pela monotonia da cana-de-açúcar.

Certa vez, aproximava-se o final do ano e Dr. Montenegro estava lá, num sábado qualquer, em visita de cortesia apenas. Entrou para lavar as mãos e viu um pintasilgo que eu tinha ganho de uma velha babá, lá de São Caetano. Ficou louco pelo bichinho – bichinho que morre

de tanto cantar –, elogiando-o seguidamente, o que fez o meu pai me chamar de parte e dizer: “Dê o passarinho de presente a Montenegro!”. Fiquei numa tristeza enorme, mas cumpri a determinação paterna e fiz o presente, para a felicidade e a alegria do homem. Nunca vi uma pessoa ficar tão satisfeita com uma lembrança assim, tão simples, tão insignificante. Era dele essa característica, a de se contentar com pouco, com o modesto, com o singelo.

Francisco Montenegro foi um homem feliz, posso concluir hoje, porque nascido em Olinda, a 12 de junho de 1909, cidade que o acolheu depois em seu Instituto Histórico e em sua Academia de Letras, foi morar em na Usina Nossa Senhora do Desterro, em Paudalho. Reptiu, de certa forma, Joaquim Nabuco, que tendo vindo ao mundo na rua da Imperatriz – rua do Aterro da Boa Vista à época –, foi criado até os 8 anos em casa de sua madrinha, em Massangana. Ele próprio – Montenegro – um admirador de Nabuco, de quem leu grande parte das obras. Admirador do Nabuco humanista, do homem inquieto com a mancha da escravidão. Feliz, devo continuar, porque viveu na coerência de sua cosmovisão, isto é, em comunhão com o Cristo e no exercício do sacerdócio médico, tendo formado uma família que hoje reúne filhos e netos numa união que admira a qualquer um.

Foi aluno do Colégio Nóbrega, como de resto o orador que tem a palavra neste momento, onde fez os chamados estudos preparatórios e seguiu para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, aquela mesma que Dom João VI fundou, inspirado pelo pernambucano Correia Picanço. Ali, na cidade grande, a Capital do Brasil de en-

tão, afinou-se com um gosto, que, francamente, eu desconhecia: o futebol. Alistou-se no Fluminense Futebol Clube e deu asas à talvez sua segunda paixão na vida, depois da medicina. Diz José Geraldo Távora, no livro *Presença Médica na Academia Pernambucana de Letras*, que o estudante de medicina quase não conclui o curso, tal o apego pelo clube e tal o afinco com que se dedicava à causa. Se não voltasse, comenta Távora, o Recife teria perdido um grande médico, mas, acrescento eu, a seleção brasileira passaria a contar com um aficionado de valia. Nunca vi Montenegro fazer qualquer alusão a futebol, sobretudo nunca o vi falar sobre o Náutico, o seu time local.

O nosso homenageado de hoje, quando aluno do Colégio Nóbrega, tornou-se discípulo fiel do indiano nascido em Goa, padre Antonio Paulo Ciriaco Fernandes, sacerdote polêmico, porque alinhado com os conservadores do tempo, mas que arrebatou muitos dos jovens pernambucanos. Dentre esses: Nilo Pereira, José Maria de Souza Delgado e Francisco Montenegro. A Congregação Mariana da Mocidade Acadêmica, que o padre Fernandes dirigia, foi um lugar de estudos e debates, tendo servido à formação dessa gente recifense, quando aprofundou a cultura humanística e serviu a um apuro intelectual sistemático nas questões da Teologia e nas passagens da Bíblia.

Francisco Montenegro formou-se em 1932 e regressou para se instalar com um consultório de fisiologia e exercer a clínica no antigo Instituto dos Ferroviários, depois absorvido pelo INAMPS e hoje integrado ao Siste-

ma Único de Saúde (SUS). É nesse Instituto que há uma ocorrência pitoresca, narrada por José Geraldo Távora. Um servente via diariamente o nosso homenageado chegar fora do horário, atrasado para o atendimento, embora não deixasse ninguém voltar sem a consulta. Foi queixar-se ao chefe, que o chamou. Daí por diante, Montenegro passou a se apresentar a seu Zacarias, com o irônico cumprimento: “Bom dia, seu Zacarias, estou chegando!”. E o homem suportou isso até aposentar-se.

A tuberculose sempre foi a sua especialidade de escolha, pelo que concorreu à cátedra escrevendo a tese Resistência à Tuberculose, defendida em tumultuado concurso com Moacir dos Anjos, profissional conceituado também, com boa clínica no Recife. Mas, o tempo era dessas concorrências ruidosas e outros concursos aconteceram com as mesmas características. Mas, Francisco Montenegro foi então entronizado como catedrático da Universidade do Recife e como professor também da Faculdade de Ciências Médicas. Fui seu aluno nessa disciplina, sem falar que no último ano do curso obtive uma bolsa de pesquisas, de iniciação à pesquisa. Trabalhei com Tuberculose e juntei o dinheiro da bolsa para comprar uma aliança de compromisso, um mimo de brilhantes, que ainda hoje a minha mulher usa.

Foi aí que vi o mestre em seu cenário, desenvolvendo a caridade em toda sua plenitude. Lembro de quando o meu colega de turma, Mozar Diniz, com o curioso apelido de Jia, adoeceu e precisou dos serviços do professor. O problema é que não tínhamos dinheiro para pagar a contribuição que se pedia então no Hospital Pedro II,

onde não funcionavam ainda a previdência urbana ou o antigo Funrural. Dissemos a ele e na mesma hora tirou do bolso o necessário e nós fomos fazer a radiografia. Esse comportamento era o cotidiano em Montenegro, o de pagar para os outros exames e até remédios. Tanto é que corria, a boca pequena, que Dona Dolores dava todos os dias Cr\$ 20,00 para o táxi e não era raro precisar complementar a contribuição com mais um tanto que lhe pagasse a corrida do retorno. Dizia-se também, a boca pequena, da mesma forma, que Dona Dolores era rica e por isso podia custear as caridades do marido. Não se era ou se não era!

Francisco Montenegro não foi apenas médico, foi, de igual forma, humanista, porque contando com uma sensibilidade impar, foi um bom prosador e escreveu alguns trabalhos no campo da literatura. Um desses, de real interesse, é aquele que trata de Manoel Bandeira, o poeta: *O Sofrimento na Vida e na Poesia de Manoel Bandeira*. É ali que o autor parece se esmerar em suas considerações literárias, pois que o poeta fora tuberculoso e tivera o padecer da hemoptise. Ora, um fisiologista com a sensibilidade de Montenegro não poderia aproveitar melhor do que ele fez essa duplicidade; a dor da dama de branco, como Bandeira chamava a tuberculose, e a criação poética. Criação, diga-se de logo, que o autor adianta resultar do ímpeto que a doença termina trazendo. E cita Virgílio: “E finalmente a dor abre saída à voz!”. É verdade, quando a injúria orgânica toma conta do ser, aparecem, como destacou Montenegro, qualidades que estavam obscurecidas na alma. Um abalo físico ou moral, diz o autor, é capaz de

trazer à consciência qualidades que tantas vezes ignoramos. O célebre poema do Pneumotórax aparece no livro, quando o poeta desesperado clama pelo procedimento: “Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax?”. E ouve perplexo a resposta: “Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.”

Francisco Montenegro era um homem dócil, terno, que tinha uma vocação indiscutível para a ciência de Hipócrates e a sensibilidade dos intelectuais para a escrita fina, leve, amorosa e dedicada. Um sol que brilhou na medicina pernambucana e uma lua que inspirou a literatura recifense. Em conversa com João Montenegro, seu filho mais novo, soube da satisfação com que o seu pai tratava a Academia Pernambucana de Letras e a felicidade que experimentou quando de sua eleição, onde, aliás, estão todos os seus livros, aguardando o rearranjo da biblioteca. Quando fui Vice-Reitor da Universidade Federal de Pernambuco, descobri que não havia homenagem alguma a meu padrinho de Crisma e dei o seu nome à passarela em frente ao Hospital das Clínicas. Dr. Montenegro teria tomado a providência da passarela, teria agido no sentido de neutralizar o número de mortes que havia ali, diante do HC. Mas hoje, a placa foi roubada e a família deseja afixar no alto da ponte o nome do patrono, razão para que apele ao Reitor de agora, no sentido de autorizar essa providência em tudo necessária à perpetuação de um nome.

Aqui, na Casa de Fernando Figueira, Francisco Montenegro ocupou a cadeira de número 24, cujo patrono é Antônio Austregésilo, seu professor e depois seu

amigo pessoal. Foi sucedido por Euclides Leite, de alguma forma seu discípulo na tisiologia, porquanto sanitarista e recentemente por Ronice Franco de Sá, Coordenadora do Núcleo de Saúde Pública, da Universidade Federal de Pernambuco (NUSP/UFPE). E essa manhã em que se assinala o centenário de Francisco Montenegro, médico e escritor pernambucano, se está exercitando a imortalidade acadêmica, na lembrança de seu nome e no recordar de seus gestos magnânicos.

Quando ele se encantou no infinito das coisas, a 23 de maio de 1974, os seus amigos e confrades se pronunciaram pelos jornais e foram tantas as manifestações que a família reuniu tudo em livro. Nilo Pereira, meu pai, escreveu: "...- seu ataúde passou entre alas de coroas incontáveis: mas o perfume que deixava vinha de sua alma.". Luiz Delgado, meu tio, escreveu: "...da diferença de nossos temperamentos - ele indo sempre à frente em questões de paciência, de tolerância, de bondade.". Disse Orlando Parahym, um outro pai para mim: "Especializou-se numa doença de pobres, de indigentes, de desgraçados, de herdeiros de Jó.". E Mauro Mota, vizinho, amigo e confrade, publicou em sua coluna Agenda: "O professor estava além das contingências humanas. Era um operário de Deus.".

E mais recentemente Marly Mota:

Há distâncias intransponíveis, mas aqui estou de volta à Rua Amélia, onde fomos vizinhos do casal Dolores e Francisco Montenegro, o conhecido São Francisco, sempre presente ajudando ao próximo e a nos socorrer nas emergências médicas.

Gostaria de agradecer em nome da minha família a homenagem prestada ao meu avô Francisco Montenegro, e compartilhar com todos, o meu sentimento de profunda responsabilidade em realizar este ato, que não se restringe apenas a este momento, mas é um legado que se fez ao longo de toda a minha vida e principalmente após a escolha da minha profissão médica. Infelizmente não pude conhecer meu avô pessoalmente, mas de alguma forma é como se o tivesse conhecido. Cresci ouvindo a admiração da minha família com relação ao ser humano que ele representou em sua plenitude, sempre que se referiam a ele, algum ato admirável era relatado. Acreditava que realmente se tratava de um indivíduo único e que sempre estaria vivo na memória da minha família, entretanto quando escolhi a carreira médica tive a oportunidade de conhecer pessoas que o conheceram e não faziam parte do meu núcleo familiar. Acreditem consegui conhecer meu avô cada vez mais profundamente. O comportamento padronizado de elogios repetidos e sempre emocionados quando descobriam que eu era sua neta, vinham sempre seguidos de relatos de condutas que exaltavam o verdadeiro sentido do ser médico. Bom senhores, acreditem que a partir de então eu pude dimensionar o fato de ser sua neta e ter escolhido sua profissão como minha profissão. Espero tê-lo sempre vivo nas minhas ações e nunca esquecer do sobrenome que tenho.

Obrigada.

Nota: Ana Carla Montenegro é neta do Prof. Francisco Montenegro

História da Cardiologia Pernambucana

Cláudio Renato Pina

Recife, 21 de agosto de 2010



O estudo das cardiopatias, até as primeiras décadas do século XX, estava incluído na Clínica Médica; e aqueles que se dedicavam às doenças de uma forma geral, incluíam as vias urinárias, as vias respiratórias, o curativo de febres, a sífilis, as moléstias de crianças e de senhoras, os partos, coração, intestinos, fígado e rins, todas tratadas por um mesmo profissional. Aqui em nosso Estado, durante muito tempo, os médicos se apresentavam como “operador e parteiro”, “oculista”, “alienista”, especialista em “medicina interna”, em “doenças de senhoras”, em “doenças nervosas e mentais”, por exemplo, títulos hoje inteiramente em desuso, e atendiam seus clientes nos consultórios localizados principalmente no bairro de Santo Antônio, no Recife, ou através de chamados por escrito entregues em sua residência “a qualquer hora do dia ou da noite”. A Cardiologia, como a conhecemos hoje, não existia como especialidade isolada. Com pequenas variações de data, isto foi uma tendência que se verificou em todo o mundo, e não só em Pernambuco.

Isto se devia ao fato dos médicos contarem como armas apenas os exames físicos semiológicos, bem como não existirem drogas eficazes para o tratamento das cardiopatias ou da hipertensão. Utilizavam o digital, mesmo assim com altas doses de ataque que logo intoxicavam ou matavam o paciente. O eletrocardiograma estava em desenvolvimento e era de difícil interpretação. Os tensiômetros eram rudimentares e a explicação sobre os ruídos vasculares que produzia não era clara; a própria cifra dos valores normais da tensão arterial não estava estabelecida. Chegou-se a se criar o termo “hipertensão

essencial” para designar a do adulto idoso: “essencial para manter os parâmetros vitais”. Os exames radiológicos também estavam se iniciando; mas, em 1925, os Drs. Avelino Cardoso e Fernando Simões Barbosa, anunciavam que realizavam exames dos pulmões, coração e aorta, em seu Gabinete de Raios X e Terapia Profunda, através do processo ortodiagnóstico, gabinete este localizado na Avenida Rio Branco, no Recife.

Desta maneira, não é de se estranhar que alguns médicos tenham apresentado tese de doutoramento sobre um tema cardiológico quando da colação de grau, e não tenham se dedicado a este ramo da Medicina. É o caso de Octávio de Freitas, que defendeu a tese intitulada “Estudo gráfico do pulso”, em 1892, no Rio de Janeiro, mas que atuou no Recife com um laboratório de análise, além da microbiologia e do tratamento da tuberculose.

O primeiro trabalho realizado no Recife que versava sobre um tema ligado à Cardiologia foi apresentado pelo conhecido cirurgião Frederico Cúrio no 1º Congresso Médico de Pernambuco, realizado em abril de 1909, sob o título “Considerações sobre os ferimentos do coração”, no qual ele descreveu o caso de um preso da Casa de Detenção do Recife que, após ser agredido por um companheiro e atingido com uma facada no tórax, conseguiu caminhar alguns metros, antes de cair morto; a necropsia mostrou lesão no ventrículo direito.

Quando do 2º Congresso Médico de Pernambuco, realizado em 1916, apenas um trabalho na área cárdiovascular foi apresentado pelo Dr. João Marques: “Diagnóstico dos aneurismas da aorta”. Era uma época que

davam-se muito valor às aortites. Nem um outro trabalho foi registrado até 1924, quando o mesmo Dr. João Marques, durante a 2ª Semana Médica de Pernambuco, apresentou “Relações das profissões com as ectasias e afecções cardíacas” provavelmente o primeiro tema em Pernambuco abordando uma cardiologia voltada para o social.

Podemos dizer, com certeza, que o início do interesse dos profissionais pernambucanos pela Cardiologia teve início a partir de 1930, embora ainda não existissem aqueles que se dedicassem inteiramente a esta especialidade. O médico Luciano de Oliveira foi, provavelmente, o primeiro a se interessar pelo tema. Sua tese de doutoramento pela Faculdade de Medicina do Recife, defendida poucos dias antes de colar grau, versou sobre “Tensão superficial em obstetrícia”. Nos seus primeiros anos de atuação como clínico geral na capital, ele realizou e publicou em revistas especializadas os primeiros trabalhos em Pernambuco sobre patologias relacionadas com o coração. A tese que apresentou em dezembro de 1936, quando se submeteu ao concurso para catedrático de Clínica Propedêutica Médica, e no qual foi classificado em 2º lugar, intitulou-se “A onda T e o intervalo RS-T em semiologia”, a primeira em Pernambuco que tratou de um tema eletrocardiográfico. Luciano de Oliveira foi um dos fundadores da Faculdade de Ciências Médicas de Pernambuco e o primeiro em nosso Estado a assumir a Cadeira de Cardiologia. Também foi o primeiro médico a manipular um eletrocardiógrafo no Recife, que foi trazido pelo professor Fernando Simões Barbosa e insta-

lado em uma das salas do Hospital do Centenário, onde funcionava a 1ª Cadeira de Clínica Propedêutica Médica da Faculdade de Medicina do Recife, da qual este último era o catedrático. Era um aparelho bastante rudimentar em relação ao de hoje, de inscrição fotográfica, necessitando revelação em câmara escura e muito sensível aos artefatos externos. Foi sobre este citado aparelho que o Dr. Simões Barbosa comunicou ao diretor da Faculdade em 1º de agosto de 1934 que após mais de três anos “de sucessivas experiências no sentido de fazer funcionar o eletrocardiógrafo de Heilige na Clínica Propedêutica Médica” da faculdade no Hospital do Centenário, optara em sugerir a providência de por à disposição da firma Lutz Ferrando o mencionado aparelho; e pedia que fosse encomendado um eletrocardiógrafo Siemens à Casa Lohner, no Rio de Janeiro.

É ainda digno de nota que o Dr. Luciano de Oliveira publicou em 1933 nos Arquivos do Hospital do Centenário o trabalho intitulado “Malformações congênitas do coração”; em 1935 na Revista Médica de Pernambuco um outro sob o título “Arritmias extrasistólicas na prática médica”, e fez uma comunicação na Reunião Anual da Sociedade de Medicina de Pernambuco sobre “Bloqueio completo do feixe de His”, os primeiros com utilização do eletrocardiograma em nosso meio.

Anteriormente, em 1931, na 1ª Reunião Anual da Sociedade de Medicina de Pernambuco, o Dr. Aguiinaldo Lins apresentou o trabalho “Mensuração geométrica do diâmetro da aorta” (utilizando os raios x); o obstetra Martiniano Fernandes, o trabalho “Insufici-

ência aguda do coração no 8º mês de gravidez e esvaziamento a Delmas”; e o Dr. Geraldo de Andrade, “Cardiopatologia e trabalho industrial; considerações em torno de uma provável influência do ambiente de nossas fábricas de cigarro sobre o tônus, a forma e o volume do coração”, no qual expôs sobre “umas certas modificações da sombra cardíaca, especialmente para o lado do ventrículo esquerdo” em cigareiras antigas de 20 a 25 anos de idade.

O mesmo Dr. Luciano de Oliveira registra que, entre nós, o Dr. Luiz Ignácio foi quem iniciou, por volta de 1935, a prática dos eletrocardiogramas antes e após esforço, no sentido de orientar cientificamente a educação física dos estudantes do Recife.

Neste mesmo período, em 1937, outro médico, o Dr. Milton de Aquino, era o responsável pela Secção de Eletrocardiografia do Instituto de Fisioterapia Duarte Coelho, cujo diretor era o Dr. Geraldo de Andrade, e que funcionava em um prédio à direita de quem entrava pelo então portão principal do Real Hospital Português de Beneficência em Pernambuco, na Avenida Portugal. De acordo com a propaganda publicada no Anuário do Nordeste, era um estabelecimento luxuosamente montado, dispondo da mais moderna aparelhagem e, nele, os portadores de hipertensão arterial sistêmica podiam se submeter aos banhos garbo-gasosos para reduzir as cifras tensionais. Milton de Aquino também foi um dos pioneiros na área do coração no Recife, dedicando-se às doenças internas, coração, vasos e rins, em seu consultório na Rua Nova, no Recife, apresentando-se em seu

bloco de receituário, já em 1938, que atuava na área da eletrocardiografia.

Outros profissionais como Avelino Cardoso, Luiz Gonzaga de Miranda Freire, Raymundo de Barros Coelho e Geraldo de Andrade defenderam teses na Faculdade de Medicina do Recife entre 1932 e 1936 sobre temas relacionados à cardiologia. Um dos trabalhos mais conhecidos do Dr. Geraldo de Andrade era sobre o “pulsus incongruens”, achado este que ele descrevia como um novo dado semiológico, mas que, na verdade, tratava-se das variações do pulso arterial na fibrilação atrial. Ele fez em 09 de agosto de 1940 uma conferência sobre “Estudo de um tipo esfingmico presumivelmente novo – o pulsus incongruens”.

Difícil para nós imaginarmos como se tratavam as doenças do coração naquela época. O arsenal terapêutico era escasso. O eletrocardiograma era uma novidade e não era utilizado para diagnosticar a fase aguda do enfarte do miocárdio (considerado durante muitos anos como doença de rico). O único hospital de urgência era o Pronto Socorro do Recife, localizado na Rua Fernandes Vieira. O tratamento das diversas patologias se verificava na própria residência do enfermo, incluindo-se aí as lesões isquêmicas agudas, já que a maioria das famílias entendia que um internamento em uma unidade de saúde significava o abandono do doente.

Em 28 de abril de 1935, no Pronto Socorro do Recife, o urologista Alberto Campos, que ali se encontrava de plantão, suturou pela primeira vez em Pernambuco um coração; auxiliado pelo Dr. Rômulo Lapa, ele levou para

o bloco cirúrgico um conhecido desordeiro e gatuno da capital, com 35 anos de idade, atingido no tórax por uma arma branca no bairro de Santo Antônio, com lesão na parede livre do ventrículo direito. O ato operatório ocorreu com rara felicidade, conforme publicaram os jornais da época, mas o paciente faleceu 76 horas depois devido à septicemia e à pericardite purulenta, já que não havia antibióticos no Recife. O caso foi publicado pelo quintanista Edésio Barreto na Revista Acadêmica de Medicina, sob o título “Dos ferimentos do coração”, primeiro trabalho na área de cirurgia cardíaca em Pernambuco.

O quarto caso e o primeiro com sucesso de uma correção cirúrgica de uma lesão do coração ocorreu ao final de abril de 1946: o traumatologista Ruy Neves Baptista, plantonista do Hospital do Pronto Socorro, auxiliado pelo doutorando Bueno Vieira de Melo, suturou a parede do ventrículo direito de um homem também agredido por um punhal. O pós-operatório foi conduzido pelos Drs. Bruno Maia e Fernando Moraes, e o paciente recebeu alta curado. Sob o título “Um caso de ferimento do coração e cura”, foi apresentado no Centro de Estudos do Serviço de Pronto Socorro a descrição do tratamento desta lesão.

No início da década de 40 retornam a Pernambuco os Drs. Ovídio Montenegro e Newton de Souza após estágio de São Paulo e tornam-se os primeiros a se dedicar inteiramente a Cardiologia. Ambos haviam colado grau na Faculdade de Medicina do Recife, aquele em 1942 e este em 1940, e abriram consultório juntos no centro do Recife (inicialmente no edifício São Marcos e, depois, no

edifício Santo Albino). Integrantes do grupo que fundou a Sociedade Brasileira de Cardiologia, a estes dois deve-se o começo do desenvolvimento da especialidade, tanto na melhor qualidade do tratamento aos doentes, como no ensino, já que ambos tornaram-se professores da nossa faculdade. Ovídio Montenegro possuía uma das maiores bibliotecas particulares de Cardiologia do Brasil e não fechava suas portas a quem o procurava. No dizer de alguns de seus alunos, “nunca teve medo de criar cobras”. Sem exagero, podemos dizer que as gerações de cardiologistas que começaram sua especialidade no Recife até 1990 devem sua formação a estes dois, de uma forma direta ou indireta. Foram responsáveis pela inauguração do primeiro pronto socorro cardiológico de Pernambuco, o Procárdio, em 1969.

No entanto, na década de 40 o tratamento das doenças do coração era primitivo quando comparamos com os de hoje. A recuperação da fase aguda do enfarte, por exemplo, como já dissemos, era realizado na própria residência, sem assistência médica permanente, com o paciente em completo repouso, não podendo sequer movimentar os braços ou as pernas durante um mês. Usava-se a ouabaine, bismuto e beladona para tratar as arritmias. Os diuréticos e os anti-hipertensivos começavam a surgir. Os eletrocardiogramas eram ainda realizados pelo processo fotográfico. Devido a grande clientela que possuíam não só no Recife mas no nordeste, Ovídio Montenegro e Newton de Souza utilizaram durante algum tempos, como assistentes, a partir de 1953, os Drs. Rostand Paraíso e Fernando Ro-

cha para auxiliá-los na obtenção dos traçados eletrocardiográficos e para acompanhamento dos pacientes em residência.

Graças ao trabalho daqueles dois pioneiros citados, teve, também, início, em nosso Estado a cirurgia cardíaca. Em 15 de dezembro de 1948 o Dr. Joaquim Cavalcanti realizou a primeira tentativa de fechamento de um canal arterial em Pernambuco, em um paciente dos Drs. Ovídio Montenegro e Antônio Figueira. Infelizmente, provavelmente por falta de instrumental adequado, o canal rompeu durante o ato e o paciente faleceu.

De grande importância para o desenvolvimento da Cardiologia em nosso Estado foi a fundação no Hospital do Centenário da Sociedade de Cardiologia de Pernambuco no dia 20 de agosto de 1946, tendo como seu primeiro presidente o Dr. Fernando Ribeiro de Moraes, entidade esta que passou a ser denominada como Sociedade Pernambucana de Cardiologia a partir de 1965, e que tem hoje sede na Rua das Pernambucanas. É a segunda mais antiga do país.

Com profissionais voltados exclusivamente para as doenças do coração foi possível a realização no Recife da VI Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Cardiologia, entre os dias 05 e 09 de julho de 1949, tendo como presidente o Dr. Arnaldo Marques. Neste congresso o Dr. Fernando Moraes comunicou que vinha realizando o cateterismo cardíaco no Recife com apreciáveis resultados, medindo as pressões intracavitárias e tomando eletrocardiogramas intraventriculares pela introdução de um eletrodo. Era uma época que podemos dizer he-

róica, pois os ventriculogramas eram realizados através da punção do ictus cordis.

Naquele período, de acordo com trabalho publicado nos Arquivos de Medicina e Cirurgia de Pernambuco, o Dr. Abimael Rodrigues da Cruz publicou um artigo intitulado “Cirurgia do coração e grandes vasos”, no qual refere que o Dr. Rosaldo Cavalcanti, ginecologista que atuava no Recife, fizera algumas tentativas de anastomose aorto-pulmonar experimentalmente em cães, no Sanatório do Sancho.

Novos estudos prosseguiram e alguns médicos se voltaram para a cardiopatia chagásica, principalmente Durval Lucena e Aristides de Paula Gomes. E em julho de 1947, durante o 3º Congresso Acadêmico Interestadual, Alcides Ferreira Lima e Vanildo Pessoa relataram o primeiro caso documentado em nosso Estado de bloqueio átrio ventricular com Síndrome de Stoke Adams em paciente portador de Doença de Chagas. Em 1950 o dr Raymundo de Barros Coelho encontra pela primeira vez em Pernambuco as formas de leishmania do *Trypanosoma cruzi* em fibras cardíacas em um cadáver procedente de São José do Egito. No ano seguinte o Dr. Aristides de Paula Gomes apresentou seus primeiros três casos de cardiopatia chagásica. Em 1952 Gonçalo de Melo, Ernani Granville Costa, Pinto Ferreira, Barros Coelho e Beltrão Neto publicaram o primeiro caso de miocardite confirmado pelo exame histopatológico.

O início da abordagem do coração sem circulação extra-corpórea para correção da estenose mitral, de acordo com o que foi publicado no relatório da Cadeira de

Técnica Operatória e Cirurgia Experimental, cujo catedrático era Eduardo Wanderley Filho, ocorreu neste serviço no dia 05 de dezembro de 1952; a paciente que se submeteu à comissurólise mitral, como era chamada, tinha 46 anos de idade e a via utilizada foi a antero-lateral. E o titular desta disciplina comunicou em 1955 que ali já havia realizado, até o mês de setembro, 35 comissurotomias mitraes, cirurgias estas praticadas pelos Drs. Salomão Kelner e Hindenburg Lemos. Dois anos antes o Dr. José Adolfo de Basto Lima relatou nos congressos realizados em Belo Horizonte e em Garanhuns sua experiência com anestesia neste tipo de cirurgia.

Marco importante para a história da Cardiologia em Pernambuco foi a criação em 1954 do Centro de Pesquisas Cardiológicas anexo à 1ª cadeira de Clínica Médica da Faculdade de Medicina da Universidade do Recife, cujo catedrático era Fernando Simões Barbosa, transformado, em 18 de agosto de 1955 no Instituto de Cardiologia, inaugurado no dia 21 de julho de 1956. Este serviço, que funcionava no 2º andar do Hospital Pedro II, foi o responsável pela formação de novos profissionais e pela pesquisa de várias doenças, entre elas a hipertensão arterial pulmonar e a cardiopatia reumática. Graças ao seu corpo clínico e aos trabalhos ali realizados, a cardiologia pernambucana se destacou nacionalmente. Com o falecimento do Dr. Fernando Simões Barbosa, assumiu a direção do Instituto o Dr. Luiz Tavares da Silva, transformando o caráter predominantemente clínico da entidade em cirúrgico. Diversos médicos foram enviados para o México, Estados Unidos e Inglaterra, para aperfeiçoar-

mento. Neste serviço do Hospital Pedro II foi realizada a primeira cirurgia cardíaca com circulação extracorpórea em Pernambuco em abril de 1960, pelos Drs. Luiz Tavares e Mauro Arruda, poucos anos após este procedimento ter início nos Estados Unidos, graças ao dinamismo e à determinação do seu diretor. Depois de funcionar durante vários anos, o Instituto de Cardiologia, bem como os outros ligados à universidade, foi extinto pela burocracia federal.

Outra iniciativa importante foi a criação do Centro de Patologia Torácica do Hospital Osvaldo Cruz, obra do professor Joaquim Cavalcanti, cuja pedra fundamental foi lançada em 12 de abril de 1955. Além das cirurgias pulmonares, principalmente aquelas relacionadas com a tuberculose, foram realizadas cirurgias cardíacas chefiadas por este médico.

O Recife voltou a sediar um novo Congresso da Sociedade Brasileira de Cardiologia em 1956, tendo como presidente o Dr. Fernando Simões Barbosa, e em 1966, presidido pelo Dr. Paulo Borba, que, como clínico geral, publicou o primeiro caso em Pernambuco de cardiopatia do Lupo eritematoso; na ocasião ele era o médico pernambucano mais ligado à Sociedade Brasileira de Cardiologia. Curioso é que nem um dos presidentes dos três primeiros congressos dedicava-se exclusivamente à cardiologia.

De volta de um estágio no Hospital Deborah, na Califórnia, por volta de 1965, o Dr. Fernando da Rocha Carvalho conseguiu do Dr. Luiz Tavares da Silva, então diretor do Instituto de Cardiologia, a compra de um apa-

relho DR-8, de inscrição fotográfica. E começou a realizar os estudos fonomecanocardiográficos, não se limitando simplesmente a descrever os ruídos, mas, através deles, diagnosticar, estimar a gravidade das lesões, e estabelecer os parâmetros hemodinâmicos de forma incruenta. Por volta de 1975 ele passou, também, a atuar no Hospital Osvaldo Cruz, em um aparelho de Elema-Schonander, de inscrição direta por meio de galvanômetros de tinta, desenvolvendo o Setor de Métodos Gráficos deste hospital, aparelho este que funcionou conosco até pouco antes do ano dois mil, quando fomos obrigados a abandoná-lo por falta de peças de reposição. Além de publicar o livro “Fonomecanocardiografia Clínica”, o Dr. Fernando Rocha foi um dos grandes responsáveis pelo interesse de alunos pela Cardiologia, dirigindo um curso gratuito que funcionava no 2º andar do Hospital Pedro II, no antigo Instituto de Cardiologia.

Atuando no Instituto de Medicina Infantil de Pernambuco, IMIP, a Dra. Fernanda Wanderley foi a primeira profissional e única durante várias décadas a se dedicar a cardiologia pediátrica, especialidade esta que teve grande desenvolvimento na última década do século XX.

Ao final dos anos 60 surgiram os primeiros hospitais particulares de cardiologia: o Procárdio, na Rua Epaminondas de Melo, tendo à frente Ovídio Montenegro, Newton de Souza, José Costa Rocha, Norma Palmeira e outros, e o Prontocor, na Rua das Creoulas, com a equipe formada por Rostand Paraíso, Gilvan Tompson, Euler Mesquita, José Henrique Mota, Fernando Rocha,

entre outros, ambas unidades fundadas em 1969. Sete anos após surgia o Unicordis, na Avenida Rosa e Silva, grupo liderado por Ênio Cantarelli, Luiz Fernando Salazar, Fernando Vianna, entre outros. Curioso é que as três unidades tiveram seu início em antigas residências que foram adaptadas para funcionar como hospitais. Hoje, o Prontocor foi anexado ao Memorial São José; a equipe do Procárdio atua no Hospital Português; e o Unicordis tem o seu hospital próprio na Avenida Agamenon Magalhães, fundado no ano 2000.

Em 1968 os Drs. Carlos Moraes, Ivan Cavalcanti, Mauro Arruda e Edgar Victor criaram o Instituto de Doenças do Tórax, que funcionou inicialmente no Hospital Barão de Lucena, e que representou um grande avanço para a cirurgia cardíaca em Pernambuco, serviço este que foi, posteriormente, transferido para o Hospital Português, onde se localiza até hoje, conhecido nacionalmente e internacionalmente. Ainda no Hospital Barão de Lucena, o Dr. Mauro Arruda realizou o implante das primeiras próteses biológicas em portadores de lesões valvulares em 05 de maio de 1970.

No início da década de 70, graças a iniciativa de um grupo de médicos e professores, foi idealizado o Serviço de Cardiologia do Hospital Osvaldo Cruz, vinculado à Faculdade de Ciências Médicas de Pernambuco. Em conjunto com o INAMPS, então dirigido pelo cardiologista Alcedo Gomes, a faculdade, cujo diretor era Antônio Figueira, e a cadeira de Cirurgia Torácica, que tinha como titular Luiz Tavares, criou-se um pólo de assistência cardiológica que incluía cirurgia cardíaca, destinado

ao atendimento dos previdenciários e não contribuintes. O convênio foi assinado em agosto de 1972, e logo o ambulatório de Cardiologia do INAMPS foi transferido para as dependências do Hospital Osvaldo Cruz. A enfermaria Joaquim Cavalcanti passou a internar exclusivamente os portadores de doenças do coração. Entrou em funcionamento neste mesmo hospital a primeira emergência cardiológica e a primeira unidade coronariana em um serviço público em Pernambuco, e a partir daí pode-se verificar o grande número de cardiopatias, principalmente as isquêmicas na população mais pobre. O serviço tinha a liderança do Dr. Ovídio Montenegro na parte clínica, do Dr. Luiz Tavares da Silva na parte cirúrgica, e do Dr. Genival Japiassu no estudo hemodinâmico; logo esta unidade passou a servir como referência em todo o nordeste. Ali teve início a primeira residência em cardiologia em nosso Estado, no ano de 1975 e vários trabalhos científicos foram ali produzidos e apresentados em congressos ou publicados em revistas especializadas. Com a abertura do serviço pode-se verificar a grande incidência de cardiopatias isquêmicas na população mais pobre da cidade.

Digno de nota é que o Dr. Paulo Borba, chefe do Departamento de Medicina Clínica da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco, em 1973, promoveu uma reforma no currículo médico, criando a Disciplina de Cardiologia, que entrou em funcionamento no ano seguinte.

Em 09 de março de 1973 foi realizada pela equipe dos cirurgiões Mauro Arruda, Carlos Moraes e do

anestesista Ricardo Bowman, no Hospital das Clínicas Pedro II, Recife, a primeira cirurgia de ponte de safena em um paciente coronariano em Pernambuco, cirurgia esta que tivera início nos Estados Unidos da América oito anos antes, e que só era realizado no Brasil em São Paulo.

No ano seguinte, a equipe do Dr. Carlos Moraes realizava a implantação de uma prótese de dura-máter em pacientes portadores de lesões oro-valvulares, no Hospital Português. O próprio Carlos Moraes, tendo em vista a aposentadoria do Dr. Luiz Tavares, assumiu em 1980, após concurso, a Cadeira de Cirurgia Torácica do Centro de Ciências da Saúde da UFPE; e o Dr. Edgar Victor, em 17 de julho de 1986, a Cadeira de Cardiologia, recém-criada na mesma instituição. Curioso é que ambos apresentaram teses sobre uma mesma doença: aquele, sobre “Cirurgia da Endomiocardiofibrose”; este, em 1985 sobre “Endomiocardiofibrose. Correlação ecoangiográfica”.

Além destas teses apresentadas na Faculdade de Medicina da UFPE, registre-se aqui, entre outras, as de autoria de Granville Costa: uma intitulada “Considerações sobre o Vetocardiograma da cardiopatia chagásica crônica”, durante o concurso para cátedra da 1ª Clínica Médica, em 1960; e outra, intitulada “Estudo eletrocardiográfico da tuberculose pulmonar crônica”, durante o concurso para cátedra de Clínica Propedêutica Médica, realizado em 1966.

Na Faculdade de Ciências Médicas o Dr. Ricardo Lima, após concurso, assumiu a Cadeira de Cirurgia Torácica, atuando no Procape.

Em 22 de agosto de 1991 no Instituto do Coração de Pernambuco, fundado em 1986 no Hospital Português, no Recife, realizou-se pela primeira vez em Pernambuco um transplante de coração pela equipe do Dr. Carlos Moraes, mais uma vez projetando o Recife no cenário mundial.

Por volta de 1976 o Recife recebeu os primeiros ecocardiógrafos, aparelhos ainda muito rudimentares, mas que foram capazes de revolucionar o diagnóstico e o acompanhamento dos pacientes. Hoje, todas as unidades cardiológicas do Recife e a grande maioria do interior do Estado possuem este importante equipamento e alguns serviços, como o Procape, realiza cursos de formação de novos especialistas

Com o desenvolvimento da área cardiológica em nosso Estado, o Recife e Olinda receberam, 14 anos após sediar o 22º Congresso, em 1980, o 36º Congresso da Sociedade Brasileira de Cardiologia, tendo à frente o Dr. Ênio Lustosa Cantarelli, que logo a seguir assumiu a presidência da entidade nacional, sendo o mais jovem a ocupar este cargo, e que foi o responsável pelo grande impulso dado na atividade científica. Outro congresso ocorreu em 1992, tendo como presidente Éfrem Maranhão, e mais um, o de número 61, em 2006, concomitante com o 22º Congresso Sul-Americano de Cardiologia.

Sob a coordenação dos professores Nagib Assi e Wilson Oliveira Junior, realizou-se em 1985 o 1º Curso de Especialização em Cardiologia, aprovado logo em seguida pelo Conselho Estadual de Educação, e que, em suas diversas edições já preparou mais de cem médicos de todo o nordeste.

Em agosto de 1987 a Sociedade Pernambucana de Cardiologia, então sob a presidência do Dr. Sérgio Montenegro, realizou o I Congresso Pernambucano de Cardiologia no Centro de Convenções de Pernambuco, em Olinda, hoje em sua 20ª edição, sempre com elevado nível científico.

Acompanhando a evolução tecnológica e o desenvolvimento da Cardiologia, surgiram nos últimos anos serviços especializados em todo o Estado. Novos e modernos equipamentos foram adquiridos e transformaram o Recife num dos principais pólos de referência do Brasil. A cirurgia cardíaca em Pernambuco evoluiu e expandiu-se, formando novos profissionais. Unidades de emergência e para cateterismo cardíaco e estudo hemodinâmico existem na maioria dos serviços públicos e privados. Vários hospitais do Grande Recife realizam procedimentos cirúrgicos cárdio-vasculares, bem como Caruaru e Petrolina.

Digno de registro é a inauguração no ano de 2006 do Pronto Socorro de Cardiologia de Pernambuco Luiz Tavares da Silva, órgão da Universidade de Pernambuco, construído graças à grande dedicação e empenho do Dr. Enio Cantarelli, hospital este voltado para o tratamento e acompanhamento dos pacientes do Sistema Único de Saúde, além de garantir grande participação no ensino da especialidade.

Este é um roteiro resumido da evolução da Cardiologia em nosso Estado. Certamente muitos nomes de entidades e de profissionais não foram aqui citados, não intencionalmente, mas por termos um tempo reduzido

para falarmos para falar sobre a nossa história. Conhecendo o passado e atuando no presente, a Sociedade Pernambucana de Cardiologia e os cardiologistas pernambucanos planejam o futuro com o intuito de proporcionar cada vez mais um melhor tratamento para seus pacientes.

Apresentado no XX Congresso Pernambucano de Cardiologia, Recife, 21 de agosto de 2010



**A História de um Obstinado
Pesquisador: Andreas Vesalius**

Acadêmico

José Weydson Carvalho de B. Leal

Recife, 14 de outubro de 2010



A ginecologia é bastante nova se relacionada com a própria medicina, que saiu do período das superstições relacionadas ao folclore pré-existente, onde o homem acreditava que fatos como a morte, as doenças e os acidentes fossem decorrentes de forças mágicas, sobressaindo demônios, espíritos e deuses. Os homens primitivos consideravam os fatos naturais como sendo sobrenaturais, tais como os raios e os trovões causados por espíritos diabólicos. Daí em diante muitos séculos, entremeados com muitas crendices, assumiram posições de destaque até alcançar a medicina pré-histórica, quando o homem apareceu sobre a terra mediante um processo evolutivo.

Até o florescer dos anos que iniciam o século XVIII, era utopia e até por assim dizer, absolutamente desumano estudar a cavidade vaginal. Era inexequível observar e palpar a estrutura do colo uterino ou mesmo a própria vulva, pois os grilhões das inúmeras crenças religiosas impossibilitavam qualquer manobra naquele sentido, da mesma forma como examinar os seios femininos, até mesmo nos ambientes correlatos onde as consultas eram feitas nas próprias residências.

Foi necessário aparecer aos olhos do mundo, a figura de um médico, em 1514, distante de todos que a história os consagrou, um famoso esculápio que fez da anatomia humana o instrumento da emancipação da vida tirando-a desse modo de um torpor secular. Vejamos a história desse homem que marcou a medicina pela firmeza, pela determinação do saber e pela teimosia persistente de mais querer aprender ou de mais querer ensinar. Esse homem chamava-se Andreas Vesalius.

Depois de seus brilhantes e inacreditáveis conhecimentos de anatomia, a ginecologia teve um estupendo impulso e conseqüentemente um desabrochar triunfante do que hoje é nossa especialidade.

Andreas Vesalius nasceu em Bruxelas, capital da Bélgica, em 31 de dezembro de 1514, filho de uma família economicamente diferenciada. Estudou em Paris de 1533 a 1535, exatamente na época em que, por sinal, o Brasil comemorava os primeiros anos de seu descobrimento. Diplomou-se em 1537, na cidade de Pádua com uma elevada distinção e com tal evidência que um dia depois de sua formatura, foi designado professor de cirurgia, com aprovação total da congregação. Naquela época ele já havia corrigido cerca de 220 erros nas obras de Galeno. Na verdade, não um nome que a medicina criou, mas simplesmente o inverso; um homem que fez a medicina crescer, retirando-a da letargia e do torpor até então vivida através de todos os séculos e de todos seus momentos, dando ensejo para originar a evolução dos conhecimentos sobre o corpo humano.

Mas até chegar a 1500, nossa anatomia humana era simplesmente estudada e comparada a outros animais e conseqüentemente eivada de enganos de conclusões inexplicáveis, tal como aconteceu com Hipócrates, cognominado o “maior médico da antiguidade” ou com Aristóteles que nada sabiam da nossa anatomia a não ser de alguns ossos do corpo humano. Nenhum dos dois chegaram a estudar e muito menos a examinar cadáveres. Por isso seus conhecimentos anatômicos não foram além de verem alguns músculos corporais. Verdadeiramente, o

que sabiam provinha de deduções ou através da dissecação de animais nada comparável com nossa estrutura.

Somente Herófilo teve oportunidade de dissecar alguns cadáveres, isso no Séc. IV, dois após Galeno. Não tivesse havido um incêndio e destruído seus escritos, teriam suas observações de grande valia para evitar-se 19 séculos de dubiedades anatômicas que predominaram até a era de Vesalius.

Mondino, em 1436, escreveu sobre osteologia e dissecou específicos músculos, mas somente publicados em 1478. Todos os três, ou seja, Galeno, Herófilo e Mondino chegaram a conclusões também erradas, dissecando e publicando dados anatômicos de animais, como macacos e cães. Mondino chegava a exagerar quando afirmava que o baço desembocava no fígado e que este tinha cinco lobos e que o útero era composto de múltiplos segmentos. Mesmo com tais distorções, seu livro também foi publicado sem longas contestações.

Portanto, conhecimentos de anatomia humana, só existiram a partir de 1514, quando Vesalius escreveu e publicou minuciosamente em 1543, sua incrível obra, sacudindo o mundo médico de 14 séculos de torpor que o dominavam ao publicar sua incrível obra, até hoje considerada a maior conquista da medicina ocidental, denominada "De humani corporis fabrica" ou simplesmente "Fabrica". Três anos depois, ou seja, em 1546, Vesalius, triste, desiludido e abatido pela inveja dos professores da época, resolveu mudar-se para a Espanha, onde de logo foi nomeado médico da Corte do Sacro Imperador Carlos V, ficando a serviço daquele Império até 1556.

Seu extraordinário Compêndio, popularmente conhecido por “Fabrica”, foi formado por 07 (sete) volumes.

- O Primeiro deles, voltado à estrutura óssea, foi ainda preenchido por desenhos de cinco crânios, vistos em ângulos diferentes, além de três esqueletos completos em folhas inteiras, sendo um deles, conhecido por todos nós, exatamente com 48 cm de altura e 28 cm de largura. Aliás, neste primeiro volume, ele preencheu 168 páginas.

- O Segundo deles, formado por músculos de todo corpo, foi desenhado de forma talentosa pelo maior desenhista do mundo chamado John Stephanus, por sinal assistente do pintor Ticiano.

- O Terceiro, foi dedicado às veias, às artérias e ao sistema linfático.

- O Quarto e o Quinto volumes, completamente ao sistema nervoso central.

- O Sexto, ao coração e aos pulmões e finalmente o Sétimo, sob a responsabilidade de Colombo, totalmente dedicado ao cérebro. Daí em diante não mais ele seria ignorado pelos famosos anatomistas de sua época que até então o combatiam por meras atitudes de inveja.

Os livros foram organizados sobre pranchas, desenhados por seus discípulos e logo remetidos em lombos de burros através dos Alpes para serem impressos na distante Basiléia.

Mas os leitores deverão estar interrogando sobre essa extraordinária capacidade do professor diante de um cadáver, sem nenhum artifício, sem a presença de formol, e ainda inteiramente ligado a natureza. A extra-

ordinária persistência de tais atividades o levaria a consagração, portador que era de uma vontade incomparável em aprender e de ensinar o básico da sagrada medicina. Mas tão sagrada, que a cavidade vaginal era considerada um segmento totalmente intocável pela própria formação do médico e assim mal estudada, como, aliás, afirmara o mestre posteriormente.

Mas como Vesalius conseguiu tanta força e tanta obstinação para obter tão espetacular consagração em dissecar cadáveres, quando ainda nem se sabia da existência dos fatores produtores da putrefação?

E pasmem! Os cadáveres eram guardados escondidos em seu próprio quarto de dormir. E por quê? Porque na época era antes de tudo sacrilégio, trabalhar com peças humanas.

Vesalius era tão obcecado pelo tenebroso mister, que muitos anos depois escrevera: “Durante muitas noites trabalhei à luz de vela, que por sinal as introduzia nos umbigos dos cadáveres para observar melhor e conseguir estudar suas musculaturas, tendões, ligamentos e seus órgãos”.

Hoje, “afirmara nos seus escritos”, não mais passaria tantas horas no Cemitério dos Inocentes (o maior cemitério de Paris), revirando terra a procura de ossos. Escreveu, certa vez, que estava ao lado de um amigo, do lado de fora da Universidade de Louvain, apanhando restos de corpos no cadafalso (tablado feito em local específico para os condenados serem enforcados publicamente) ou em casa preparando um esqueleto e nem teria de aguentar o odor das peças e o mau humor dos escul-

tores e pintores que me deixava mais desgostoso do que suportar os corpos que estava dissecando. E logo depois, ele acrescentaria; não mais teria o trabalho de encaminhar outras petições aos juizes franceses para atrasarem determinados dias da execução de criminosos, visando uma melhor ocasião para dissecá-los. Na mesma descrição ele prosseguia: estou certo de que não mais teria coragem de manter, durante vários dias, ou varias semanas, um cadáver em meu quarto ou de retirá-los dos túmulos e de qualquer modo suportar todos aqueles inconvenientes.

Mas desejando ganhar dinheiro com a arte, pois era também pintor e preocupado de levar adiante meus estudos, suportei todas essas coisas”. Durante as aulas e nas seções de dissecações, ele mesmo executava a tarefa, ensangüentando suas mãos e roupas ao manipular os órgãos, muitas vezes infectados e em completa decomposição. Vale ressaltar que naqueles anos não existiam luvas protetoras e nem substâncias anti-sépticas garantidas. Portanto, não é de admirar que Andreas Vesalius e seus três fieis assistentes, Colombo, Eustáquio e Falópio, tenham morrido antes de completarem 52 anos, contrastando com artistas do mesmo período, como Michelângelo, Leonardo, Ticiano e Celini, famosos pintores do mesmo período e da mesma cidade e que viveram além dos 65 anos.

Andréas Vesalius era simplesmente considerado um homem frio, determinado e ambicioso. Seu antigo mestre de anatomia, chamado Claudio Silvius, invejoso por tais ações, tão louco ficou com o conteúdo do Fábri-

ca que escreveu uma carta aberta ao Imperador Carlos Quinto.

“Imploro a Vossa Majestade que puna o doutor Vesalius, tal como ele merece esse monstro nascido e criado em vossa própria casa para que ele não envenene o resto da Europa com seu hálito no mínimo pestilento”. Na verdade tinha um hálito profundamente carregado.

Aí então, a Igreja se pôs como seu adversário. Ficou rico na Corte, mas profundamente amargurado, por ser constantemente perseguido pelos seus invejosos contestadores. Alguns de seus biógrafos afirmam que ele foi forçado a viajar a Jerusalém, imposto pela Santa Inquisição, que era um tribunal eclesiástico, para corrigir crime contra a fé católica. O fato é que, ao retornar de tal viagem morreu na Ilha Zante, nas costas da Grécia, após comemorar seus 50 anos, em 02 de outubro de 1564.

Fato digno de comentários foi a feliz coincidência de ser muito ligado a Vesalius um dos maiores pintores da Europa, o já referido John Stepanhus, que a seu convite conseguiu incluir em seus livros, desenhos até hoje considerados excepcionais. O primeiro deles então intitulado “Adão e Eva” era dedicado a uma luxuriante mulher, no chamado livro denominado EPITOME, este feito e adaptado para leitura de estudantes.

Após cinco anos de trabalhar ininterruptamente sobre cadáveres, o livro estava primoroso com soberbas ilustrações, com encadernação de veludo e com folhas de rosto em pergaminho, tendo sido considerado a mais importante contribuição da medicina ocidental.

Certa ocasião Willian Osler, o pai da medicina norte-americana, afirmou: “é o maior livro da medicina, jamais lido e jamais editado”. Por sinal, autor do seguinte pensamento: “Na ciência, o crédito vai para o homem que convence o mundo e não para o homem que teve a idéia”.

- Eustáquio, foi o mais importante e brilhante dos seus três assistentes. Por sinal também, Eustáquio chegou a produzir um livro de anatomia, só que por infelicidade do autor, esteve durante ano arquivado na Biblioteca do Vaticano. Se aquele famoso compêndio tivesse logo sido divulgado, teria rendido ao assistente, notável prestígio e teria feito à medicina avançar de maneira incomensurável tanto quanto parecido com Vesalius.

- Falópio, detectou e descreveu os ovários, as trompas e a vagina, embora tenha sido Guilherme Hank o responsável pela descoberta de que pelas trompas fosse à passagem do óvulo para o útero e assim dando ensejo às idéias modernas sobre concepção. E Colombo, exímio dissecador, que morreu muito cedo, em torno dos 60 anos, ligado às estruturas cerebrais.

O professor Eustáquio emprestou seu nome à trompa auricular, Falópio para as trompas do útero. Na verdade, Vesalius poderia ter estudado um pouco mais quando detalhou a estrutura uterina. A explicação era dada pela própria época, pois era expressamente proibido pelos franceses, estudar órgãos sexuais femininos e por isso difícil admitir seus pormenores.

Mas Vesalius era ansioso por dissecar estruturas singulares como o hímen, por exemplo. Praticamente foi vigiado constantemente pela policia francesa.

O professor Paracelso, em 1540 na Universidade de Basileia em homenagem a Vesalius e por ele influenciado, queimou todos seus antigos Tratados, inclusive o de Galeno, em protesto contra a crença de que cadáver humano era sagrado e por isso intocável.

Para concluir, nada melhor do que as palavras do próprio Vesalius:

“Nada mais útil poderia ter feito do que fornecer uma nova descrição da totalidade do corpo humano, uma vez que meus antecessores ofereceram muito pouco e escassamente foi explicado. Na verdade a Disciplina de Anatomia foi à matéria que ficou completamente desvinculada dos esquemas galenicos, abrindo espaço para a ciência soberba do corpo humano e assim enfatizando tudo a nível de uma medicina plena”.

E foi, a partir daí, que nossa ginecologia se desenvolveu, multiplicou-se pelos seus novos conhecimentos, chegando a nos dá todo esse esplendor para sua compreensão, mas acima de tudo como arte e como ciência.



Uma Biblioteca pouco conhecida

Acadêmico

Luiz de Gonzaga Braga

Barreto



Para a realização desta pesquisa sobre a 1^a. Biblioteca da Faculdade de Medicina do Recife tomei como referência inicial, a descrição que fez o Professor Dr. José Octávio de Freitas, no seu livro “História da Faculdade de Medicina do Recife – 1895 a 1943”, dando sua localização no prédio inaugurado em 1927.

Para este trabalho, examinei documentos dos arquivos da Faculdade de Medicina e uma extensa documentação da Universidade Federal de Pernambuco existente no seu Arquivo Geral. Entrevistei muitos funcionários da Universidade Federal de Pernambuco que estão ainda em atividade ou mesmo aposentados.

Das bibliotecárias Maria Orlando de Andrade Bezerra Seixas, Risoleta da Costa e Silva, Maria Zenilda Feitosa de Barros e Ivanilda Fernandes Costa Rolim colhi um verdadeiro tesouro das suas melhores observações, pois foram elas importantes protagonistas dessa história.

Com dirigentes e ex-dirigentes do Centro de Ciências da Saúde como os professores Geraldo Gomes, Edith Cordeiro, Geraldo Pereira e José Thadeu pude obter outras importantes colaborações.

Este trabalho está dirigido, precipuamente, a restaurar a memória da 1^a. Biblioteca da Faculdade de Medicina do Recife e ao exame dos primórdios da formação dos especialistas em biblioteconomia no Estado de Pernambuco e ressaltar o profícuo trabalho desses profissionais.

A Faculdade de Medicina do Recife, mesmo que idealizada em 1895 e criada em 1915, só iniciou o curso médico em 1920, formando a primeira turma, com cinco

alunos, em 1925, sendo o seu Diretor e criador o Professor Dr. José Octávio de Freitas.

Instalou-se inicialmente nas mesmas dependências da Faculdade de Farmácia, que funcionava no prédio da Escola de Engenharia, situada no Largo do Hospício. Depois se mudou para um casarão com 1º andar situado na esquina da Rua Sete de Setembro com a Rua do Riachuelo. Mesmo antes de se estabelecer no Derby, ela funcionou em outro casarão de três pavimentos, ainda hoje existente na Rua Barão de São Borja.

Somente em 21 de abril de 1927 foi inaugurado o novo prédio da Faculdade de Medicina do Recife, na Rua Amaury de Medeiros, nº 206, no Derby, onde hoje funciona o Memorial da Medicina de Pernambuco.

A localização da biblioteca, no novo prédio da Faculdade, é revelada pelo próprio Professor Dr. José Octávio de Freitas quando descreve o prédio no dia da sua inauguração, em 21 de abril de 1927: *Logo à entrada observa-se uma ampla sala dos passos perdidos, clara e arejada abundantemente e se comunicando com todos os departamentos da escola. À direita de quem entra, estão situados a portaria, a sala de armas, a tesouraria e o salão da Biblioteca;(...).*

Anos depois, por falta de espaço físico suficiente e de pessoal qualificado para essa atividade, a biblioteca passou a funcionar com precariedade, apoiada apenas pelo Professor Costa Pinto e por um funcionário que ele lograra contratar. Mesmo assim, em 1946 a frequência dos alunos à biblioteca, de março a dezembro daquele ano, foi em média de 100 alunos por mês.

Em 1951 o diretor da Faculdade informava no seu relatório sobre a Biblioteca: *“Os trabalhos dessa secção, conforme acentuei no relatório passado, continuam paralisados a falta de um bibliotecário. Entretanto, mais de 200 volumes foram adquiridos estando a espera de catalogação.”*

O Professor Geraldo Gomes, quando Diretor do Centro de Ciências da Saúde, de 1984 a 1988, com muita surpresa, localizou, no acervo daquela unidade, um filme muito antigo, com a duração de 33 minutos, sobre a Faculdade de Medicina que, por estar danificado, mandou recuperar no Rio de Janeiro. No filme não tem qualquer anotação de data, no entanto, presume-se que foi produzido em 1932. A película não dispõe de som na sua gravação. Há cenas da Biblioteca, com estudantes sentados ao redor de uma grande mesa consultando suas publicações. No preâmbulo dessas cenas aparecem as legendas abaixo:

“A BIBLIOTHECA DA FACULDADE, ampla, bem tratada e grandemente frequentada pelos estudantes durante todos os dias úteis, fica numa das extremidades do edifício escolar, dando para uma das margens do opulento rio Capibaribe. O silêncio e a bellésa das paysagens que dahi se divisam, convidam ao estudo e a meditação.”

O Professor Alexandre dos Santos Selva Junior, diretor da Faculdade de Medicina, em 1952, decidiu restaurar a biblioteca e de comum acordo com o Reitor Joaquim Amazonas, foi convocada a bibliotecária Maria Orlando de Andrade Bezerra Seixas, funcionária da Faculdade de Medicina, que estava em treinamento na Faculdade de

Direito, para organizar a nova biblioteca. Verificou-se a necessidade de sua instalação em novo espaço, mais amplo do que o existente. Para isso foi alugado um prédio, pela Reitoria da Universidade do Recife, na Rua Amaury de Medeiros, nº 200. Os espaços foram adaptados convenientemente e providenciadas as instalações necessárias.

De 1952 a 1958 foram contratados novos técnicos que participaram de cursos na especialidade, notadamente, no Curso de Biblioteconomia criado pela Universidade do Recife e alguns outros de treinamentos da especialidade em centros do Brasil ou do exterior. Exereram suas funções nessa instituição, até janeiro de 1958, as seguintes bibliotecárias: Maria Orlando de Andrade Bezerra Seixas, Risoleta da Costa e Silva, Maria Anelcira Falcão de Barros, Ivanilda Fernandes Costa Rolim, Martha Lobo Cabral de Vasconcelos, Antônio Nunes da Silva e Ana Lúcia Barros Coelho.

O primeiro Curso de Biblioteconomia realizado no Estado de Pernambuco aconteceu em 1948, sendo patrocinado pela Prefeitura do Recife. Nesse sentido ela enviou três dos seus funcionários, Edson Nery da Fonseca, Milton Ferreira de Melo e Jorge Abrantes para fazerem cursos na Biblioteca Nacional e na Escola de Biblioteconomia de São Paulo.^{1*}

O treinamento patrocinado pela Prefeitura funcionou durante dois anos, promovendo dois cursos que foram organizados e dirigidos pelo Professor Edson Nery da Fonseca que atuou também como professor. Desses

1* NEVES, Fernanda Ivo. Memória Histórica, Recife: CRB-4, 1997. 30 p.

cursos participaram as bibliotecárias da Universidade Zuleide Medeiros de Souza, Cordélia Robalinho de Oliveira Cavalcanti e Eunice Robalinho de Oliveira Cavalcanti.

Paralelamente, a Universidade criou o Curso de Biblioteconomia, em 13 de janeiro de 1950, que foi organizado e dirigido pelo professor Edson Nery da Fonseca.

Maria Orlando de Andrade Bezerra Seixas foi a primeira bibliotecária da Faculdade de Medicina da Universidade do Recife. Nasceu nesta cidade do Recife, em 25 de junho de 1916, sendo sem dúvida a mais antiga bibliotecária viva da instituição. Ingressou na Universidade do Recife como bibliotecária-auxiliar, em 1º de outubro de 1949. Fez o Curso Superior de Biblioteconomia da Universidade do Recife, tendo concluído em 10 de dezembro de 1951. Fez também inúmeros outros cursos relacionados com sua profissão.

Maria Orlando de Andrade Bezerra Seixas aposentou-se em 3 de agosto de 1982, depois de mais de trinta anos de serviços prestados à Faculdade de Medicina da Universidade do Recife.



**Os Primórdios da Cirurgia Cardíaca
em Pernambuco**

Acadêmico

Carlos Roberto Ribeiro Moraes



No início da década de 1950, alguns cirurgiões pernambucanos começaram a se interessar por uma nova especialidade, a cirurgia cardíaca, a qual dava seus primeiros passos nos Estados Unidos e na Europa. Os mais ativos foram Luiz Tavares da Silva, Joaquim Cavalcanti, Eduardo Wanderley Filho e Salomão Kelner. Luiz Tavares da Silva destacou-se dos demais e foi inegavelmente o grande desbravador da cirurgia cardíaca em Pernambuco.

Luiz Tavares era filho do Prof. Arsênio Tavares, catedrático de Clínica Cirúrgica da Faculdade de Medicina do Recife, de quem recebeu primorosa educação. Graduou-se pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, em 1939, e, retornando ao Recife, enveredou por diversos ramos da cirurgia até decidir dedicar-se à cirurgia torácica. Sua formação básica nessa especialidade foi feita em Leeds, Inglaterra, com o famoso cirurgião Philip Allison, de quem se tornou grande amigo. Em 1956, após brilhante concurso, Luiz Tavares substituiu seu pai na Cátedra de Clínica Cirúrgica da Faculdade de Medicina, cargo que ocupou até se aposentar em 1978.

Luiz Tavares realizou sua primeira comissurotomia mitral em 1951, num paciente referido pelo Dr. Paulo Borba. Segundo me relatou antes de sua morte, em 1994, essa operação foi realizada no Hospital do Centenário, onde funcionava o serviço do Prof. Arsênio. A anestesia foi feita pelo Dr. Nelson Falcão. A partir de então, e sobretudo após um segundo estágio na Inglaterra, onde adquiriu as suas expensas grande quantidade de material cirúrgico, Luiz Tavares estabeleceu, no Hospital do Centenário, o centro inicial da cirurgia cardíaca em Pernambuco, realizando co-

missurotomia mitral, ligadura do canal arterial, ressecção de coarctação da aorta, operação de Blalock-Taussig e ressecção de aneurisma da aorta.

No início da década de 50, o Hospital do Centenário já não era aquele “hospital-modelo” da época de sua inauguração (1925), mas, juntamente com o Pedro II, o Santo Amaro, o Oswaldo Cruz, o Hospital Infantil, o da Tamarineira, o Pronto Socorro da Fernandes Vieira e as maternidades estaduais, era um dos importantes hospitais-escola da Faculdade de Medicina do Recife.

Naquele prédio da Av. Rosa e Silva – hoje Hospital dos Servidores Públicos Estaduais – funcionavam alguns serviços universitários entre os quais o do Prof. Eduardo Wanderley e o do Prof. Arsênio Tavares, titulares, respectivamente, das Cadeiras de Técnica Operatória e de Clínica Cirúrgica.

O Hospital do Centenário pode ser considerado, portanto, o núcleo inicial da cirurgia cardíaca em Pernambuco.

O serviço de Luiz Tavares no Hospital do Centenário sofreu um grande impulso com a criação, em 1956, do Instituto de Cardiologia da Universidade do Recife. Essa instituição, fundada pelo Professor Fernando Simões Barbosa com auxílio da Fundação Rockefeller, CAPES e CNPq, ocupava parte do 2º andar do Hospital Pedro II que na época abrigava a maioria das clínicas da Faculdade de Medicina.

O sesquicentenário Hospital Pedro II (cujo nome oficial é “Hospital São Pedro de Alcântara”) foi projetado pelo engenheiro pernambucano José Mamede Alves

Ferreira, sendo inaugurado no dia 10 de março de 1861, 14 anos após o lançamento de sua pedra fundamental.

Com suas amplas enfermarias, constituiu-se, desde seus inícios, um importante centro de treinamento para “médicos, cirurgiões, obstetras e enfermeiros” da região e em 1946, quando do convênio firmado entre a Santa Casa de Misericórdia e a Faculdade de Medicina, assumiria oficialmente a posição de Hospital-Escola. Teve, nos meados da década de 50, sua fase de esplendor, para a qual contribuiu, de uma maneira importante, a criação do Instituto de Cardiologia.

O Instituto tinha instalações simples, mas adequadas, equipamentos modernos e uma exemplar rotina de trabalho. Era um centro de referência na assistência clínico-cirúrgica das doenças cardiovasculares, muito voltado à pesquisa. Possuía ambulatório, laboratório de análises clínicas, departamento de hemodinâmica e angiocardiografia, departamento de métodos gráficos, departamento de radiologia e um setor de anatomia patológica. Criou-se também o Departamento Cirúrgico do Instituto, tendo Luiz Tavares assumido a chefia. Logo, procurou angariar recursos (no que era um mestre) para a construção das instalações apropriadas à cirurgia cardíaca no Hospital Pedro II. Enquanto isso, a conseqüência natural da criação do Instituto foi o aumento do número de casos enviados para cirurgia no Hospital do Centenário. Em 1959, após o falecimento do Professor Simões Barbosa, Luiz Tavares assumiu a Direção do Instituto de Cardiologia. No fim desse mesmo ano, foram inauguradas as instalações do Departamento de Cirurgia do

Instituto de Cardiologia no Hospital Pedro II e começaram os preparativos para o ingresso na era da circulação extracorpórea.

Um dos aspectos que mais preocupavam Luiz Tavares era a qualificação da enfermagem. Da França, veio contratada a enfermeira Eliane (Lili) Levêque. Ela conseguiu reunir no Instituto um grupo de enfermeiras competentes.

A utilização clínica da circulação extracorpórea foi precedida por experimentação em cães, realizada no serviço de cirurgia experimental da Faculdade de Medicina.

Em 15 de janeiro de 1960, Luiz Tavares realizou com sucesso a primeira cirurgia cardíaca, sob visão direta, no Norte e Nordeste do Brasil, utilizando hipotermia de superfície e oclusão temporária das veias cavas para corrigir uma estenose pulmonar valvar numa paciente de 25 anos de idade.

Em 11 de abril do mesmo ano, aquele brilhante cirurgião corrigiu uma comunicação interatrial empregando, pela primeira vez na Região, a circulação extracorpórea. Recife passou a ser, depois de São Paulo e do Rio, a terceira cidade do País a realizar esse tipo de cirurgia. A paciente, uma jovem mulher de 33 anos, teve excelente evolução.

A equipe cirúrgica do Instituto de Cardiologia era composta, além de Luiz Tavares, pelos cirurgiões Mauro Arruda, Milton Lins, Mauricio Bouqvar e por mim. Durante a década de 1960 todo o desenvolvimento da moderna cirurgia cardíaca se deu no Hospital Pedro II. As mais inovativas técnicas de correção de doenças

congênitas do coração, plastias e substituições valvares, ressecções de aneurismas da aorta e a cirurgia coronária foram realizadas por esse grupo de cirurgiões. Esse núcleo pioneiro foi o marco zero a partir do qual os conhecimentos da nova especialidade puderam se irradiar para outros cirurgiões permitindo a criação de serviços em outros hospitais, especialmente no Hospital Português e no Hospital Oswaldo Cruz.

